



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE POS GRADUÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**LUDMILLA SILVA DE OLIVEIRA**

**RITO SAGRADO: RESSIGNIFICAÇÕES DA LITURGIA  
PÓS-CONCÍLIO VATICANO II**

São Cristovão-SE  
2019

**LUDMILLA SILVA DE OLIVEIRA**

**RITO SAGRADO: RESSIGNIFICAÇÕES DA LITURGIA  
PÓS-CONCÍLIO VATICANO II**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito final para obtenção do título de mestre.

Orientador:

Profº. Dr. Luís Américo Silva Bonfim

São Cristovão-SE  
2019

### **Dados de Catalogação na Publicação (CIP)**

O48r	<p>Oliveira, Ludmilla Silva de</p> <p>Rito Sagrado: ressignificações da liturgia pós-concílio Vaticano II / Ludmilla Silva de Oliveira; orientador Prof. Dr. Luís Américo Silva Bonfim. - São Cristóvão, 2019. 114 f.: il.</p> <p>Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciência da Religião, 2019.</p> <p>1. Missa. 2. Concílio Vaticano II. 3. Rito. I. Bonfim, Luís Américo Silv, orientador. II. Título. II.</p> <p>CDU: 272/273</p>
------	--

Ficha catalográfica elaborada por Antonio Edilberto Costa Santiago, bibliotecário,  
CRB- 5/298.

**RITO SAGRADO: RESSIGNIFICAÇÕES DA LITURGIA  
PÓS-CONCÍLIO VATICANO II**

**LUDMILLA SILVA DE OLIVEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito final para obtenção do título de mestre.

Nota: \_\_\_\_\_

Data de Apresentação: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>o</sup>. Luís Américo Silva Bonfim  
Orientador (UFS)

---

Profa. Dr<sup>o</sup>. Péricles Moraes de Andrade Junior  
Membro Interno (UFS)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Adilson Alciomar Koslowski  
Membro Externo (UFS)

Dedico este trabalho a minha família, que sempre foram exemplo, apoio, força, coragem, dedicação, superação e amor. Em especial as minhas filhas: Maria Valentina e Alexsandra! Sem vocês eu nada seria e nada realizaria. Amo vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por eu ter conseguido vencer todos os obstáculos que encontrei ao longo desses anos que exigiu de mim muita dedicação.

Aos meus pais, Jocelino e Rosália, a minha avó Maria Nilza e as minhas filhas Maria Valentina e Alexsandra pelos exemplos que são na minha vida, pois não sei o que seria de mim sem vocês, a quem devo tudo e dedico esta vitória, AMO VOCÊS! Aos meus irmãos, tios, tias, sobrinhos, cunhados, cunhadas, primas pela admiração e carinho, meu amor por vocês é inexplicável. Desculpe a ausência!

Em especial, ao meu querido orientador Prof. Luís Américo que não mediu esforços para mediar todo seu conhecimento para comigo quando das nossas orientações e em qualquer outra coisa que precisasse, acreditando em mim e fazendo com que eu não desistisse. Gratidão por tudo, que Deus te abençoe sempre.

Aos professores Péricles Moraes de Andrade Junior e Adilson Alciomar Koslowski que aceitaram participar da minha banca de defesa contribuindo para o aprimoramento dessa pesquisa.

Aos coordenadores do curso durante minha passagem: Cicero Cunha Bezerra e Joe Marcal Goncalves dos Santos que em muitos momentos me ajudaram salvando e compreendendo todas as minhas dificuldades. Meu muito obrigada!

Ao meu primeiro orientador José Rodorval Ramalho pela sugestão do tema e por mostrar os primeiros caminhos que fizeram chegar até aqui. Obrigada!

Aos amigos que conquistei na UFS e que fizeram parte da minha formação, obrigada pela amizade. Levarei vocês na minha vida sempre. Não quero ser injusta e não irei mencionar nomes, mas sintam-se lembrados.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião por compartilharem comigo seus conhecimentos.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste sonho. Obrigada a todos!

Perseverar é não desistir é insistir mesmo que tudo seja contrário. Só persevera quem tem fé, só tem fé quem tem Deus, quem tem Deus não luta sozinha.

Perseverar é atitude de forte, de corajoso, e determinado pois, leva no coração a certeza de que por mais difícil que seja a situação, se perseverar Deus irá o honrar e recompensar por seus esforços.

Yla Fernandes

## RESUMO

A ritualização é uma das principais características de institucionalização da Igreja Católica. Suas celebrações sempre envolveram elementos suntuosos que fascinam pela beleza, cor e música, valorizando e ornamentando os ritos. Sendo assim um dos centros da discussão do Concílio Vaticano II foi, justamente, a natureza da liturgia católica. A dissertação visa através de um estudo bibliográfico e pesquisa empírica elencarem os pontos de divergência da missa tridentina ou missa de sempre e da missa nova. A pesquisa bibliográfica se dará por fontes primárias e secundárias e o trabalho empírico inicialmente por perguntas semiestruturadas realizadas no grupo que segue a Tradição em Sergipe além de grupos que seguem a tradição em redes sociais. O estudo será quali-quantitativo, pois, não apenas contabilizará essas divergências, mas analisará os fatos e mostrará elementos sociais que partem desses indivíduos aos buscarem a memorização desse rito. Os resultados mostram uma sociedade de costumes conservadores nos mais diferentes âmbitos: gênero, social, educacional, político, religioso. Por fim, mostro que longe de serem apenas dois grupos a diversidade do prisma católico leva a um conjunto de nomenclaturas de cristãos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Costumes. Sociedade. Rito. Missa tridentina. Missa nova. Concílio Vaticano II.



## **ABSTRACT**

Ritualization is one of the main institutionalization characteristics of the Catholic Church. His celebrations have always involved sumptuous elements that fascinate with beauty, color and music, valuing and ornamenting the rites. Being thus one of the centers of the discussion of the Second Vatican Council was, precisely, the nature of the catholic liturgy. The dissertation aims through a bibliographical study and empirical research to list the points of divergence of the tridentine mass or the usual mass and the new mass. The bibliographic research will be done by primary and secondary sources and the empirical work initially by semi-structured questions made in the group that follows the Tradition in Sergipe as well as groups that follow the tradition in social networks. The study will be qualitative and quantitative, as it will not only account for these differences, but will analyze the facts and show the social elements that depart from these individuals as they seek the memorization of this rite. The results show a society of conservative customs in different areas: gender, social, educational, political, religious. Finally, I show that far from being just two groups, the diversity of the Catholic prism leads to a set of Christian nomenclatures.

**KEYWORDS:** Mores. Society. Rite. Tridentine Mass. New Mass. Vatican Council II.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	– Igreja no Povoado Rio das Pedras	64
<b>Figura 2</b>	– Foto do grupo original	65
<b>Figura 3</b>	– Foto oficial dos pastores com o Papa à época	67
<b>Figura 4</b>	– Quadro comparativo apresentado pela FSSPX	69
<b>Figura 5</b>	– Modéstia Feminina	88
<b>Figura 6</b>	– Posição de meninos e meninas na missa	90

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC	– Catecismo da Igreja Católica
CET	– Concílio Ecumênico de Trento
SC	– <i>Sacrosactum Concilium</i>
GME	– <i>Guadet Mater Ecelesia</i>
GAL	– Gálatas
UFS	– Universidade Federal de Sergipe
FSSPX	– Fraternidade Sacerdotal São Pio X
RJ	– Rio de Janeiro
LDB	– Lei de Diretrizes e Base
ECA	– Estatuto da Criança e do Adolescente
PRB/MG	– Partido Republicano Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2</b>	<b>CONTEXTO HISTÓRICO E PRINCIPAIS DOCUMENTOS</b>	21
2.1	CONCÍLIO DE TRENTO	21
2.2	CONCÍLIO VATICANO I	25
2.3	CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO DO CONCÍLIO VATICANO II	26
2.4	OS PRINCIPAIS DOCUMENTOS DOS CONCÍLIOS LIGADOS A LITURGIA	34
2.4.1	<i>Bula Quo Primum Tempore X Motu Proprio Summorum Pontificum</i>	34
2.4.2	<i>Constituição Sacrosanctum Concilium</i>	35
<b>3</b>	<b>ASPECTOS DESCRITIVOS DOS RITOS E DOS PRINCIPAIS GRUPOS</b>	39
3.1	REFORMA LITÚRGICA: MISSA NOVA X MISSA TRIDENTINA	39
3.2	O RITO E SUAS REPRESENTAÇÕES	44
3.3	DESCRIÇÃO DA MISSA TRIDENTINA	46
3.4	MISSA PÓS-CONCÍLIO VATICANO II SEGUNDO AS RUBRICAS	49
3.5	DOM LEFEBVRE E A FRATERNIDADE SÃO PIO X	51
3.6	ADMINISTRAÇÃO APOSTÓLICA PESSOAL SÃO JOÃO MARIA VIANNEY	54
3.7	A FORMAÇÃO DO GRUPO SERGIPANO	56
3.8	CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS	65
3.9	A HERMENÊUTICA DA CONTINUIDADE DE BENTO XVI	70
<b>4</b>	<b>QUESTÕES ALÉM DO RELIGIOSO- PERFIL SOCIAL DOS LEIGOS</b>	74
4.1	MODERNIDADE, RELIGIÃO E REDES SOCIAIS	75
4.2	MULHER: FAMÍLIA, MORAL, GÊNERO E MODÉSTIA	86
4.3	A EDUCAÇÃO EM DEBATE	101
4.4	POLÍTICA E RELIGIÃO	104
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	106
	REFERÊNCIAS	110

## 1 INTRODUÇÃO

Entender a religião a partir de uma abordagem social e interpretativa tem se mostrado uma importante ferramenta metodológica para a sua compreensão e dinâmicas dentro da sociedade. Diante disso, o estudo inicia-se num domingo à tarde, num povoado chamado Rio das Pedras a 6 km do centro de Itabaiana, cidade do interior sergipano conhecida por seu comércio, por seu título de “Capital nacional do caminhão” e por uma das belezas naturais mais deslumbrantes do estado, a Serra de Itabaiana e o Parque dos Falcões.

Nesse lugar de pessoas simples, encontrava-se<sup>1</sup> a rememoração de uma das tradições mais antigas dentro da Igreja Católica. Os trajes formais dos homens, o uso de véus pelas mulheres, o silêncio perturbador quebrado pelo canto gregoriano e a disposição diferenciada do altar são os primeiros elementos que saltam aos olhos.

Inicialmente a dissertação tinha como objeto os paramentos litúrgicos e suas mudanças e o processo de secularização<sup>2</sup> sofrido pelos mesmos pós Concílio Vaticano II (1962-1965). Após qualificação no final de setembro de 2015 e em busca de uma maior relevância da pesquisa, resolveu-se abranger o enfoque do mesmo e voltar nosso olhar para a liturgia. Mais especificamente a missa, nesse caso a retomada da missa tridentina pós *Motu Próprio* do Bento XVI, em 2007, e a comparação com a chamada missa nova<sup>3</sup>.

Anunciado em 07 de julho de 2007 pelo Papa Bento XVI o *Motu Proprio Summorum Pontificum*, que em latim significa “dos Sumos Pontífices”, dava liberdade a todos os padres do mundo, independente de autorização de seus superiores hierárquicos, para celebrarem a Missa na forma ritual tridentina.

Essa celebração tenta restaurar no rito católico, o Cânon Romano que tem sua origem no tempo de São Gregório Magno (590-604). Para tanto, o latim, dito pelos tradicionais com língua universal da fé voltaria como fator de preservação contra elementos estranhos e possíveis abusos do rito que segundo São PIO V, no

---

<sup>1</sup> Como será discutido explicado no restante da pesquisa houve inúmeras mudanças no local de celebração da missa e também do seu celebrante.

<sup>2</sup> Processo pelo qual a Igreja perde sua influencia sobre as variadas esferas da sociedade. Esse termo e o tema acerca disso serão discutido também de forma mais ampliada dentro da dissertação.

<sup>3</sup> Modo como os adeptos da missa tridentina se referem a missa pós concílio Vaticano II.

seu *Quo primum tempore* a alteração do cânon traria sansões, refletidas e repetidas sempre pelos adeptos. Antes do Cânon, o sacerdote oferecia a Deus pão e vinho, depois, segundo a fé católica, rezava o Canôn, *Versus Deum*, oferecendo a Deus *in persona Christi* o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Cristo, confirmando assim, a fé na Transubstanciação (CIC, 1951).

A missa tridentina era algo desconhecido até por fieis de outras paróquias e para saber de sua existência recorri ajuda da internet e de sites onde se encontram todos os locais onde esse tipo de celebração é realizado no Brasil como também seus horários. Nesse primeiro momento o grupo visualizou minha presença como mais uma curiosa que entrava na Igreja para assistir a missa enquanto aguardava a missa seguinte. Ao fim da celebração me apresentei ao Padre que com espanto me dizia que o caminho da pesquisa seria duro, pois se tratava de um tema “espinhoso” visto como tabu desconfiança e desprezo por outros celebrantes e por desconhecimento por parte da grande parcela de fiéis.

A ritualização é uma das principais características de institucionalização da Igreja Católica. Suas celebrações sempre envolveram elementos suntuosos que fascinam pela beleza, cor e música, valorizando e ornamentando os ritos. Dentre estes elementos destacamos os paramentos litúrgicos, que são as vestes sacerdotais empregadas em cerimônias como a Santa Missa, o Ofício Divino, os Sacramentos e os Sacramentais, utilizados por padres, Bispos, Papas e diáconos.

A missa tridentina como é normalmente chamada ou “missa de sempre” como os adeptos a ela costumam se referir, nunca foi abolida, porém viu-se durante muito tempo esquecida ou até “marginalizada” da grande maioria dos católicos. Seu retorno se deve em partes à grande resistência de grupos conservadores que desde o papado de São João Paulo II tenta aprovação de Roma para a retomada da mesma.

Tudo se inicia com o Concílio Vaticano II que é considerado um momento em que a igreja católica tentou, justamente, esse *aggiornamento*, essa adaptação aos “ventos modernos”, uma aproximação com um padrão social que, no centro de suas preocupações, buscava uma racionalidade eficiente em todas as suas esferas de ação. Isso significa, entre outras, que a mentalidade moderna tende a afirmar, no seu cotidiano, tudo que seja funcional, útil, prazeroso, rápido.

Um dos centros da discussão conciliar foi, justamente, a natureza da liturgia católica nesse mundo cada vez mais globalizado, culturalmente plural, pragmático e

hedonista. Os resultados dessa discussão foram de grande impacto, pois reestruturou o centro litúrgico da vida católica, a missa. Aqui, o grande desafio foi integrar as riquezas culturais nativas à tradição ritualística católica. Ainda hoje, as polêmicas sobre a liturgia alimentam boa parte dos fiéis dessa tradição religiosa, pois as interpretações sobre as decisões do Vaticano II continuam se mostrando diversificadas e provocando consequências concretas no cotidiano da igreja em redor do mundo.

Em meio a esse dilema a missa e sua simbologia entram para o centro de um debate que divide o mundo católico em duas frentes. Para Padre São Pio X<sup>4</sup> a missa é a renovação do sacrifício de Cristo na Cruz

“O sacrifício da missa é substancialmente o mesmo que o da Cruz, porque o mesmo Jesus Cristo, que se oferece sobre a Cruz, é que se oferece pelas mãos do sacerdote seus ministros, sobre os nossos altares” (CATECISMO MAIOR DE S. PIO X, p34)

É no meio dessas discussões e passados cinquenta anos do concílio que cada vez mais jovens, em média de 18 a 37 anos, sentindo-se “órfãos” da simbologia e da suntuosidade da maior instituição da história vão a busca desse revivamento do sagrado. Apoiados em comunidades resistentes como a Fraternidade São Pio V no mundo e a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianey, Monfort e Centros Católicos espalhados nas cinco regiões no Brasil essas, pessoas se unem em busca do que elas acreditam ser a “verdadeira Igreja de Cristo”, não apenas na celebração litúrgica mais em todos os âmbitos que envolvem sua vida, principalmente a família costumes e a moral.

Dentro de suas rubricas a missa pós conciliar não prever as chamadas “criatividades litúrgicas”, porém as diversas brechas que dão margem as mais variadas “inculturações, ou profanações” como gostam de chamar os tracionalistas faz dela uma missa que muda a depender da localidade, do padre que a celebra e do período litúrgico. O fato de ter-se traduzido pro *multis* (por muitos) para uma versão não literal: por todos, trouxe a missa um novo sentido interpretativo da Doutrina da Salvação uma “visão errada” da verdadeira maneira que traz a salvação,

---

<sup>4</sup> 257º Papa da Igreja Católica, grande defensor da ortodoxia doutrinária, que introduziu grandes reformas na liturgia e codificou a Doutrina da Igreja.

dando a entender que todos serão salvos por meio de outros sacrifícios, o que abre margem para ignorar qualquer ação pessoal na busca pela graça salvífica.

Dentro desse universo e em busca de melhores respostas sobre a Tradição, foi necessária a pesquisa de campo e passei a frequentar o grupo que assistia as missas todos os primeiros e terceiros domingo de cada mês. Desde o início o grupo se mostrou acolhedor, porém observava com desconfiança meu interesse e pesquisa. O primeiro contato com um fiel foi por intermédio de meu orientador a época e de uma apresentação ao fim da celebração feita pelo padre. Desde outubro de 2015 que vou às missas aqui em Sergipe e em novembro desse mesmo ano fui a minha primeira missa em Salvador. Cidade próxima que também dispõe desse tipo de celebração e de um grupo similar ao de Aracaju.

A diferença dos grupos podia se fazer sentir até pela forma como fui acolhida. No primeiro nunca me fizeram imposição de vestimentas ou do véu, elemento característico das mulheres que se fazem presente a esse rito. No segundo fui aconselhada a estar de vestido abaixo do joelho e que cobrisse a cabeça com qualquer lenço visto que assim não seria “olhada” pela assembleia e poderia me “misturar” melhor dentro do grupo.

Outro ponto de coleta de dados foram padres que celebram e não celebram a missa tridentina. Para minha grata surpresa os padres da missa tridentina se mostraram muito abertos e interessados em dar seu depoimento e com domínio doutrinário muito extenso, porém os padres que celebram apenas a missa nova se mostraram desconfiados e em muitos casos preferiam se omitir de responder e sempre me aconselhavam a falar com o padre celebrante da missa tridentina na cidade.

Além da pesquisa de campo com observação direta, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e análise, obtive dos documentos que formam todo o arcabouço dogmático das duas celebrações e da história das duas instituições em nível nacional e internacional que melhor fundamenta a permanência da missa tridentina. Desde o início nesse caso tive mais acesso aos documentos do Concílio Vaticano II, ainda mais por conta das festividades dos seus 50 anos e do lançamento de inúmeros livros religiosos trazendo a tona uma infinidade de temas sobre o concílio. Já sobre a missa tridentina foi preciso a familiarização do tema, lendo artigos pontuais pela internet que tratavam do Concílio de Trento e tendo



contato com o ordinário da missa que para mim era algo absolutamente novo. O latim também era algo que ao primeiro contato parecia algo totalmente indecifrável.

Sendo assim, irá se considerar o objeto de pesquisa dentro do seu contexto histórico de produção e religiosidade, tentando revelar os motivos que levaram tanto o grupo de Sergipe como outros jovens espalhados pelo país a buscarem essa retomada, bem como a análise comparativa que será utilizada como forma de, através da confrontação entre as duas formas celebrativas da missa revelar semelhanças e diferenças perdas e ganhos, rastreando influências culturais.

Por isso, consultamos fontes primárias e secundárias que indicaram os elementos de ambas as celebrações e dos participantes que buscam a retomada da forma extraordinária, análise formal e descritiva das mesmas além de confrontar a variedade de elementos e símbolos encontrados em ambas as celebrações e dos argumentos sociais por essa demanda pós *Motu Proprio*.

A ida a essa celebração era também algo que me intrigava, pois a mesma acontecia em um povoado aos pés da serra de Itabaiana, sendo passagem para um dos principais pontos turísticos do Estado o parque dos Falcões. O local não possuía asfalto, sendo a estrada em chão de terra as margens da BR 235. Desde o início me chamava à atenção o fato da missa não ter a participação de ninguém da comunidade. Todos os adeptos vinham de outras cidades do estado.

Já em pesquisa por artigos ou publicações acadêmicas o que me chamou a atenção foi à escassez de textos que abordassem especificamente sobre o tema. Em muitos casos eram o contexto histórico dos concílios ou sobre algum aspecto que ressaltava. Os destaques ficam para a dissertação de mestrado de Juliano Dias (2009), e o seu *Sacrificium Laudis* e o artigo do Rodrigo Portela (2014) que busca entender justamente essas identidades católicas que retornavam ao passado em busca de elementos antes do concílio em especial a missa em latim como ele se refere.

Dias (2009) inicia seu trabalho falando primeiro sobre a missa nesse caso ele diz que o ritual de adoração a Deus se configurou em um *Sacrificium laudis* (Sacrifício de Louvor). Porém, é aí que se encontra o grande conflito dentro da igreja. Ele se refere também as mudanças dos missais e ao fato que essas

mudanças foram o epicentro do cisma lefebvrista<sup>5</sup> que teve seu auge com a questão litúrgica. Essa discussão traz um embate segundo o autor entre as duas formas rituais, a de São Pio V, embasada no caráter sacrificial, e a de Paulo VI, mais “moderna e simples”, que tenderia às inovações modernistas, segundo os lefebvristas.

Depois Dias (2009), fala da eleição de Bento XVI em 2005, suas ações no sentido de restaurar a forma litúrgica tridentina e propor reformas na liturgia de Paulo VI, alicerçando um novo meio para os tradicionais. Ele também faz uma comparação das duas formas rituais que será explanada melhor ao longo do texto tentando entender as consequências para o catolicismo e para o mundo dessas retomada.

Já Portela (2014), discute sobre a sensibilidade manifestada por grupos que, na Igreja Católica, identificam elementos litúrgicos, devocionais e teológicos preponderantemente anteriores ao Concílio Vaticano II. Seu artigo fala dessas recuperações litúrgicas como simulacros de uma Igreja que não se viveu um saudosismo. Como questão de fundo se coloca o argumento de que a tradição não necessita ser identificada como algo estático e sem mobilidade. Ele usa como elemento condutor de seu trabalho a retomada da missa tridentina.

A busca por respostas a essa retomada se fundamentou na leitura de documentos históricos, sites religiosos, redes sociais e pesquisa social. Nesse ponto o trabalho de campo me proporcionou uma melhor descoberta e fundamentação teórica do objeto de pesquisa e a mediação dos agentes da análise e a produção de informações dos mesmos. Nesse sentido Deslandes, (1994) destaca dois pressupostos desse método de análise.

O primeiro diz respeito à ideia de que não há consenso e nem ponto de chegada ao processo de produção do conhecimento. Já o segundo se refere ao fato de que a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta. O primeiro nível de interpretação que deve ser feito é a conjuntura socioeconômica e política do qual faz parte o grupo social a ser estudada, a história desse grupo. (DESLANDES, 1994, p. 77)

---

<sup>5</sup> Mas adiante na pesquisa será explicado sobre Dom Lelebvre. Bispo visto pelos adeptos da tradição grande conservador da verdadeira Igreja de Cristo e um dos líderes do chamado Movimento Litúrgico que era contrário às mudanças da liturgia da missa principalmente.

Assim sendo, é preciso dar significado às construções e medidas das estruturas sociais. Esses indivíduos possuem identidade e são identificados por classes sociais, faixa etária, costumes e se configuram especificamente dentro de um contexto social. Em outras palavras, o cientista da religião é apenas alguém que associa suas investigações a um contexto religioso, tentando ver o mesmo a partir de uma totalidade e de como essa totalidade se encontra viva e não para de se transformar.

Nesse sentido Greschat (2005), afirma que as religiões podem ser estudadas por quatro aspectos: como comunidade, como sistemas de atos, como conjunto de doutrinas ou como sedimentação de experiências. Sobre esses aspectos e trazendo para a pesquisa esses aspectos podemos dizer que a comunidade no caso o grupo de jovens sergipanos inicialmente e depois o grupo nacional através da rede social Whatsapp foi o primeiro elemento de destaque do trabalho, visto que baseados em doutrinas e dogmas pré-conciliares eles foram o primeiro objeto de estudo e motivação do trabalho.

Ou seja, à medida que ampliamos o nosso conhecimento sobre temas controversos religiosos podemos compreender qual o referencial ético e moral do grupo. Esses comportamentos nos dão a entender a leitura que a Ciência da Religião tem com a transdisciplinaridade possibilitando um diálogo e uma convivência.

Seguindo esses aspectos podemos falar dos atos rituais que incluem gestos e termos simbólicos compreensíveis a partir do momento em que nos tornamos familiares com o sistema a qual elas estão inseridas. Por isso, que entender seus principais elementos rituais é preciso estudar suas doutrinas.

Um símbolo litúrgico será necessariamente simples, pois a realidade que ele nos faz penetrar é também simples, como o é o Criador de todos, os mistérios fala de um dos interlocutores em conversa informal e exposta de forma contextualizada. “Portanto, não desprezemos os gestos, as palavras ditas, as vestes, o rito sagrado, por sua simplicidade, para não correremos o risco de desprezarmos também o mistério que esses símbolos escondem e apontam. Se um homem enamorado devoto às cartas de sua namorada o amor que dirige à sua autora, muito mais devemos nós, também, zelar para que a santa missa seja sempre honrada e respeitada, em toda a sua inteireza”.

A Eucaristia é um mistério altíssimo, é propriamente o Mistério da fé, como se exprime a Sagrada Liturgia: Nele só, estão concentradas, com singular riqueza e variedade de milagres, todas as realidades sobrenaturais. [...] Sobretudo deste Mistério é necessário que nos aproximemos com humilde respeito, não dominados por pensamentos humanos, que devem emudecer, mas atendo-nos firmemente à Revelação divina (CARTA ENCÍCLICA MYSTERIUM FIDEI, 20).

As palavras do papa Paulo VI ajudam-nos a compreender o papel da sagrada liturgia. Somos, por natureza, apegados aos sentidos. Diante de uma realidade sobrenatural, como o é a santa missa, a liturgia vem em nosso socorro, para que, através de símbolos e gestos concretos, alcancemos o entendimento daquilo que pela fé cremos. Não que se exija do fiel que o mistério seja plenamente entendido, pois este é, antes, para ser crido, mais que explicado; mas, iluminados pela sagrada liturgia, possamos dirigir a Deus o culto de adoração que Lhe é devido, de modo que a nossa oração seja um espelho fiel da nossa fé.

Já a doutrina é o local onde se encontra vivenciada a verdade da crença seguida tornando assim a religião mais forte e dando equilíbrio entre a fé do passado e do presente. Nenhuma religião pode se sustentar sem esses elementos são eles que fundamentam a transmissão de mensagens religiosas.

Sendo assim, com essa pesquisa no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, pretendo aprofundar esse tema trazendo também uma perspectiva socioantropológica, procurando compreender as mudanças sofridas pela liturgia e, especificamente, pela missa, a partir da modernidade e dos debates ocorridos no seio da própria instituição católica. A seguir, exponho o plano para a dissertação.

No primeiro capítulo, discuto a história dos concílios envolvidos nesses eventos, o de Trento que tentou lutar e barrar a Reforma Protestante (1517) e o mais ecumênico de todo o Concílio Vaticano II além de fazer referência ao Concílio Vaticano I (1869-1870). Para isso, venho discutir também sobre a Reforma Litúrgica: onde descrevo as duas formas de celebração: Missa Nova x Missa Tridentina, como desde o título uso muito o termo rito ou ritual resolvi também expor um pouco sobre o tema através de notas sobre os processos rituais. Também falo dos dois principais documentos que vem a promulgar o missal da missa tridentina e sua “validade” nos dias atuais a *Bula Quo Primum Tempore* e o *Motu Proprio Summorum Pontificum*.

No segundo capítulo, apresenta o grupo de Sergipe. Falo do Movimento Litúrgico que trouxe a tona todas essas mudanças principalmente na celebração da missa. Enfatizo o rito da missa e expõe as principais mudanças entre os dois tipos de celebração e o que são vistos como os principais erros para os adeptos da tradição. Nesse capítulo também trago um pouco sobre alguns grupos que encontrei nas redes sociais e como suas ideias são similares com do grupo sergipano.

Após estas reflexões parto para o estudo das recentes reações romanas e dos leigos. O capítulo III traz uma discussão a partir de questões além do religioso, para tentar entender o perfil social desses integrantes e o que desejam com essa retomada da religião ao centro da sociedade visto que estamos em um constante processo de secularização.

Por fim, entende-se que o caráter religioso dos bens culturais vem sempre especificado, principalmente pela sua destinação sagrada. Com isso, percebo que dentro do que foi exposto o conceito de sagrado é derivado da ideia de reserva de uma coisa ou lugar para o uso profano, que é destinado à “consagração exclusiva de Deus”, sendo esta a sua finalidade.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO E PRINCIPAIS DOCUMENTOS

Esse capítulo aborda como se deram os principais aspectos históricos e doutrinários do Concílio de Trento até o Concílio Vaticano II. Apresenta os dois ritos e alguns dos principais documentos que embasam a tese da invalidade no novo rito a partir do olhar dos seguidores da Tradição.

### 2.1. CONCÍLIO DE TRENTO

No sentido histórico e teológico, para compreender as mudanças litúrgicas ocorridas no Concílio Vaticano II é preciso, primeiro, conhecer um pouco da reforma de Trento e de seu contexto.

Convocado por Papa Paulo III o Concílio de Trento (1545-1563) esteve longe de ser ecumênico e reunir muita gente como afirma (VENARD, 1995). No geral reuniram-se nove cardeais, 39 patriarcas e arcebispos, 236 bispos e 17 abades ou gerais de ordens, porém nem todos ao mesmo tempo. Este concílio teve como objetivo fazer frente à Reforma Protestante (1517). Por isso, foram criadas legislações para evitar os abusos e reafirmar a unidade católica.

Quanto a Reforma Católica, esse movimento manifestou a inquietação da Santa Sé em retificar certos problemas e contradições internas e inerentes ao catolicismo da época. Em resposta às críticas dos protestantes e de outros grupos, a Santa Sé buscou no Concílio de Trento e em seus decretos elementos para rejeitarem explicitamente as doutrinas protestantes e oficializarem o tomismo<sup>6</sup> (a teologia de Tomás de Aquino), a Vulgata Latina<sup>7</sup> e os livros denominados apócrifos. (RIBEIRO; PETERS, 2010).

---

<sup>6</sup> Conjunto das doutrinas teológicas e filosóficas do pensador italiano santo Tomás de Aquino 1225-1274, consideradas o ponto culminante do pensamento escolástico, e nas quais se destaca a busca de uma harmonia entre o racionalismo aristotélico e a tradição revelada do cristianismo.

<sup>7</sup> Vulgata é a forma latina abreviada de vulgata *editio* ou vulgata *versio* ou vulgata *lectio*, respectivamente "edição, tradução ou leitura de divulgação popular" - a versão mais difundida (ou mais aceita como autêntica) de um texto. No sentido corrente, Vulgata é a tradução para o latim da Bíblia, escrita entre fins do século IV início do século V, por São Jerônimo, a pedido do bispo Dâmaso I, que foi usada pela Igreja Cristã e ainda é muito respeitada. Disponível em: <http://biblioteca.com.br/site/as-primeiras-traducoes/a-vulgata-latina>. Acesso em: 20 set. 2019.

Do ponto de vista litúrgico, as missas continuaram a ser celebradas em latim e a interpretação das Escrituras continuou sendo uma exclusividade do Magistério Católico, certificando a teologia formada na Idade Média. (COSTA; MARTINS, 2010). O concílio foi dividido em três períodos. Reuniu-se de 1545 a 1548, de 1551 a 1552 e de 1562 a 1563. Essas datas irregulares se devem a não apenas discutir e programar reformas que fossem vantajosas à Igreja, os tempos eram outros era preciso explicar também os ensinamentos da Igreja Católica sobre os assuntos de maior debate dos protestantes: a questão da autoridade, da tradição e dos sacramentos.

Iniciado em dezembro de 1545, o concílio possuía votos individuais de uma maioria italiana e tinha decisões anotadas e guardadas para as outras sessões. Seus documentos declaravam os sete sacramentos, a reafirmação da transubstanciação, a verdadeira obediência ao Papa, transformou a teologia medieval escolástica num dogma acabado, destruiu qualquer ligação com o protestantismo, reafirmou a missa como sacrifício do Senhor; as mesmas deveriam ser celebradas em latim e o caráter doutrinário deveria ser passada quantas vezes fosse preciso dos pastores a seus fieis (COSTA; MARTINS, 2010).

Outro ponto discutido segundo Venard são as tradições e como a Igreja mantém uma concepção muito restritiva a seu respeito. Porém, é preciso perguntar que tradições são essas? Segundo o autor nem mesmo a Igreja tinha uma noção clara (VENARD, 1995, p. 342). Podemos compreender segundo estudo como sendo “uma sucessão continua na Igreja Católica”. Já Bellitto, relata que a tradição incluía as obras dos grandes padres da Igreja, as declarações papais e os documentos conciliares, pois todos eles haviam sido guiados pelo Espírito Santo. (BELLITTO, p. 142).

Mas é a sessão XXII (17/09/1562) que contem a doutrina e os cânones da Santa Missa. Nela se estabelece que a missa seja um verdadeiro sacrifício no sentido próprio, e Cristo se torna presente de maneira real, corporal e física com seu Corpo, Alma e Divindade<sup>8</sup>.

Cap. 1. Da instituição do sacrossanto sacrifício da Missa 938. Já que no Antigo Testamento, segundo testifica o Apóstolo S. Paulo, por causa da fraqueza do sacerdócio levítico não havia perfeição,

---

<sup>8</sup> As palavras encontram-se iniciadas com letras maiúsculas assim como foi encontrado no documento.

convinha, por disposição de Deus, Pai da misericórdia, se levantasse outro sacerdote segundo a ordem de Melquisedec (Gên 14, 18; Sl 109, 4; Heb 7, 11), Nosso Senhor Jesus Cristo, que pudesse consumir (Heb 10, 14) e levar à perfeição todos os que se houvessem de santificar (Heb 10, 14). Assim, este Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo, embora por sua morte se houvesse de oferecer uma só vez ao Eterno Pai no altar da cruz, para nele obrar a redenção eterna, contudo, já que pela morte não se devia extinguir o seu sacerdócio (Heb 7, 24. 27), na última ceia, na noite em que ia ser entregue, querendo deixar à Igreja, sua amada Esposa, como pede a natureza humana, um sacrifício visível [cân. I] que representasse o sacrifício cruento a realizar uma só vez na Cruz, e para que a sua memória durasse até a consumação dos séculos e a sua salutar virtude fosse aplicada para remissão dos nossos pecados quotidianos, declarando-se sacerdote perpétuo segundo a ordem de Melquisedec (Sl 109, 4), ofereceu a Deus Pai o seu corpo e sangue sob as espécies do pão e do vinho e, sob as mesmas espécies, entregou Corpo e Sangue aos Apóstolos que então constituiu sacerdotes do Novo Testamento para que o recebessem, mandando-lhes, e aos sucessores deles no sacerdócio, que fizessem a mesma oblação: Fazei isto em memória, de mim (Lc 22, 19; I Cor 11, 24), como a Igreja Católica sempre entendeu e ensinou [cân. 2]. E assim, celebrada a antiga Páscoa, que a multidão dos filhos de Israel imolava em memória da saída do Egito (Ex 12, I ss), instituiu a nova Páscoa, imolando-se a si mesmo pela Igreja por mão dos sacerdotes, debaixo de sinais visíveis, em memória do seu trânsito deste mundo para o Pai, quando nos remiu pela efusão do seu sangue e nos tirou do poder das trevas, transferindo-nos ao seu reino (Col I, 13). 939. Esta é a oblação pura que se não pode manchar com indignidade ou malícia alguma dos que a oferecem, que o Senhor predisse por Malaquias se haveria de oferecer, em todo lugar, pura ao seu nome (Mal I, 11), que havia de ser grande entre as gentes. A esta oblação alude claramente S. Paulo escrevendo aos Coríntios que não podem aqueles que estão manchados com a participação da mesa dos demônios, fazerem-se participantes da mesa do Senhor (I Cor 10, 21), entendendo por mesa o altar, em um e outro lugar. Finalmente, este é aquele sacrifício figurado por várias semelhanças de sacrifícios na lei natural e na escrita (Gn 4, 4; 8, 20; 12, 8. 22), pois encerra todos os bens significados por aqueles sacrifícios como consumação e perfeição que é de todos eles. (15) Os títulos desta sessão não são do Concílio, mas de Filipe Chifflet (séc. 17). Cap. 2. O sacrifício visível é propiciatório pelos vivos e defuntos 940. E como neste divino sacrifício, que se realiza na Missa, se encerra e é sacrificado incruentamente aquele mesmo Cristo que uma só vez cruentamente no altar da cruz se ofereceu a si mesmo (Heb 9, 27), ensina o santo Concílio que este sacrifício é verdadeiramente propiciatório [cân. 3], e que, se com coração sincero e fé verdadeira, com temor e reverência, contritos e penitentes nos achegarmos a Deus, conseguiremos misericórdia e acharemos graça no auxílio oportuno (Heb 14,16). Porquanto, aplacado o Senhor com a oblação dele e concedendo o dom da graça e da penitência, perdoa os maiores delitos e pecados. Pois uma e mesma é a vítima: e aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que, outrora, se ofereceu na Cruz, divergindo, apenas, o modo de oferecer. Os frutos da oblação cruenta se recebem abundantemente



por meio desta oblação incruenta, nem tão pouco esta derroga aquela [cân. 4]. Por isso, com razão se oferece, consoante a Tradição apostólica, este sacrifício incruento, não só pelos pecados, pelas penas, pelas satisfações e por outras necessidades dos fiéis vivos, mas também pelos que morreram em Cristo, e que não estão plenamente purificados [cân. 3]. (CET, n. 938- 940)

O concílio encerrou-se dezoito anos depois e deixou como grande documento o *CATECHISMVS, Ex Decreto Concilii Tridentini, ad Parochos Pii Quinti Pont. Max. Iussu editusad, editionem Romae A. D. MDLXVI publici iuris factam accuratissime expressus*<sup>9</sup> que tinha como característica didática o ensino dos dogmas. Não leva às abstrações filosóficas e às complicadas fórmulas teológicas dos escolásticos, pelo contrário, ele prodigaliza valores educacionais práticos da vida cotidiana dos Cristãos (COSTA; MARTINS, 2010).

Como naquela época a Igreja e o Estado andavam de mãos dadas e a maioria do clero participante era de países católicos não houve nenhuma oposição organizada a suas determinações nem mesmo por parte dos protestantes. Para os protestantes tudo aquilo continuava sendo negado e sua aplicação teve como vantagem o impulso dado por Papa Pio V.

Outro fator também de multiplicação dos dogmas ali instituídos foi às visitas pastorais, os concílios provinciais e o maior poder dado aos bispos. Nesse âmbito Venard, 1995 relata.

No processo de aplicação do concílio de Trento, um lugar à parte – e que será fundamental – cabe à obra realizada em Milão por S. Carlos Borromeu. Em 1565, com a morte de seu tio, o jovem cardeal deixara a corte romana decidido a consagrar-se inteiramente à sua diocese. Em 1566, reuniu o concílio da sua província, uma das maiores e mais populosas da catolicidade. Minuciosamente preparado, guiado com autoridade, o “primeiro” concílio de Milão apresenta um conjunto completo de regulamentos e de formulários que traduzem os decretos tridentinos para o nível da diocese. Esses textos são imediatamente divulgados pela imprensa por toda a Europa católica. Outros quatro concílios provinciais, escalonados até 1582, além de uma dezena de estatutos sinodais e importantes “instruções”, levarão a termo esse momento de pastoral tridentina para uso das Igrejas locais que são os *Acta Ecclesiae Mediolanensis*. (VENARD, 1995, p. 354).

---

<sup>9</sup> Catecismo, o decreto do Concílio de Trento, aos pastores Pio V Pont. Max. comando Editusad, Roma, AD 1566 edição da publicação foi cuidadosamente espremido. Tradução Nossa.

Porém, todos os estudiosos defende o caráter popular de Trento ao atribuir que uma de suas tentativas de expansão doutrinária é o uso de língua vernácula nas catequeses.

## 2.2. CONCÍLIO VATICANO I

Transcorrido 300 anos após ultima assembleia de Trento, é convocado em 1854 o Concílio Vaticano I, considerado por grande publico que segue a tradição católica como Monfort e até mesmo Centro Católicos como Dom Bosco no Rio de Janeiro um dos mais importantes acontecimentos do século XIX dentro da igreja. Os trabalhos foram abertos em dezembro de 1869 com a presença de 764 prelados.

Quatro foram às sessões públicas do Concílio. A terceira, aos 24/04/1870, promulgou uma Constituição Dogmática *Dei Filius*, aprovada por unanimidade onde.

No cap. 1º afirma a existência de um Deus pessoal, livre, Criador de todas as coisas e independente do mundo criado (contra o materialismo e o panteísmo); o capítulo 2º ensina que certas verdades religiosas, como a existência de Deus, “podem ser conhecidas com certeza pela luz natural da razão humana” (contra o ateísmo e contra o fideísmo<sup>69</sup> num século em que a fé cristã era escarnecida pelo racionalismo, o Concílio defendia a razão!); o texto desses 2º capítulo acrescenta que houve uma Revelação Divina, a qual chega até nós mediante tradições orais e Escrituras Sagradas. O capítulo 3º proclama que a fé é uma adesão livre do homem a Deus, que surge um dom da graça divina. O capítulo 4º define os setores próprios da razão e da fé e lembra que qualquer aparente desacordo entre razão e fé Sé pode vir de falsa compreensão das proposições da fé ou das conclusões da razão. (AQUINO, 2019)

A quarta sessão do Concílio, aos 18/07/1870, definiu a infalibilidade do Papa e seu primado de jurisdição sobre a Igreja inteira. O texto proposto à discussão dos padres conciliares foi debatido de março a julho. Nesse ponto da infalibilidade Papal é onde surgem muitas das divergências entre tradicionalistas X neoconservadores. Para a teologia Católica todo o discurso proferido pelo Pontífice ex cathedra (literalmente da cadeira de São Pedro) sobre assuntos de fé está sempre correto.

Com isso o Concilio ainda no inicio de suas atividades e tendo, mas de 51 projetos de decreto, para trabalhar deve ser interrompido devido à guerra franco-alemã obrigando muitos dos que ali estavam a regressar a sua pátria. Em consequência, aos 20/10/1870 o Papa suspendeu o Concílio, que deveria voltar a

reunir-se em época mais apropriada, mas na verdade nunca foi reaberto; o Concílio do Vaticano II (1962-65) havia de completar os seus trabalhos, mas para muitos dos fiéis pesquisados isso nunca ocorreu.

### 2.3. CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO DO CONCILIO VATICANO II

O Concilio Vaticano II, concluído há mais de cinquenta anos, é o 21º Concilio considerado ecumênico pelo catolicismo e colocou a Igreja no rumo do mundo moderno. Com grande magnitude, contou com a presença de pessoas de outras tradições religiosas monoteístas, se destacou pela amplitude e diversidade universal dos seus componentes e extensão de seus documentos.

Segundo Brakemeier (2004), o termo “*ecumene*” do grego “*oikoumene*” significa terra habitada em uma tradução literal. Porém, o sentido acima mencionado provém do seu adjetivo ecumênico e tornou-se sinônimo de “Igreja Universal”, dando ao termo um significado eclesiológico. Essa foi à ideia que tentou se passar dando consciência de abertura e unidade.

Em relação ao momento histórico que envolveu o Concilio Vaticano II, sabemos que se tratava de um momento de mudanças rápidas e profundas nas sociedades modernas ocidentais. Como afirmam os autores a seguir.

Começa a construção do Muro de Berlim. Brasília, nova capital do Brasil, é inaugurada. O russo Yuri Gagarin torna-se o primeiro homem a pisar na Lua. John Kennedy, presidente dos Estados Unidos, é assassinado em Dallas, Texas. Um golpe militar tira do poder João Goulart, presidente do Brasil. Inicia-se a ditadura militar. Ocorre o primeiro transplante de coração na África do Sul. Lançamento do primeiro computador eletrônico, o RAMAC 305, pela empresa IBM. Guerra dos Seis Dias. Israel ataca Síria, Egito e Jordânia. Tem início a Revolução Cultural na China. É assassinado o ativista dos direitos civis Martin Luther King. Enviada a primeira mensagem de email entre computadores distantes. (BOGAZ; HANSEN, 2014, p. 29)

O Concílio Vaticano II terá outros objetivos. O primeiro deles, não ser um produtor de proibições, mas diálogos com o mundo moderno, reconhecendo um ambiente de pluralidade religiosa e de autonomia das esferas de ação social. Nesse sentido, vale a pena destacar a figura do Papa João XXIII que, aparentemente, tinha tudo para confirmar a linha conservadora: idade, origem rural, formação teológica

tradicional, patriarca de uma cidade italiana de longa tradição, sacerdote com carreira diplomática dos pontificados de Pio XI e XII, ex-membro da Cúria.

Porém, seus traços de personalidade, mantidos límpidos no meio de todas essas atividades eclesiais, decidiram profundamente na tonalidade dada a seu breve pontificado e ao início do Concílio. Homem de bondade afetuosa, de simplicidade, preferiu a misericórdia ao bastão da punição, o diálogo à condenação, a ausculta dos sinais dos tempos à estabilidade doutrinal, a esperança aos temores. (LIBANIO, 2003)

É nesse contexto que o Concílio Vaticano II é convocado através da Bula Papal *Humanae salutis*, de 25 de dezembro de 1961 e ficou conhecido por sua tentativa de diálogo com a modernidade.

João XXIII descreveu sua decisão como “um gesto de tranqüila audácia” que transparecia em suas palavras aos cardeais:” Pronuncio perante vós, por certo tremendo um pouco de emoção, mas ao mesmo tempo com humilde resolução de propósito, o nome e a proposta de duas celebrações: um Sínodo diocesano para a Urbe (a cidade de Roma) e um Concílio geral para a Igreja Universal (KLOPPENBURG, 1962, p. 38).

Souza e Gonçalves (2013) nos apresentam alguns dos principais valores modernos que estavam em crise nesse período, sobretudo a absolutização da razão e a liberalidade nos valores morais que, anteriormente, davam sustentação à família e um norte a outros segmentos, entre eles, a juventude. Nesse sentido, os vários movimentos ocorridos no período pareciam ser sintomas de uma crise civilizacional. Em outras palavras, naquele momento, os valores de mercado, de nação, de sexualidade e até mesmo o de catolicismo estavam todos sob o fogo cerrado da desconfiança.

A modernidade fez com que o homem acabasse se centralizando em si mesmo. O panorama do homem moderno deu-lhe uma autonomia da razão, que acabou de certa forma se desvinculando da circunscrição religiosa. O ser humano acabou se fundindo com a racionalidade; o que se entende dela, em função do eu centralizado, mesmo com as dicotomias que possam aparecer, é que o homem moderno está centralizado na razão (BOGAZ; HANSEN, 2014, p. 31).

Nos séculos XIX e XX, com o processo de modernização, a vida da Igreja ficou ainda mais ligada aos acontecimentos públicos e sociais. Como nos mostra Souza e Gonçalves (2013), tal afirmação pode ser ilustrada a partir de fatos como a

ação reformadora de Pio X; os apelos de Bento XV diante da guerra; o projeto de Pio XI diante dos regimes totalitários; a obra doutrinária de Pio XII; e as orientações de João XXIII, que ajudaram no pensamento de construção do Concílio Vaticano II.

Outra marca do Concílio é seu caráter pastoral. Segundo Bello, (2006), o nível pastoral do Concílio Vaticano II significa a maneira de expor a Doutrina e os dogmas e se destina a todas as pessoas e aos problemas do mundo. Para o autor a característica pastoral do Concílio se desenvolve nos objetivos proclamados na *Sacrosanctum Concilium*.

Nesse período também foram criadas comissões preparatórias Pré-Concílio selecionando temas para o debate. Essa consulta foi feita a partir de uma carta do Sumo Pontífice, as respostas eram analisadas resumidas e fichadas e separadas por tema. A liturgia surgia como a principal preocupação desse período.

Pois, como afirma Bogaz e Hansen (2014) são com todo o instrumental litúrgico de sinais, símbolos, palavras, gestos, movimentos e até do próprio silêncio presente nos rituais que se atualiza a vida dos cristãos. É nesse momento de interação da comunidade com a Santíssima Trindade que realmente ocorre o diálogo de Deus com seu povo.

Já na fase preparatória do Concílio três aspectos marcaram sua estrutura e em que direção o mesmo iria se guiar. O primeiro ponto era que ainda estava longe da “união” entre as tradições cristãs divididas. O segundo ponto é o lado pastoral que se difere da linha doutrina-disciplina estreitando as relações com a sociedade e por fim a liberdade do concílio que tiravam todos da passividade. (ALBERICO, 2006, p. 397)

A comissão preparatória foi formada por 65 membros entre efetivos e consultores, três dezenas de conselheiros e tinha como características: a internacionalidade efetiva para representar varias nações numa comissão litúrgica, competência para tratar vários assuntos, muita experiência dentro da igreja e vida pastoral. (TRINDADE, 1994, p.11)

Dentro dessa comissão foram criadas treze sub-comissões e a cada uma foi confiada um dos seguintes temas:

- misterio da liturgia e a sua relação com a vida da igreja;
- a missa;
- a concelebração sacramental;
- o oficio divino;
- os sacramentos e os sacramentais;
- o calendário litúrgico;

- a lingua latina;
- a formação litúrgica;
- a participação dos fiéis na sagrada Liturgia;
- a adaptação da língua à tradição e à cultura dos povos;
- as simplificações das vestes litúrgicas;
- a música sacra;
- a arte sacra. (TRINDADE, 1994 p. 13).

Esses primeiros passos ajudaram a definir uma ordem para início do Concílio. Esse modelo adotado fez com que a Cúria Romana participasse ativamente, porém o isolamento das comissões gerou resultados repetidos o que acarretou perda de tempo.

No dia 11 de outubro de 1962, com a presença de bispos do mundo inteiro e com a participação de centenas de assessores, representantes de outras igrejas e até consulta popular João XXIII pronunciou a locução de abertura, a *Gaudet Mater Ecclesia* (GME), Alegria-se a Mãe Igreja, por ele longamente preparada e pessoalmente escrita e revisada (ALBERICO; MELLONI, 1993, p. 187-283).

Diferente dos outros concílios na solenidade de abertura João XXIII não distingue assuntos doutrinários de disciplinares e põe como primeiro tema a ser trabalhado a liturgia. Porém mesmo com a consulta previa antes do concílio a primeira fase finaliza sem um consenso sobre a reforma litúrgica e num clima de instabilidade. (ALBERICO, 2006, p. 405).

Participaram do concílio entre 2000 e 2200 bispos e cardeais. O concílio se encerrou depois de quatro sessões no dia 8 de dezembro de 1965 deixando o legado de quatro Constituições, nove Decretos e três Declarações temáticas. A realização do concílio pode ser vista como o fim do ciclo “contra-reformista” e o início de um período de mais diálogo dentro e fora da Igreja. João XXIII, em seu discurso de abertura, afirmou que a doutrina deveria ser pastoral e ecumênica tratando os erros modernos com misericórdia, bondade e paciência (BOGAZ; HANSEN, 2014).

Com o falecimento de João XXIII, em junho de 1963, assume Paulo VI, que em seu discurso de abertura, aponta os objetivos do Concílio: definir mais precisamente o conceito de Igreja, operar a renovação da Igreja Católica, empenhar-se pela restauração da unidade entre todos os cristãos e programar o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo. (BEOZZO, 2015)

Bogaz e Hasen (2014) afirmam que a *Sacrosanctum Concilium*, aprovada com 2147 votos favoráveis e apenas três negativos em 1963, abriu novas

dimensões da vida litúrgica proporcionando uma reforma pela qual as celebrações passaram a adotar uma realidade mais autêntica, fecunda e consciente das comunidades cristãs.

Com essas mudanças e a entrada em vigor, em 1965, da Constituição *Sacrosanctum Concilium* o conceito de liturgia também muda, o contraponto é a *Mediator Dei*, encíclica elaborada por Pio XII que chama a atenção para desvios e exageros da liturgia e aborda o culto a partir do privado-público e do interno-externo. Já a *Sacrosanctum Concilium* a mediação litúrgica torna o culto publico-representativo e o verdadeiro sujeito da liturgia é a Igreja “personificada” pela comunidade ou pelo celebrante. (MARSILI, 1992).

Outro fato que chama a atenção é a junção de elementos de outros ritos a liturgia visto que muitos dos elementos não se encontram nos textos bíblicos. No Concílio de Trento, há o “rigidismo ritual”, com normas e regras que não dinamizam os ritos e são inseridos a partir de uma prática e vivência dos primeiros cristãos. Na *Sacrosanctum Concilium* há a participação dos fiéis e a liturgia deixa de serem bens só do clero e passa a serem espaço e práticas dos fiéis. Os ritos precisam estar em constante renovação. Pois, é através da celebração que Deus fala com seu povo e se renova a vida do Senhor. (PASSOS; SANCHEZ, 2015).

A partir do Concílio Vaticano II, os documentos litúrgicos elevam a dimensão celebrativa dos rituais, destacando a importância da participação ativa dos fiéis. Celebrar é uma ação (celebrare, ceber) que implica frequentar coletivamente o mesmo espaço, com o objetivo de viver um mesmo ideal. Além disso, a ação de celebrar implica uma recordação vivida em comum. Esta ação envolve todos os gestos vividos comunitariamente e o envolvimento dos indivíduos que se congregam para celebrar. (PASSOS; SANCHEZ, 2015, p. 555)

Segundo Brandolini (1992), são seis tipos diferentes de ritos católicos. Em todos eles se reconhece o primado do papa.

#### **1 – Rito latino:**

Igreja Católica Apostólica Romana

Observe-se que dentro da igreja romana existem quatro ritos, que não se constituem em igrejas.

- rito Latino Romano – é o que conhecemos no Brasil;
- rito Ambrosiano – utilizado na Arquidiocese de Milão, teve sua origem em Santo Ambrósio, mentor de Santo Agostinho;

– rito Moçárabe, oriundo dos árabes convertidos ao cristianismo na Espanha durante a reconquista. Durante muito tempo foi usado apenas numa capela da catedral de Toledo, a diocese primaz da Espanha, e mais nove paróquias. Desde 1993 pode ser usado em todo o território do país.

– rito Galicano ou Lionês – utilizado na Arquidiocese de Lyon, primaz da França.

Ultimamente se tem desenvolvido um uso anglicano, não ainda um rito, para acomodar os anglicanos que se converteram recentemente ao catolicismo. Trata-se de uma forma modificada do rito anglicano.

## **2 - Rito Bizantino**

Igreja Greco-Melquita Católica

Igreja Grega Católica

Igreja Ucrâniana Católica

Igreja Rutena Católica

Igreja Eslovaca Católica

Igreja Búlgara Católica

Igreja Iugoslava Católica

Igreja Húngara Católica

Igreja Romena Católica

Igreja Ítalo-albanesa Católica

Igreja Georgiana Católica

Comunidade Russa Católica

Comunidade Albanesa Católica

Comunidade Bielorrussa Católica

## **3 - Rito Armênio**

Igreja Armênia Católica

## **4 – Rito Antioqueno**

Igreja Siríaca Católica

Igreja Maronita

Igreja Siríaca Malankar Católica

## **5 – Rito Caldeu**

Igreja Caldeana Católica

Igreja Siríaca Malabar Católica

## **6 – Rito Alexandrino**

Igreja Copta Católica

Igreja Etíope Católica

(KHATLAB, 1997,p.256.)

Segundo Vasconcelos (2012), essa diversidade de estilos celebrativos foi um dos temas do Concílio e presente na constituição *Sacrosanctum Concilium* onde foi revistos. Suas formas de celebração foram promulgadas oficialmente em 1969, através do novo *Ordo Missae* (Ordinário da Missa).

Na SC 37-40, encontram-se normas para a adaptação litúrgica romana à cultura e tradições dos povos. Na SC 37, as normas apontam pontos positivos e negativos para a admissão na liturgia. Os hábitos ligados a superstições ou credulices são vistos de forma negativa enquanto que o “verdadeiro e autêntico



espírito litúrgico” e a harmonia com os costumes são visto de forma positiva (CHUPUNGCO, 1992).

Os artigos 38-39 trazem o primeiro grau da adaptação ao tratar dos limites para tal processo. A adaptação pode se dar nos sacramentos, na língua litúrgica, na música sacra e na arte e que todas essas incorporações devem estar dentro do que estabelece os livros litúrgicos. Já o artigo SC 40 apresenta o segundo grau da adaptação “uma adaptação mais profunda da liturgia” e fala sobre como autoridades eclesiais devem auxiliar para a inserção de costumes (CHUPUNGCO, 1992).

A adaptação pode se apresentar de duas formas: como aculturação nesse caso, há uma mudança no rito romano ou em forma de inculturação quando um rito pré-cristão não muda, mas, é ressignificado pela igreja. Sendo assim, a inculturação é a introdução de elementos nativos diversos, nos ritos católicos, sem desfigurar, porém, a sua natureza. Tais procedimentos, no entanto, precisam da aprovação da Conferência Episcopal e da Sé Apostólica. São essas instâncias que garantem a manutenção do caráter autêntico do espírito litúrgico e a harmonia com o rito adotado na localidade (CHUPUNGCO, 1992).

Para ilustrar a perenidade das polêmicas pós-concílio, podemos citar o discurso do Papa João Paulo, em uma de suas visitas ao Brasil, durante a II Conferência<sup>10</sup> dos Bispos do Brasil, Regional Nordeste III, fez uma dura crítica ao processo de inculturação que passa principalmente comunidades religiosas do Nordeste e a influência que os mesmos sofrem com o da assimilação do culto afro. Ele diz que precisa se separar e melhor mostrar ao povo sobre o dano que é o sincretismo para o rito católico e para a comunidade.

Assinala também o respeito que a Igreja precisa ter com todas as culturas, mas que a inserção de alguns elementos, seja nos cânticos, nos elementos sacros e até nas vestes não passaram por um rigoroso critério. Ele aponta também que esse rito torna-se um caso à parte dentro da liturgia cristã, quase necessitando de uma instrução própria e pede a Bispos e Sacerdotes maior rigor perante a “Verdade apresentada por Jesus Cristo”.

Os debates no interior do Concílio podem ser agrupados em três âmbitos, segundo Souza e Gonçalves, (2013): o epistemológico (articulando fé e razão), o bíblico e dogmático e o social.

---

<sup>10</sup> Cf. no texto L'Osservatore Romano n. 40 de 7/10/95, p.7.

No primeiro âmbito, o ápice está quando se admite a revelação pela via natural presente na razão, embora o caráter sobrenatural da Revelação seja manifestado pela fé. Nesse sentido, buscou-se desdobrar essa relação mediante a articulação entre fé e história, fé e palavra, fé e cultura, fé e secularização, teologia e antropologia, teologia e política.

No segundo, o bíblico, vemos a aceitação das novas conquistas científicas como uma nova forma de estudo da Escritura e dos diversos gêneros literários como elementos para interpretá-las.

E no terceiro, sobre a dogmática da Igreja, o clima era de superar um positivismo bíblico da fé que negava as contribuições da ciência e da hermenêutica que se constitui num elemento filosófico de compreensão textual.

A doutrina social da igreja foi um dos marcos decisivos do Concílio Vaticano II. Temas como o direito à propriedade, a valorização do trabalho dos operários e sua justiça, os direitos humanos e a paz mundial. A síntese desses elementos já podia ser vista na carta encíclica *Mater et Magistra* de 1961 no qual o papa João XXIII confirma

[...] o direito ao trabalho e sua justiça, a necessidade privada, a relevância e o direito ao trabalho e sua justiça, a necessidade de realizar o princípio fundamental da solidariedade humana e da fraternidade cristã, a necessidade de contrapor doutrinariamente o cristianismo ao comunismo concebido como uma doutrina materialista e ateia, a necessidade de participação dos operários nos lucros e nos direcionamentos das empresas e a necessidade de salvaguardar os valores da família (SOUZA; CONÇALVES, 2013, p. 121).

Sendo assim, diante do exposto, podemos perceber que o Concílio Vaticano II tentou ser um evento de abertura histórica e teológica, de aprofundamento do pluralismo e de necessidade de diálogo entre a teologia e a modernidade. E seus maiores “progressos” estão na confirmação do respeito à liberdade religiosa, da autonomia do indivíduo e a igreja católica como uma entre outras tradições religiosas legítimas.

## 2.4. OS PRINCIPAIS DOCUMENTOS DOS CONCÍLIOS LIGADOS A LITURGIA

Nessa parte do trabalho será feita uma contextualização dos documentos que foram basilares para as mudanças litúrgicas e que são o grande norte para a

compreensão das mudanças concretizadas dentro do rito da missa. Esses documentos aqui destacados foram assim escolhidos por serem os mais comentados dentro da pesquisa pelos adeptos da missa. Eles julgam basilar que qualquer católico e não apenas padres e bispos conheçam esses documentos e possam ter neles um conhecimento mínimo da “crise” pelo qual a igreja está passando.

#### **2.4.1 *Bula Quo Primum Tempore*<sup>11</sup> X *Motu Proprio*<sup>12</sup> *Summorum Pontificum***

A bula *Quo Primum Tempore* foi instituída pelo Papa S. Pio V em 1570 e estabelece a edição e correção do Catecismo, Missal e Breviário.

Sobre a missa essa bula institui normas e afirma que a mesma deve ser celebrada “no futuro e para sempre não sendo cantada nem rezada de modo diferente”. Estabelece também que para o canto e a reza é preciso seguir sem restrição o Missal lançado, sendo feitas exceções apenas a ritos que se encontravam em uso há mais de duzentos anos. Essa bula foi a responsável pela unificação da prática litúrgica na Igreja Ocidental e não se restringiu apenas à missa, instituindo também sacramentos e vários ritos de bênçãos.

Os tradicionalistas alegam que a mesma nunca foi revogada e o que o Papa Paulo VI ao promulgar o Novo Missal, não descartava o antigo sendo assim, a bula sempre se manteve invicta. O que ocorre é que o *Novu Ordus* acabou suprimindo o antigo deixando dúvidas sobre seu uso. Esse desuso criou barreiras a aqueles que ainda desejam se manter fieis à aplicação do antigo. Durante o papado de João Paulo II, por exemplo, esses limites impostos à celebração tradicional eram julgados por bispos locais que muitas vezes não eram favoráveis a seu retorno considerando até uma heresia esse tipo de pensamento.

Já o *Motu Proprio Summorum Pontificum* foi instituído em 2007 pelo então Papa Bento XVI, numa tentativa de resolver juridicamente essa proibição do Missal

<sup>11</sup> Uma bula é um documento pontifício relativo a temas de fé ou de interesse geral, concessão de graças ou privilégios, assuntos judiciais ou administrativos, expedido pela Chancelaria Apostólica e autorizado pelo selo do seu nome ou outro parecido, estampado com tinta vermelha. A bula em questão significa em português Desde o primeiro momento.

<sup>12</sup> *Motu proprio* é uma das espécies normativas da Igreja Católica, expedido diretamente pelo próprio Papa. A expressão *Motu Proprio* poderia ser traduzida como "de sua iniciativa própria" o que se opõe ao conceito de rescrito que é, em regra, uma norma expedida em resposta a uma dada situação.

de Pio V sobre o Missal de Paulo VI. Em suas palavras Bento XVI afirma que o Missal de Pio V nunca foi abolido e dá o status de “ordinário” ao *Novus Ordo* de Paulo VI e de “extraordinário” ao de Pio V. Também em suas palavras deixa livre a sua celebração para que qualquer sacerdote que a ela tenha acesso e aos leigos que assim requererem sem autorização superior.

Outro ponto que se observa nessa instrução de Bento XVI é a universalidade da forma ordinário sendo assim o então papa não ia contra o instituído no Concílio Vaticano II. Ou seja, as duas formas de celebrações são expressões diferentes do mesmo rito. Ainda dentro dos artigos a missa no rito extraordinário pode ser celebrada nos dias de semana e nos Domingos e dias de festas é preciso haver apenas um no caso o rito ordinário. Mesmo no rito extraordinário as missas com presença de leigos a leitura da liturgia é feita em língua vernácula.

O *Motu Proprio* também se refere à *Ecclesia Dei*, pois essa carta apostólica de João Paulo II também se refere à diversidade de carismas e de tradições de espiritualidade da Igreja. Pela *Ecclesia Dei* também é criada uma comissão para manter a comunhão eclesial de todos os religiosos e religiosas em especial os ligados a Fraternidade Sacerdotal São Pio V<sup>13</sup>.

#### **2.4.2. Constituição *Sacrosanctum Concilium***

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia foi à primeira Constituição aprovada no Concílio Vaticano II. Segundo Pierre Marie (1964), foram quatro meses de intensos trabalhos, 328 intervenções orais e mais de 350 escritas. Também foram apresentadas muitas emendas ao esquema apresentado priorizando o aspecto doutrinal e prático. “No que se referem à praticidade, os peritos optaram por apresentar apenas os princípios da reforma, sem entrar em pormenores”. Para os tradicionalistas foi aqui onde residiu o perigo, pois, segundo eles, não dizendo exatamente pormenores deixou aberturas para as inúmeras falhas litúrgicas.

A Constituição *Sacrossanctum Concilium*, estabelece normas práticas e está estruturada da seguinte forma: um proêmio, sete capítulos e um apêndice. Possui um total de 130 artigos. O proêmio traz também o objetivo do próprio Concílio, que é

---

<sup>13</sup> No capítulo seguinte explanarei mais sobre a fraternidade e seu contexto sobre a missa tridentina.

“fomentar sempre mais a vida cristã dos fieis” (SC 1). Para isso, segundo Beckäuser (2012), “o Concílio julga necessárias três coisas: adaptar à nossa época as instituições que são suscetíveis de mudanças; promover a unidade dos cristãos por uma abertura e diálogo com todos os cristãos e trazer à Igreja todos os povos e nações”.

Neste sentido, o proêmio da constituição traz o que se entende por liturgia “aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja” (SC 2). Além disso, atualiza a obra da salvação, sobretudo no sacrifício da eucaristia, através do qual se apresenta o desígnio salvífico de Deus realizado no mistério pascal de Jesus Cristo. Por meio da liturgia, a Igreja, ao mesmo tempo em que anuncia, realiza a salvação, pois “nela o humano é orientado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, a realidade presente à futura cidade para a qual estamos encaminhados” (SC 2). Assim, a liturgia é ao mesmo tempo, fonte de edificação da Igreja e meio de fortalecimento dos missionários. Nas palavras do próprio Concílio, a liturgia “mostra a Igreja como estandarte erguido diante das nações, sob o qual os filhos dispersos de Deus possam reunir-se na unidade, para que haja um só rebanho e um só pastor” (SC 2).

O primeiro capítulo<sup>14</sup>, intitulado “Princípios Gerais da Reforma e Incremento da Sagrada Liturgia” está dividido em cinco seções. É o mais extenso de todos, totalizando 41 artigos. A primeira seção (5-13) é um tratado teológico sobre a natureza da liturgia e sua importância na vida da Igreja. O Concílio situa a liturgia no contexto da história da salvação. A segunda (14- 20) tem um caráter mais antropológico<sup>15</sup>, pois discorre sobre a necessidade de se promover a formação litúrgica em vista de uma “participação ativa” do fieis<sup>16</sup>. A finalidade é aproximar a liturgia do povo de Deus, tornando-o subordinado da ação litúrgica e não apenas destinatário. A terceira seção (21-40) aborda o tema da renovação disciplinar ou institucional da sagrada liturgia, estabelecendo as normas gerais da reforma. As

---

<sup>14</sup> Para descrever as partes presentes nos capítulos foi utilizado o índice sistemático do Compêndio do Vaticano II, os números que seguem ao lado são dos artigos não das páginas do livro. A referência completa se encontra no final.

<sup>15</sup> Ou pelo menos é essa a impressão que nos passa.

<sup>16</sup> Esse é o grande ponto de discussão dos tradicionalistas que questionam que participação ativa seria essa?! Para eles, a missa ordinária tornou-se um jogral e uma festa. Os abusos segundo esses grupos fazem com que o real sentido da liturgia se perca em meio a todas “alegorias” que são acrescentadas.

duas outras seções (41-46) tratam sobre a necessidade de se organizar bem a vida litúrgica na paróquia e na diocese e sobre o incremento da ação pastoral litúrgica.

O sagrado Mistério da Eucaristia é o tema do segundo capítulo ele traz elementos importantes, como a definição de Missa (47), a participação ativa dos fieis (48-49) a reforma do ordinário da Missa (50), a importância da Palavra de Deus e a homilia (51-52), a restauração da oração dos fieis (53), o uso litúrgico da língua vernácula (54), a comunhão sob duas espécies (55), as duas mesas da celebração da Missa (56) e a concelebração (57).

O terceiro capítulo trata sobre os outros sacramentos (59) e os sacramentais (60-61), com conceito e do que é cada um e uma breve exposição de seu valor litúrgico-pastoral. Também aborda sobre a renovação necessária dos ritos sacramentais (62) e o uso da língua vernácula na administração dos sacramentos e sacramental (63). Os números seguintes são sobre a revisão dos ritos dos sacramentos e sacramentais (65-81).

No capítulo quatro a *Sacrosanctum Concilium* trata sobre o Ofício Divino e seu valor teológico e pastoral. O Documento aborda primeiramente a natureza da Liturgia das Horas, apresentando-a como obra de Cristo e da Igreja (83-87). Em seguida, a Constituição toca sobre a revisão do ofício e o que se faz necessário aperfeiçoar, como a recuperação do curso tradicional das horas, a distribuição dos salmos e a ordem das leituras (88-94). No que se refere ao sujeito do Ofício Divino, o Concílio adverte que a oração também seja feita pelos leigos e não apenas pelos clérigos e membros de ordens religiosas (95-100). Quanto à língua, proporciona aos bispos consentir o uso da língua vernácula (101).

O quinto capítulo é sobre o Ano Litúrgico. A Constituição destaca, ainda, a festa dos mártires e santos, dando relevo à memória da Virgem Maria (102-104). A revalorização do domingo, como páscoa semanal, também é abordada neste capítulo (106). A revisão do ano litúrgico na quaresma e na festa dos santos (107-111) é outro tema tratado. O objetivo é fazer com que “as festas dos santos não prevaleçam sobre as festas que recordam os mistérios da salvação” (SC 111). Em outras palavras, o centro da ação da Igreja, é o mistério pascal de Jesus Cristo.

No sexto capítulo fala da música sacra, que inicia discorrendo sobre a sua natureza e dignidade (112). Os artigos seguintes tratam sobre a liturgia solene (113-114), a necessidade da formação musical, principalmente nos seminários (115), o canto gregoriano (116-117) os cantos religiosos populares (118), a tradição musical

própria de cada região (119), os instrumentos musicais (120) e a missão dos compositores (121). Com isso, o Concílio pretende favorecer a participação ativa dos fieis, de forma que todos possam cantar a liturgia.

O sétimo e último capítulo é reservado a Arte Sacra e Alfaías Litúrgicas. Assim como nos demais capítulos, o Documento inicia abordando a dignidade da arte sacra e dos objetos sagrados (122) para em seguida tratar sobre a liberdade de estilos artísticos (123-126). A *Sacrosanctum* recomenda vivamente que os bispos se empenhem na formação dos artistas (127). A legislação acerca da arte sacra também aparece no Documento (128). A formação do clero na matéria de arte sacra é outra recomendação conciliar.

Por fim, a *Sacrosanctum Concilium* trata sobre as insígnias pontificais, reservadas apenas aos bispos e aos que gozam de especial jurisdição (130). O apêndice é uma Declaração do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a reforma do calendário. O Concílio ressalva que a semana deve conter sete dias e conservar o domingo. Também salvaguarda a sucessão da semana.

No próximo capítulo eu trago o movimento litúrgico e alguns personagens que fizeram com que esse fosse o primeiro documento aprovado da Igreja.

### 3 ASPECTOS DESCRITIVOS DOS RITOS E DOS PRINCIPAIS GRUPOS

Nessa parte do trabalho inicio falando da reforma da liturgia católica a partir do movimento litúrgico que surge antes mesmo do Concílio Vaticano II. Apresento o pouco o conceito de rito e descrevo as principais diferenças da missa tridentina e da chamada missa nova. Trago a figura de dois personagens principais Dom Lefebvre e Dom Mayer que juntos são considerados pelos adeptos da Tradição Católica os seus principais defensores. Trago percepções da minha pesquisa de campo com o grupo sergipano e por fim relato as principais mudanças sentidas e questionadas pelos entrevistados em relação à liturgia com ênfase ao rito da missa.

#### 3.1 REFORMA LITÚRGICA: MISSA NOVA X MISSA TRIDENTINA

A palavra Liturgia tem origem grega e é formada pelas raízes “*laós*” = povo e “*urgía*” = trabalho e significa trabalho do povo/ trabalho público. Compreende uma celebração religiosa pré-definida, de acordo com as tradições de uma religião em particular, sendo considerada por varias religiões um ofício ou serviço indispensável e obrigatório.

Para entender a mudança litúrgica é preciso retornar historicamente, sendo assim, Coelho (2017) traz que o precursor seria o monge beneditino francês dom Prosper Guéranger (1805-1875). Entre as obras mais importantes de Guéranger estão *Institutions liturgiques* e *L'année liturgique*. Suas preocupações eram: restaurar a originalidade da liturgia romana e favorecer a participação dos fiéis nas celebrações.

Ainda seguindo a linha do tempo de Coelho (2017), o papa Pio X publicou o *motu proprio Tra le sollecitudini*, sobre a música sacra que tinha como objetivo, promover “a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja”. Esse documento serviu de inspiração para que o monge beneditino dom Lamberto Beauduin (1873-1960), da abadia de Mont-César, que lançasse oficialmente o Movimento Litúrgico em 1909, durante o Congresso de Malines. Na ocasião, ele apresentou um relatório sobre a participação dos fiéis na liturgia e “proclamou que a liturgia constitui a catequese fundamental da doutrina cristã e o meio mais eficaz para estimular e alimentar a vida espiritual” (COELHO, 2017, p. 33)



O Movimento Litúrgico, a esse ponto florescente e em crescente expansão, passado pela experiência da guerra, exprime sempre mais claramente o desejo de reformas voltadas a tornar a celebração litúrgica mais clara, mais autêntica, mais significativa. Agora já não se fala apenas de educação para a liturgia, mas de reforma da própria liturgia. Trata-se abertamente disso nas revistas, nos convênios, e com base nessas reflexões se avançam desiderata à Santa Sé. As conferências episcopais, que começam a se constituir, favorecem o nascimento e o incremento de centros nacionais de estudo e de promoção pastoral, dirigidos a guiar o Movimento Litúrgico. (NEUNHEUSER, 2007, p. 213).

Porém, segundo Coelho (2017) o grande nome do Movimento Litúrgico foi o Papa Pio XII, que em 1947 escreveu uma carta diretiva ao movimento. Nesse mesmo ano, entregou a uma comissão a tarefa de organizar a reforma geral da liturgia e divulgou a encíclica *Mediator Dei*. Em 1955 publicou um novo documento relacionado com a liturgia, a carta encíclica *Musicae Sacrae Disciplina*. No ano seguinte, o Pontífice fez uma alocução no encerramento do Congresso Internacional de Liturgia Pastoral, em que incentivou a renovação litúrgica. Além disso, tudo é desse período também mudanças como a revisão do jejum eucarístico, a restauração da semana santa, a publicação de rituais bilíngues e o início da reforma do breviário.

Já segundo a Constituição do Vaticano II, *Sacrosantum Concilium*, a Liturgia é entendida como o

Exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo particular a cada sinal, realizada a santificação do homem, e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, cabeça e membros. “Disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja.” (SC,7).

Com isso, a doutrina ou dogmas católicos afirmam que o rito litúrgico, celebrado com o emprego dos elementos materiais porta o poder da salvação de Jesus Cristo, que se torna assim sua mão prolongada para transmitir a vida do Pai.

A ritualização é uma das principais características de institucionalização da Igreja Católica. Suas celebrações sempre envolveram elementos suntuosos que fascinam pela beleza, cor e música, valorizando e ornamentando os ritos.

Após a aprovação da *Sacrosantum Concilium* e do novo Missal a celebração litúrgica sofreu inúmeras mudanças. A missa “de sempre” esteve presente em dois mil anos de Igreja e era rezada por uma língua comum, o latim conhecida como “a

língua universal da fé”. Suas crenças eram compartilhadas e a propagação de seus dogmas era visto de forma infalível.

O novo *Ordus* teve um grande destaque no ecumenismo e esse ponto segundo alguns estudiosos se deve a participação do arcebispo Annibale Bugnini<sup>17</sup> e de seis pastores protestantes que estavam como observadores. O atual papa emérito Bento XVI em muitos de seus discursos afirmou que até os livros em latim produzidos após o Concílio precisavam de uma reforma.

Porém, o que tem de errado com esse missal e porque ele é considerado um missal protestanizado por muitos?

Com a reforma litúrgica que se seguiu ao Concílio Vaticano II, a celebração eucarística abandona a língua “canônica” latina e realiza-se nas línguas nacionais para permitir uma participação mais consciente da assembleia e sua inserção ativa na ação litúrgica. Com essa mesma finalidade, o altar da celebração, fixo ou móvel, é posto fora do presbitério e voltado para a assembleia dos fiéis. Reveste-se do caráter de altar “maior” o do presbitério, sobre o qual fica o tabernáculo para a conservação e guarda das espécies eucarísticas consagradas e não consumidas. O presbitério é a parte da igreja normalmente separada por balaustrada, cujo acesso era proibido a pessoas estranhas ao culto e, por isso, reservado somente ao clero e seus auxiliares. Hoje essa área não está mais interditada, nem às mulheres. Nela costuma ficar habitualmente o coro durante as celebrações solenes. Outra significativa e inovadora modificação é “o modo” como os fiéis se aproximam da Comunhão: do antigo ajoelhar-se junto à balaustrada, em vigor até os anos 70, passou-se ao atual costume de comungar em pé. Pode-se receber a hóstia consagrada diretamente na língua ou sobre as mãos. A comunhão é dada sob as duas espécies também aos fiéis, por intenção ou por libação direta no cálice do vinho, em celebrações de particular significado para a assembleia: por exemplo, durante cerimônias de consagração religiosa e/ou secular, no final de um curso de exercícios espirituais, na administração solene de sacramentos, ou por concessões estabelecidas pelo direito canônico. (AQUINO, 2014)

Segundo Pe. Paulo Ricardo<sup>18</sup> (2013), a missa católica é alicerçada em 03 pilares. Primeiro no rito católico o sacerdote oferece um sacrifício diferente do

---

<sup>17</sup> Foi um católico romano prelado. Ordenado em 1936 e nomeado arcebispo em 1972, foi secretário da comissão que trabalhou na reforma da liturgia católica que se seguiu ao Concílio Vaticano II, até que ele foi abruptamente rebaixado a partir da Cúria Romana e enviado para um posto diplomático relativamente menor no Irã. Bugnini tornou-se uma figura controversa e continua sendo entre alguns católicos, devido ao seu papel nas alterações ao Missal Romano e outras práticas litúrgicas em meados do século 20 (antes e depois do Vaticano II).

<sup>18</sup> O nome do Padre Paulo Ricardo foi mencionado nesse trabalho, pois, é utilizado por grupos nas redes sociais como um grande defensor e conhecedor da liturgia e doutrina católica. É autor de diversos livros e tem um site onde trata dos mais variados assuntos muitos ligados à fé cristã pertence ao clero da Arquidiocese de Cuiabá (Mato Grosso –

sacrifício do povo da missa protestante aonde todos os participantes são capazes de oferecer esse mesmo sacrifício, segundo na missa Jesus está verdadeiramente presente no pão e no vinho isso não é simbolismo é real e terceiro a missa é o sacrifício de Cristo na cruz e acontece de verdade durante a consagração.

Porém, após o Concílio até os elementos para fabricação do Corpo e Sangue de Cristo sofreram mudanças. No rito antigo o pão deveria ser ázimo feito de farinha de trigo e água natural e o vinho feito de uvas maduras. Esses elementos consagrados tornam-se o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo. Todavia, em alguns casos no *Novo Ordus* sacerdotes utilizavam ou utilizam elementos inferiores como biscoitos ou guloseimas e suco de frutas no lugar do vinho.

Outra mudança bastante sentida são as palavras ditas durante a Oração Eucarística responsável pela transubstanciação do Corpo e Sangue que deixam uma forma questionável. Nesse ponto o Pe. Paulo Ricardo (2013) menciona que o missal dar direito ao sacerdote celebrar a missa usando a Oração Eucarística II, chamada de cânon de Hipólito.<sup>19</sup> É essa oração que deixa margens para você celebrar com uma mentalidade católica ou com uma mentalidade protestante.

O Pe. Paulo Ricardo ainda continua dizendo sobre, por exemplo, a palavra sacrifício. Todas as vezes que ela aparece pode ser interpretada como o sacrificio da cruz ou na mentalidade protestante como sacrifício de louvor que o povo oferece a Deus. Outro exemplo é a retirada da frase “o mistério da fé”, que retirado validava por assim dizer, o mistério da transubstanciação na hora da consagração do vinho.

Outro ponto é que apenas as mãos consagradas do Sacerdote deveriam tocar a Eucaristia. Nesse tópico varias imagens são postadas diariamente em redes sociais aonde tradicionalistas apresentam como uma blasfêmia receber a Eucaristia

---

Brasil), onde é atualmente Vigário Judicial. É bacharel em teologia e mestre em direito canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma).

<sup>19</sup> Hipólito de Roma foi o mais importante teólogo do século III na Igreja antiga em Roma, onde ele provavelmente nasceu. A 2ª Oração eucarística, apresentada como sendo o “Cânon de São Hipólito”, mais antiga que o cânon romano, é na realidade o cânon do anti-Papa Hipólito, composto no momento da sua rebeldia, e antes de morrer mártir, martírio que lhe valeu regressar à unidade da Igreja. Este cânon provavelmente jamais se usou na Igreja pontifical de Roma e só nos chegou através de algumas reminiscências verbais reportadas pela recensão de Hipólito. De nenhuma forma foi mantido pela Tradição da Igreja. Neste cânon, extremamente breve, que contém – além do relato da Santa Ceia – unicamente algumas orações de santificação das oferendas, de ação de graças e de salvação eterna, não se faz nenhuma menção do sacrifício. Na 3ª Oração eucarística, se menciona o sacrifício, porém só no sentido explícito de sacrifício de ação de graças e de louvor. Não se menciona em nada o sacrifício expiatório renovado na realidade presente sacramental, que obtém para nós a remissão dos pecados.

na mão. A *Sacrossanctum Concilium* segundo o Pe. Paulo Ricardo (2013) não mandou ninguém escrever um novo documento e que o mesmo possui a fé católica.

Para o padre a existência do Canon Romano ou Oração Eucarística I, a Encíclica sobre a Eucaristia do Papa Paulo VI, a constituição e Instuição Geral do Missal Romano revista em 1970 garantem à missa ordinária apenas uma interpretação possível que é a interpretação católica porque como diz o Padre à fé do Papa era católica. Porém é preciso salientar e isso são palavras do próprio Pe. Paulo Ricardo que o Rito Romano como nós a conhecemos não existe mais e que o missal de Paulo VI foi uma verdadeira revolução dita por muitos tradicionalistas como a “Revolução Francesa na Igreja”.

Realmente quando se assiste a missa de Pio V e de Paulo VI dificilmente se dirá que se trata do mesmo rito. Essas mudanças podem ser mais bem percebidas dentro da descrição das duas missas ao longo do texto.

Todavia é preciso dizer que a reforma conciliar também teve pontos que foram vistos por muitos como “favoráveis”. Entre eles está a valorização da Palavra de Deus e o destaque que a mesma adquiriu. Já os símbolos, linguagem própria dessa celebração, que nos introduzem com o mistério tiveram uma simplificação e uma racionalização dos mesmos.

Soares (2006) fala dos três elementos da catolicidade: o sacramental (intuição da presença do sagrado); o comunitário (substancia do amor que reúne os indivíduos alienados uns dos outros) e o da autoridade real (tradições e símbolos, essenciais para a vida). Ou seja, símbolos são categorias condicionadas para realidades incondicionadas.

De acordo com Paul Tillich (2001), “[...] os símbolos se dirigem ao infinito que simbolizam e ao finito através do qual simbolizam.” Em outras palavras, para Tillich os símbolos são nossa ponte com pontos inacessíveis onde sem sua ajuda não chegaríamos. Segundo o autor, “[...] tudo o que toca o homem incondicionalmente tem que ser expresso simbolicamente”. Ainda para Tillich, toda a afirmação concreta de Deus deve ser simbólica.

Ainda sobre a questão simbólica Aldazabal (1989) símbolo é de alguma forma a realidade que a representa, eles são os responsáveis por informarem, catequizarem e realizarem sua relação com a comunicação. Muitos dos símbolos codificados dentro das celebrações litúrgicas datam da Igreja Primitiva e se dividem dentro da mesma.

Aldazabal (1989) as divide em: vinculados ao corpo: nesse ponto pode ser de pé, joelhos, mãos levantadas podendo manifestar as mais diversas atitudes desde prontidão, reverência ou humildade e relacionadas às coisas materiais nesse caso são: deste as imagens, a utensílios utilizados nas celebrações.

É preciso sempre distinguir, no objeto litúrgico, no seu uso, dois aspectos: um prático e o outro simbólico. O primeiro se ordena à ação material que ele deve pôr em prática, o segundo nasce do significado da própria ação. Um objeto adquire sua eloquência e valor artístico pela autenticidade e preciosidade do material empregado, pela coerência com a função prática, pela logicidade e conveniência das dimensões em relação ao ambiente.

Diante disso, pudemos perceber por que da estranheza de muitos por conta dessas mudanças dentro das celebrações litúrgicas sendo que, em muito essa racionalização foi uma tentativa de ecumenismo para que não chocasse os protestantes e pudesse atrain-los de volta para o catolicismo.

### 3.2 O RITO E SUAS REPRESENTAÇÕES

Segundo Costa (2013), o ato ritual é uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas desde a origem do universo até os aspectos do cotidiano. Essa visão ajuda-nos a entender a definição de ritual apresentada por Turner (1974). Para esse autor o ritual só se desenvolve através de representações simbólicas e o estabelecimento de uma atmosfera ritual.

Turner *apud* Costa (2013) se apropria do conceito de liminaridade de Van Gennep (1909) para explicar o ritual:

Logo o ritual é realizado de modo que nem o tempo, o espaço e nem os indivíduos nele envolvidos são os mesmos da vida cotidiana. Pessoas, tempo e espaço estão sob influência de uma atmosfera simbólica que os resignifica e transforma seus atributos e status. Este é o momento limiar do ritual, que segundo atribuições de Van Gennep (1909) adotadas por Turner (1974), é precedido por um momento de separação onde o indivíduo é separado de sua vida cotidiana e posterior a esse momento liminar ocorre à agregação onde o indivíduo se reintegra à sociedade. Porém é o momento da liminaridade que mais chama a atenção de Turner, este momento de margem, esse momento onde o indivíduo se desvela em potencialidades (COSTA *apud* TUNER, 2013, p. 52).

O estado de liminaridade observado por Turner (1974) suscita a igualdade entre os indivíduos, ou seja, eles se despem de suas indumentárias sociais e todos

se unem em sentimento de igualdade desenvolvendo um sentimento de grupo muito forte. Este sentimento de integração e igualdade é definido por Turner como o termo extraído do latim *communitas* definido por ele como “Prefiro a palavra latina *communitas* à comunidade, para que possa distinguir esta modalidade de relação social de uma área da vida em comum” (TURNER 1974, p.119).

Porém, como apresenta Koubetch (2015) na igreja católica existe uma hierarquia, segundo a norma do direito, isto é, legitimamente constituída, que tem a função de: unir este grupo em uma determinada comunidade eclesial compacta e hierarquicamente organizada como uma Igreja; providenciar pelo bem espiritual do mesmo.

*Communitas* é o estado em que se encontra o indivíduo no interior da Liminaridade do processo ritual. Na *Communitas*, as regras sociais baseadas numa série de oposições identificadas pela antropologia estrutural, como as estruturas de parentesco, perdem toda a razão de ser. Para Turner, *Communitas* é um estado de comunhão de indivíduos iguais. Na igreja católica existe uma comunhão entre os irmãos não uma igualdade.

Na obra citada, Turner também se dedica à interpretação dos símbolos rituais. Para ele o ritual é a simbologia que canta, dança e se move.

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo... os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo nos estudos dos rituais a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas (Turner, 1974, p. 19).

Marisa Peirano (2003), antes de nos definir o que é rito, nos apresenta o que seria os cinco pontos bases para nos orientamos dentro desse conceito. O primeiro é a questão etnográfica, aquela apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ela observa. E, aqui, é bom salientar a importância que determinados eventos tem diante da sociedade; o segundo analisa não o conteúdo explícito, mas a convencionalidade que as palavras e as ações tem; o terceiro, admite que o ritual não se caracteriza por uma ausência de racionalidade e sim com definições antecipadas que levam ao empobrecimento se não coincidem com nossos valores explícitos; o quarto, rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais e no quinto

vivemos em sociedade sendo assim, tudo o que fazemos tem um elemento comunicativo implícito.

Sendo assim, ainda em Peirano (2003) obtemos a seguinte definição sobre rito:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria nosso carnaval] e 3) finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelo autores durante a performance [ por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time campeão do mundo]. (PEIRANO, 2003, p. 11).

Sendo assim, o rito está longe de ser algo definitivo e imutável. S. Maggiani (1992), o rito está aberto à pluralidade da adaptação dos lugares e dos tempos nele inseridos e que vivem e agem por meio do grupo da igreja individualmente. O rito finaliza S. Maggiani (1992) recebe muitas inculturações, aculturações e transculturações.

### 3.3. DESCRIÇÃO DA MISSA TRIDENTINA

A missa que ficou conhecida como Tridentina tem esse nome em referência ao Concílio de Trento (1545-1563), que, entre outros objetivos, tentou unificar a prática litúrgica na igreja do Ocidente. O responsável final pela instalação dessa missa foi o Papa Pio V, através da *Bula Papal Quo Primum*. Embora a pretensão não tenha logrado sucesso, pois existiam muitos ritos em redor do mundo católico, essa missa acabou por ser a mais reconhecida e usada pelos católicos ocidentais.

A reestruturação da missa, como já observado, foi uma das grandes mudanças do Vaticano II, que relegou esse rito tridentino até o ano de 2007, quando o então Papa Bento XVI instituiu, através de um *Moto Proprio*, a *Summorum Pontificum cura* traduzida como A preocupação dos Sumos Pontífices. Nessa norma

o papa permite a realização da missa tridentina sem a necessidade de permissão do bispo. Nesse *Moto Proprio*, a missa Tridentina é chamada de “celebração extraordinária do Rito Romano” e explica que em nenhum momento ela foi abolida. O *Moto Proprio* se segue de uma carta de Bento XVI que explica que promulgou o rito devido aos anseios de algumas comunidades em especial de jovens como a que encontramos no estado de Sergipe que se sentiam atraídos e viam nessa forma a apropriada maneira de encontro com Deus.

Afirma, ainda, que devido a atual situação que se encontram as comunidades de fiéis, o rito extraordinário não se chocaria com o ordinário, pois requer uma maior formação litúrgica e um profundo conhecimento do latim. Por isso, o atual missal não tende a ser prejudicado. Além disso, o documento afirma que não existe nenhuma contradição entre uma ou outra edição do *Missale Romanum*, pois na história da liturgia há crescimento e progresso não ruptura afirma. Acrescenta, ainda, que as novas normas não diminuem a autoridade dos Bispos, previstas como moderadores na *Sacrosanctum Concilium* nº 22, pois é tarefa dos mesmos vigiar para que tudo corra na santa paz (MONTFORT, 2015).

A preparação do altar é o primeiro ritual para o início da missa tridentina. O mesmo deve ser coberto com três toalhas onde é colocado o missal fechado virado para o meio do altar com a missa do dia marcado, não existe o uso de Evangeliário. O simbório deve ser consagrado antes da missa e colocado no altar do lado do evangelho, as sacras remetem às principais orações do ordinário da missa, as seis velas simbolizam Cristo como a luz no mundo e devem estar acesas.

Na sacristia, o padre primeiro prepara o cálice, coloca o sanguíneo sobre o cálice, em seguida a patena, a grande Hóstia e a pala, o véu do cálice se coloca numa maneira que cubra o mesmo quando visto de frente. Por fim, ele arruma o corporal na bolsa e coloca em cima do cálice.

O sacerdote reveste os paramentos. Primeiro o amito, que desce sobre os ombros e o amarra. Ele reveste a alva e em seguida amarra o cingulo. Com a mão direita, ele pega o manipulo e o beija, antes de colocar na mão esquerda. Com as duas mãos ele coloca a estola, cruza e a prende com o cingulo e, finalmente, ele veste a casula romana. Com a mão esquerda, ele segura o cálice e guardando a direita esticada sobre a bolsa o celebrante saúda a cruz e se dirige para o altar. As vestes dos Acólitos são a alva e o cingulo, podendo usar também, ao pescoço, uma



cruz que é o símbolo da ressurreição de Jesus Cristo. Em especial os acólitos instituídos e os cerimoniários poderão usar batina preta e sobrepeliz.

No momento seguinte, toca um sino: é à entrada do celebrante. Todos estão de pé, ele e os dois acólitos chegam aos pés do altar e fazem uma genuflexão. O padre se aproxima do altar, coloca o cálice inicialmente do lado do evangelho (esquerdo), retira o corporal da bolsa e coloca a mesma ao fundo. Abre o corporal sobre a mesa e coloca o cálice sobre o corporal, com um espaço para que ele possa beijar o altar. Em seguida, abre o missal na página do intróito, faz uma inclinação de cabeça e desce aos pés do altar, onde faz uma genuflexão e se inicia a missa.

Para a recitação do *confiteor* (confissão), o sacerdote se inclina profundamente e se bate no peito a cada “*mea culpa*” (três vezes ao todo) e depois é recitado pela assembleia. Terminada essa parte, o padre se inclina levemente e recita os últimos versos. Após pronunciar o Oremos, sobe ao altar, com as mãos postas, e termina a oração ao pé do altar, onde se inclina, o beija, segue para o missal e começa as orações do intróido. Se o nome da Trindade ou de Jesus aparece nos textos da missa ele se inclina em direção à cruz do altar, se o nome de Maria ou do Santo que se celebra a festa aparece ele faz a inclinação face com o missal.

O *Kyrie* e o Glória se fazem no centro do altar. Sempre que se vira para a assembleia, o padre o faz do lado da epístola (direito). O evangelho e a epístola foram feitos voltados para os fieis em língua vernácula. Na hora do evangelho, o acólito sobe ao altar e transfere o missal do lado direito (epístola) para o lado esquerdo (evangelho). Terminado o evangelho, ele aproxima o missal do corporal e faz a homilia no ambão em língua vernácula. Os assuntos variam: a palavra de Deus, os mistérios celebrados. Esse pode ser o momento da mistagogia, quando o padre conduz as pessoas como pedagogo para o mistério e os explica. Logo depois, ele faz o Credo de costas para a assembleia, e concluir esse movimento beijando o altar.

Inicia-se o ofertório. O celebrante se volta para a assembleia sempre que diz *Dominus vobiscum* “o Senhor esteja convosco”. Não há oferendas materiais, “sacolinha” do rito ordinário, esse tipo de oferenda é feito antes ou depois da missa. Depois da antifonia do ofertório, o padre em silêncio descobre o cálice, retira o véu e entrega ao acólito, depois coloca o cálice fora do corporal, do lado da epístola. Retira

a pala e a coloca do lado da epístola. Em seguida, pega a patena e segurando-a com as duas mãos começa a oração da oblação.

Toda a oração eucarística é feita em voz baixa sem o diálogo com os fieis. A comunhão é feita aos pés do altar, de joelhos e entregando a hóstia na boca, com uma patena da comunhão em baixo da boca para que nenhuma parte dela se perca. Após a benção final. É feito o ultimo evangelho obrigatório em todas as missas, exceto no dia de Natal porque já é o evangelho do dia e na missa de defuntos. Esse último evangelho é feito a partir do Evangelho de São João e está escrito numa sacra.

Terminado, ele levanta o cálice com a mão esquerda tendo a direita sobre a bolsa, desce até os pés do altar faz uma genuflexão e se retira. Durante toda a missa, os acólitos ficam sempre do lado oposto ao padre e, normalmente, fora do altar apenas se aproximando nas horas necessárias. As mulheres usam véus sobre a cabeça e a modéstia no vestir é outro ponto que difere da missa pós Concílio.

### 3.4 MISSA PÓS-CONCÍLIO VATICANO II SEGUNDO AS RUBRICAS

A missa, atualmente, segue como princípios as normas do Missal de Paulo VI, da Instrução Geral do Missal Romano de 2002; da *Instrucción Redemptionis Sacramentum* instituído pelo Papa João Paulo II de 2004 e pela *Sacramentum Caritatis* instituído pelo Papa Bento XVI de 2007. Continua sendo dividida em duas partes: a primeira conhecida como Liturgia da Palavra voltada à conversão com teor missionário e a segunda conhecida como Liturgia Eucarística.

Nessa missa a quantidade de paramentos do celebrante sofre uma diminuição sendo mantidas apenas a alva a estola e a casula como vestes obrigatórias. Porém, é comum vê padres celebrarem apenas com alva e estola. A procissão de entrada se dar com a presença de mais participantes e elementos e com cânticos tendo a frente uma ou duas velas, o crucifixo, seguido dos acólitos e ou coroinhas, o diácono, que normalmente carrega o livro dos evangelhos, os leitores e o celebrante.

O padre então faz uma genuflexão beija o altar vai até sua cadeira no centro do mesmo e começa a missa com o sinal da cruz. Seguido do ato penitencial que vem sendo feito em sua grande maioria de forma híbrida e muitas vezes cantado

abolido assim o Kyrie. O glória também costuma ser cantado, porém é preciso que se siga o texto do missal e não invenções com adaptações do mesmo.

A oração do dia também conhecida como coleta é o momento onde os fieis colocam as intenções que se encontram em seu coração também conhecida como oração da coleta. Essa oração é marcada por possuir uma conclusão mais comprida. “Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso filho na unidade do Espírito Santo, Amém”. Essa oração tem como característica a recordação como forma de crescer a fé e a confiança.

A proclamação da Palavra é feita no ambão e por um leitor seguido pelo salmo Responsorial e pela Aclamação do Evangelho. O concílio Vaticano II aumentou o numero de leituras presentes na missa e não recomenda a mudança das mesmas só por um motivo pastoral muito forte. O Lecionário foi um dos ganhos da reforma litúrgica. A homilia é deveria ser sobre a palavra de Deus, porém é comum que seja sobre temas variados.

Terminada a homilia tem se a passagem para a segunda parte da missa com o credo que simboliza a fé e como um testemunho de convicção do que se crê. Depois do credo vem à oração dos fieis também chamada de oração universal onde tem que existe intenções universais não as chamadas orações “recado”.

A liturgia eucarística se inicia com as ofertas onde normalmente uma procissão onde fieis levam elementos simbólicos para o altar e é o momento da oferta verdadeira. Todos que participam da celebração. Terminando o ofertório o padre faz uma oração onde menciona o sacrifício essa oração é um dialogo do padre com a assembleia onde o celebrante deseja que Deus atenda aos pedidos da comunidade.

O Santo é uma parte em grego que sobreviveu na celebração atual instituída desde o século III por Santo Hipólito que acredita ter vindo dos primeiros apóstolos. A oração eucarística se inicia com um prefácio que é o louvor a Deus que termina com um louvor aqui na Terra unindo um louvor dos anjos lá no céu. A oração eucarística serve para lembra a comunidade que a missa é sacrifício sendo essa a própria essência da Eucaristia. O pão e vinho ofertado são o corpo e sangue de Cristo.

Pela norma não existe aquelas respostas após cada oração, porém foi uma forma criada e difundida no Brasil de participação dos fieis. No final dessas intenções o padre faz uma doxologia final onde a assembleia responde o amém. O

pai nosso é o momento onde os fieis celebram o seu sacerdócio batismal e é permitido pela norma que eles levantem as mãos. Ao final o padre pede a Deus que livre todos do maligno.

Nesse momento o padre faz a oração pela paz onde se remete a Cristo e pede para que ela se estenda por todas as pessoas. A preparação da comunhão é um momento de silencio e reflexão onde deve ser dada ao fiel não pode ser auto comunhão. Pela norma a comunhão deveria ser dada na boca de joelho, porem atualmente é comum se vê a mesma sendo dada na mão, esquerda em cima da direita como se formando um altar, essa forma é descrita na norma como excepcional.

Terminada a comunhão a missa volta a seu caráter pastoral com a benção final onde o padre diz “Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe” sendo assim todos os fieis convidados a ser missionários da fé.

### 3.5. DOM LEFEBVRE E A FRATERNIDADE SÃO PIO X

Considerado pelos tradicionalistas um grande defensor da igreja católica e dos seus costumes a figura de Marcel Lefebvre é de importante compreensão para essa parte da história de Igreja Católica por isso, foi feito esse destaque com o intuito de entender melhor um dos protagonistas da chamada ala tradicional católica que é visto por muitos desses adeptos como santo.

Durante todo o Concilio Dom Lefebvre e um grupo de cardeais se opõem as ideias reformistas do concilio. Após seu termino, ele continua pregando e celebrando no antigo rito e se afasta da sua congregação. Nesse período Dom Lefebvre com o apoio de Dom Charrière, bispo de Fribourg, na Suíça cria uma universidade e mantem o clima de permanência da tradição essa decisão se dar em maio de 1969.

Dom Lefebvre sempre mostrou preocupação com a regularidade canônica e por inúmeras razões acreditava que mesmo depois de formados esses novos sacerdotes deveriam permanecer ligados a fraternidade. Nesse período também ele tinha a aprovação de Roma.

Em 1970 eles se mudam em busca de uma maior independência visto que as mudanças modernistas também haviam chegado à universidade de Fribourg. Eles se mudam para Econe no Valaas, Suíça. Mesmo com a imposição do novo rito Dom Lefebvre decide instruir seus seminaristas no antigo rito. Isso se deve ao

pensamento dele de que a missa não é um encontro das pessoas e sim primeiramente o sacrifício de Cristo para remissão dos pecados.

Inúmeros jovens são formados na tradição pela fraternidade e inicialmente muitos outros cardeais o encorajam. Porém, as oposições chegam e Dom Lefebvre é censurado por não celebrar a nova missa. Em 1974 dois enviados de Roma vêm inspecionar a casa, eles foram enviados pela Secretaria de Estado, porém essa visita chocou a todos e fez Dom Lefebvre fazer sua famosa declaração.

Nós aderimos de todo o coração e com toda a nossa alma à Roma católica, guardiã da fé católica e das tradições necessárias para a manutenção dessa fé, à Roma eterna, mestra de sabedoria e de verdade.

Pelo contrário, negamo-nos e sempre nos temos negado a seguir a Roma de tendência neomodernista e neoprotestante que se manifestou claramente no Concílio Vaticano II, e depois do Concílio em todas as reformas que dele surgiram.

Todas estas reformas, com efeito, contribuíram, e continuam contribuindo, para a demolição da Igreja, a ruína do sacerdócio, a destruição do Sacrifício e dos Sacramentos, a desapareição da vida religiosa, e a implantação de um ensino naturalista e teilhardiano nas universidades, nos seminários e na catequese, um ensino surgido do liberalismo e do protestantismo, condenados múltiplas vezes pelo magistério solene da Igreja.

Nenhuma autoridade, nem sequer a mais alta na hierarquia, pode obrigar-nos a abandonar ou a diminuir a nossa fé católica, claramente expressa e professada pelo magistério da Igreja há dezenove séculos.

‘Se ocorresse – disse São Paulo – que eu mesmo ou um anjo do céu vos ensinasse outra coisa distinta do que eu vos ensinei, seja anátema’ (Gal. 1, 8).

Não é isto o que nos repete hoje o Santo Padre? E se se manifesta certa contradição nas suas palavras e nos seus atos, assim como nos atos dos dicastérios, então elegeremos o que sempre foi ensinado e seremos surdos ante as novidades destruidoras da Igreja. Não se pode modificar profundamente a *lex orandi* (lei da oração, liturgia) sem modificar a *lex credendi* (lei da Fé, doutrina, magistério). À Missa nova corresponde catecismo novo, sacerdócio novo, seminários novos, universidades novas, uma Igreja carismática e pentecostalista, coisas todas opostas à ortodoxia e ao magistério de sempre.

Esta Reforma, por ter surgido do liberalismo e do modernismo, está completamente empenhada, surge da heresia e acaba na heresia, ainda que todos os seus atos não sejam formalmente heréticos. É, pois, impossível para todo o católico consciente e fiel adotar esta reforma e submeter-se a ela de qualquer modo que seja.

A única atitude de fidelidade à Igreja e à doutrina católica, para bem da nossa salvação, é uma negativa categórica à aceitação da Reforma.

E por isso, sem nenhuma rebelião, sem amargura alguma e sem nenhum ressentimento, prosseguimos a nossa obra de formação

sacerdotal à luz do magistério de sempre, convencidos de que não podemos prestar maior serviço à Santa Igreja Católica, ao Soberano Pontífice e às gerações futuras.

Por isso, cingimo-nos com firmeza a tudo o que foi crido e praticado na fé, costumes, culto, ensino do catecismo, formação do sacerdote e instituição da Igreja, pela Igreja de sempre, e codificado nos livros publicados antes da influência modernista do Concílio, à espera de que a verdadeira luz da Tradição dissipe as trevas que obscurecem o céu da Roma eterna.

Fazendo assim, com a graça de Deus, o socorro da Virgem Maria, de São José e de São Pio X, estamos convictos de permanecer fiéis à Igreja Católica e Romana e a todos os sucessores de Pedro, e de ser os *'fideles dispensatores mysteriorum Domini Nostri Jesu Christi in Spiritu Sancto'* (fiéis dispensadores dos Mistérios de Nosso Senhor Jesus Cristo no Espírito Santo). Amem. (cf. I Cor. 4, 1 e ss.)" (LEFEBVRE, 1974)

Após essas suas palavras que provoca comoção em alguns ele é convidado a Roma onde recebido por autoridades é anunciado o fim da fraternidade. Porém, em uma difícil resolução ele continua sua obra e é convocada inúmera outras vezes a Roma para explicar sua decisão. Apesar de surgir aqui dentro dos modernistas<sup>20</sup>, uma linha de conduta que acusa Dom Lefebvre e sua fraternidade de serem sedevacantistas. O contrario do que diz todos os meios pesquisados que dizem haver um reforço na união a Roma e um pedido de que sempre rezassem no Canon Romano pelo Papa e o Bispo.

Em 1974 ele recebe uma sanção que afirma que ele não pode mais celebrar sacramentos. Nesse período ele consegue uma audiência com Paulo VI onde pede para continuar a ensinar na tradição, em todo esse tempo pessoas o apoiam e encorajam a prosseguir porem apenas com o próximo papa é que ele terá algum retorno de seu pedido.

Na década de 1970 mais especificamente no ano de 1986 Dom Lefebvre se choca com o convite do então Papa João Paulo II que convida a todos os representante das religiões para rezarem juntos colocando na pratica uma das mais controvérsias reforma do Concílio, que trata da liberdade religiosa. Segundo o Vaticano II cada pessoa tem o direito de seguir sua própria consciência na escolha do exercício da religião. O reconhecimento da liberdade de religião não diz expressamente que todas as religiões são iguais ou que são identicamente verdadeiras. Porem não é isso que é entendido pelos tradicionalistas e por Dom Lefebvre.

---

<sup>20</sup> Como são chamadas as pessoas que seguem o missal de Paulo VI pelo povo da tradição.

Para ele é impensável ver tal cena. Era como se a Igreja tivesse se rebaixado e colocado à verdade e a mentira no mesmo patamar, esse pensamento também é compartilhado atualmente por seus seguidores.

Em 1989, em um acordo, é dada a permissão a Fraternidade de celebrar a missa, porém, com idade avançada e não querendo mais perder tempo e temendo pelo futuro da fraternidade, ele pede a Roma que lhes consagre um bispo para sucedê-lo. Roma não atende a seu pedido e o mesmo toma a decisão de consagrar não um, mas quatro bispos, criando assim um cisma dentro da Igreja e promovendo sua excomunhão junto com os quatro bispos sagrados.

Em sua morte a fraternidade estava em 22 países, com 239 padres e 5 seminários. Suas ideias são defendidas até hoje por inúmeros jovens que sentidos órfãos de um passado veem na fraternidade a chama da verdadeira igreja. Existem também muitos escritos deixados pelo seu fundador que são a base teológica dos adeptos a tradição.

### 3.6. ADMINISTRAÇÃO APOSTÓLICA PESSOAL SÃO JOÃO MARIA VIANNEY

Como representante do tradicionalismo brasileiro pode-se citar a atual Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney. Criada em 1981, sob o comando de Dom Antônio de Castro Mayer que era amigo de Dom Lefebvre se opôs também aos documentos e reformas do Concílio Vaticano II sendo durante longo período o único lugar no Brasil que mantinha a celebração da missa no rito tridentino.

Nesse período era uma União que buscava também o direito de celebrar a missa no rito de Pio V e tinham estreitas relações com Dom Lefebvre e sua fraternidade. Dom Mayer era conhecido como o Leão de Campos e foi excomungado também no mesmo processo que seus irmãos da Fraternidade e pelo mesmo motivo. Temendo o futuro de sua União e se encontrando em idade avançada ele sagrou Licínio Rangel que assumiu o posto de líder após a morte de Dom Mayer.

Em 2001, Dom Licínio junto com seus sacerdotes escrevem para Roma tentando uma reconciliação escrevem para João Paulo II e em 18 de Janeiro de 2002 cria a Administração Apostólica Pessoal S. João Maria Vianney,

Segundo o site da administração, que traz sua história, ela foi erigida através do decreto canônico “*Animarum bonum*” como uma circunscrição eclesiástica de caráter pessoal no território da Diocese de Campos. Tem à frente um Administrador Apostólico que a governa em nome próprio. Possuem Presbitério e Seminário próprio, Paróquias, Associações de Fiéis, Institutos de Vida Consagrada, Tribunal Eclesiástico. Suas celebrações e sacramentos seguem os livros pré-conciliares.

Ainda segundo o site, a Administração Apostólica professa irrestrita fidelidade ao Santo Padre, o Papa, e procurar cultivar em todos os seus membros um grande amor, estima e veneração ao Vigário de Cristo. É essa fidelidade que segundo os tradicionalistas desvirtua as ideias de seu fundador, pois eles cederam às reformas tão questionadas pelo mesmo e segundo a fala de alguns começaram a fazer badernas inclusive participando da missa nova e indo para a JMJ de 2016.

O primeiro Administrador Apostólico foi D. Licínio Rangel, falecido a 16 de dezembro de 2002 e o atual é Dom Fernando Arêas Rifan. Dentro da pesquisa não conseguir contato com nenhum membro da administração e todos da tradição não os veem com bons olhos por conta dessa adesão a Roma e os carismáticos os veem com estranheza visto que pregam dogmas pré-conciliares e sendo o grupo muito fechado ficou difícil entender melhor sua ideia sobre o objetivo da pesquisa, que seria a compreensão desse retorno do rito às celebrações litúrgicas.

Outra coisa que me chamou atenção é que pouco ou quase nada se fala do período que a administração era uma União e não tinha o apoio de Roma. A impressão que tive foi que tentaram apagar a imagem de cismáticos e tentam mostrar apenas sua atual situação.

### 3.7. A FORMAÇÃO DO GRUPO SERGIPANO

A origem do grupo remete ao ano de 2008 quando da formação de um grupo católico de estudos doutrinários chamado “*ecclesia mater*”<sup>21</sup>. Porém meu principal intermediador para informações do grupo para a pesquisa teve seu primeiro contato

---

<sup>21</sup> Significa mãe da Igreja título dado durante o Concílio Vaticano II, o que me chamou a atenção já que combatem as ideias e reformas do concílio.



no final de 2006. O seu primeiro contato com a linha de pensamento católico dito "tradicionalista" teve como referência era a Associação Cultural Montfort<sup>22</sup>.

No final de 2007, houve o *motu proprio* de Bento XVI e ele começou a procurar pessoas interessadas pela missa tridentina aqui em Sergipe usando o *Orkut* pra isso. Segundo meu intermediador as ferramentas de pesquisa dele eram melhores que as do *facebook*. Ele encontrou o fundador do *ecclesia* e uma comunidade da missa tridentina. Eles se encontraram pessoalmente na UFS - Universidade Federal de Sergipe (onde ele cursava ciência da computação à época) ouve o convite pro "*ecclesia mater*".

Esse grupo tinha por objetivo estudar o catecismo e a maioria dos participantes era vizinha do fundador havendo a procura por encontrar outras pessoas com um perfil similar ao grupo no *Orkut* para fazer parte do mesmo que passou a ter pessoas de várias partes de Aracaju. Esse grupo não existe mais, e o foco não era propriamente a missa tridentina, mas um estudo doutrinal. Nessa mesma época, ouve uma palestra/curso com o prof. Orlando Fedeli, fundador da Montfort a Aracaju. Ele ministrou aulas na UFS, então foi criada uma lista de contatos (*Orkut*, Messenger e e-mail) de pessoas interessadas na missa tridentina em Sergipe.

Por volta de 2009 o *ecclesia mater* entrou em declínio porque o fundador resolveu estabelecer em Aracaju um ramo de um movimento católico internacional chamado "comunhão e libertação" (não tem a ver com teologia da libertação). O grupo do *ecclesia* acabou rachando, mas, a lista de contatos pela missa permaneceu.

Entre 2008 e 2010 três padres se dispuseram a celebrar a missa tridentina, mas desistiram. Um núcleo de pessoas da lista de contatos ainda fez algumas reuniões com o Pe. Benvindo<sup>23</sup> mas, não foi adiante, depois o Pe. Genário começou a celebrar a missa de Paulo VI em latim porém, a frequência não foi grande e os ânimos esfriaram.

---

<sup>22</sup> Grupo civil formado no intuito de propagar a corrente tradicional eles fazem duras críticas ao Concílio Vaticano II

<sup>23</sup> Padres da arquidiocese de Aracaju que ajudaram os adeptos sergipanos muitas vezes. O Pe. Genário é quem atualmente celebra a missa tridentina com autorização do próprio bispo à época Dom Lessa e com a benção do atual.

Em 2011 as pessoas já haviam aderido ao *Facebook*, então ele resolveu retomar a lista de contatos e criar um grupo naquele ambiente. Foi então que, no ano de 2012 o Pe. Francisco<sup>24</sup> mostrou seu interesse em celebrar a missa tridentina.

A iniciativa foi do padre segundo meu intermediador, ele tomou a iniciativa e manifestou isso a outro membro do grupo que é uma pessoa que, embora não tenha sido membro do *ecclesia* já estava na lista de contatos há muito tempo. Então esse novo elemento organizou uma reunião, alguns interessados participaram e então foi decidido que as celebrações seriam iniciadas.

A média de frequência da missa em Itabaiana era de 15 a 20 pessoas. A primeira celebração aconteceu no primeiro domingo de outubro de 2014. A maioria dos participantes tem conhecimento doutrinário. Além de Aracaju, existe no grupo pessoas de Itaporanga e Laranjeiras. As celebrações ocorriam no primeiro e terceiro domingo de cada mês as 15:30h.

Como mencionado anteriormente o contato inicial com o grupo foi final de setembro início de outubro, nesse período estava próximo a completar um ano de celebrações e o padre em muitas oportunidades antes e depois da missa alertava os fieis para o acordo feito em ambas às partes. “você só tem a perder a passagem eu tenho meu sacerdócio.” Essa frase falava principalmente da assiduidade do grupo que diminuía a cada celebração deixando transparecer um descontentamento do padre que não sentia um retorno dos fieis.

Em muitas celebrações havia uma tolerância ao seu início visto que, nem todos conseguiam chegar no horário, e o padre usava esse início como uma catequese ao grupo e aos curiosos que normalmente apareciam. Esses “atrasos” permitiam que moradores participantes da missa pelo missal de Paulo VI, chegassem a participar do final da celebração no rito tridentino. Sempre houve um respeito por parte desse outro grupo, moradores da localidade, pela outra celebração mesmo que não compreendessem.

No terceiro domingo de novembro de 2015 o padre anunciou ao grupo após a celebração que a mesma precisaria ser interrompida durante um período, pois nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro o pároco, único responsável por 13 paróquias nos povoados estava muito ocupado, eram meses de festejos religiosos e

---

<sup>24</sup> Padre que celebrava a missa tridentina em Itabaiana no início da pesquisa que foi transferido para Laranjeiras e considerado por muitos como grande defensor da tradição católica e conhecedor profundo da doutrina como Pe. Paulo Ricardo.

padroeiros das paróquias, além do mesmo está se sentindo muito fadigado e precisar se retirar por uma semana para um repouso.

Durante esse período o padre sempre questionava ao grupo sobre a abertura de diálogo com o arcebispo para que de forma mais formal abrisse caminho para outros padres que também sentissem o desejo, pudessem celebrar a missa no rito tridentino. Percebo aqui uma postura parecida com as outras duas comunidades acima descritas que tentam sempre estar em harmonia com seus superiores há não promoverem uma divisão sobre os dogmas instituídos pela Igreja.

Durante esse período também, mais especificamente em janeiro de 2016, o padre foi removido da paróquia por dois dias e passado esse período foi reconduzido ao mesmo posto. Essa remoção foi entendida como uma repressão e até punição ao pároco por tentar seguir o capital simbólico pré-conciliar celebrando a missa tridentina. Sobre esse capital simbólico até em suas vestimentas é sentido esse apreço visto que o padre é conhecido por estar de batina mesmo tendo que atuar em lugares de difícil acesso e sob o sol escaldante enquanto os outros padres do município usam camisa clerical ou trajes comuns masculinos, inclusive calça jeans.

Passado esse período as missas são retomadas em março assim como, são iniciadas as reuniões com o arcebispo na tentativa de uma melhor relação e visão sobre o grupo e sobre a missa. Todos os passos para essas reuniões foram dados pelo padre que tentava guiar os fieis nas palavras e nos argumentos que seriam utilizados para um desfecho favorável ao grupo. Infelizmente o teor dessas reuniões foi passado por terceiros visto que, não foi autorizada a participação de pessoas fora do grupo.

Em primeiro de maio durante a celebração o padre já tendo esperado além do habitual e não tendo muitos participantes do grupo na missa e sim muitos curiosos explicou que recebeu uma mensagem no grupo do *Whatsapp* aonde dava um desfecho as reuniões e ao desejo dos fieis. No dia 29/04 o arcebispo do estado de Sergipe à época D. Lessa, designou que o Pe. Genário, pároco da Igreja Jesus dos Navegantes, no bairro da Atalaia nesse período, na cidade de Aracaju também poderia celebrar a missa no rito tridentino todos os domingos as 11h e que o grupo tinha que participar de formações com um padre também designado pelo arcebispo para guiar teologicamente e dentro da doutrina e dogmas seguidos na Igreja.

Pela compreensão do caso, o acordo beneficiou a ambos os lados e atendeu a vontade inicial do grupo que queria por questões de deslocamento, que a missa sempre acontecesse na capital. E ao arcebispo que teria um maior controle do grupo e não os via mais como uma ameaça à sua hierarquia, pois estipulava como e onde aconteceriam as missas. E alegrou muito também o Padre Francisco que “salientou a sabedoria do bispo em observar e ver primeiro quais os objetivos do grupo e depois dar sua benção.”. Fica evidente uma frustração do padre que esperava uma missa festiva para agradecer a graça alcançada e a participação de todos os envolvidos no grupo. Mesmo assim o padre continua com sua linha de pensamento e em seu ultimo pronunciamento dentro da celebração mais uma vez salientou “que não devemos fazer comparações desrespeitosas com a missa no missal de Paulo VI e tentar não levantar bandeiras ideológicas”. Evidencia-se uma fala semelhante à de Bento XVI e sua hermenêutica da continuidade.

Passado alguns dias, mais precisamente 14 de maio de 2016, houve a primeira formação na Igreja Boa Jesus dos Navegantes às 10h. O designado pelo arcebispo para assumir essa função foi o Pe. Jerferson que é pároco no município do Rosário do Catete localizado a quase 40 km da capital na região do Baixo Cotiguiaba. A formação se inicia com a oração do Espírito Santo e a leitura do evangelho de São João 15. Estiveram presentes oito pessoas do grupo a pesquisadora e o padre.

O primeiro tema levantado pelo grupo é a provável renúncia de Dom Lessa em março e se Dom João seu possível sucessor não permitiria novamente a celebração da missa tridentina. Lembro que por conta do *Motu Proprio* não é necessário liberação para celebrar a missa no rito tridentino, porém como uma forma de respeito, hierarquia e de tentar manter a harmonia dentro da arquidiocese sempre o grupo e os padres se mantiveram receosos de entrar em um combate para a permissão da mesma.

Esse assunto foi levantado pela necessidade de um documento escrito por Dom Lessa para que outros padres e o próximo arcebispo não vejam empecilhos na continuação da mesma. Segundo um dos participantes seria um “documento para dar cidadania” espiritual ao grupo. Na formação também foi posto o tema de assumir um apostolado, uma carência de leigos com compreensão de Igreja e sua verdadeira Doutrina.

Esse primeiro encontro serviu mais para o Pe. Jeferson sentir o grupo e compreender quais os temas que os membros gostariam de ter dentro desses encontros. Entre os temas sugeridos estão espiritualidade, formação doutrinal e litúrgica. Os participantes mencionaram também a existência do Centro Cultural Jackson Figueiredo que é grupo civil que surgiu após as discussões de gênero para votação na câmara e assembleia. Esse Centro citado na reunião será de fundamental importância para o amadurecimento e crescimento do grupo. Todos os membros participantes do Instituto Jackson de Figueiredo<sup>25</sup> também são da missa, eles ficaram um tempo parado e suas postagens retornaram há uns meses quando publicavam temas sobre doutrina e fé e tradição. Sobre a questão de gênero os chamados “avanços” preocupam o grupo. Existem masculino, femininos e não humanos fabricados em laboratório sendo uma das colocações sobre esse assunto.

Outra bandeira levantada é a religião em especial a Igreja Católica como solução para o Brasil e suas diversas ideologias. Muitos acreditam que a Doutrina Social da Igreja seria algo a ser implantado para solução das mazelas do país. Eles mencionaram o fato de católicos infiltrados dentro de grupos para militarem pelos excluídos. Uma desses lugares onde o grupo gostaria de estar à frente e no CONAL – Conselho de Leigos. Segundo um dos participantes foi feita uma carta aberta falando sobre a situação política do Brasil e a mesma foi rebatida pelo conselho deixando a transparecer para ele que o conselho está infectado de doutrina modernista.

Para eles até no ambiente universitário os jovens encontram-se sedentos de conhecimento e que se fosse aberto espaço para discussão doutrinal e social sem proselitismo todos conheceriam suas ideias e veriam que a Igreja e Deus é a verdade maior. No fim, essa formação foi mais um bate papo onde inúmeros temas ligados ao social serão mais bem expostos no capítulo três foram como uma preocupação desse grupo de leigos.

A primeira missa na capital após a benção de Dom Lessa se realizou no dia 15 de maio de 2016 num dia de pentecostes. Foi a primeira missa cantada no rito tridentino acompanhado de coral e órgão. A igreja estava lotada muito diferente das

---

<sup>25</sup> O Instituto Jackson de Figueiredo é uma associação civil de orientação católica destinada à difusão da cultura cristã, à atuação sociopolítica em prol da Doutrina Social da Igreja e que busca resgatar a memória do nosso patrono, o aracajuano Jackson de Figueiredo, e seu legado cultural. Essa descrição é feita pelo próprio grupo.

12/15 no máximo 20 pessoas das habituais missas no interior. Faziam-se presentes entre 80 a 100 participantes muitos vindos pela primeira vez.

Socialmente o grupo pode ser descrito através de um primeiro contado com as mulheres, sempre, tanto em Itabaiana quando em Aracaju, acompanhadas de pais, namorados, esposos ou parentes próximos. A maioria do grupo sendo de homens onde a faixa etária aumenta um pouco e vejo a presença de mais pessoas da terceira idade, porém ainda é enorme a participação de jovens até seus 35 anos.

Como a Igreja fica localizada num rua de bastante movimento e, mesmo com o Pe. Genario falando alto houve a dificuldade em entender algumas partes da missa. Outra impressão foi à insegurança do padre ao celebrar, seja no falar das orações seja nas posições sempre se apoiando no missal para saber e seguir as rubricas. Também se fizeram presentes mulheres sem o véu e até de calça. Essa imagem atrai o olhar por ser um dos pontos mais debatidos pelos tradicionalistas: as vestes dos leigos e a modéstia no vestir. Questionado depois, o meu principal intermediador entre o grupo informou, aquela ser a primeira missa tridentina de muitas pessoas que não conheciam os fundamentos e bases que regem a tradição e, seguindo o ensinado por Pe. Francisco pretende, caso essas pessoas continuem fazer uma catequese com elas.

Era visível a alegria de todos os integrantes do grupo. Eles estavam radiantes com a conquista. No fim da missa, foi feito o convite à assembleia de que quem tivesse o interesse em participar do Centro poderia entrar em contato através do Facebook.

No dia 26 de maio, feriado de *Corpus Christi* houve a última missa tridentina, em Itabaiana da qual participei. Essa missa dia de quinta feira acontecia antes mesmo da missa do domingo com o grupo, era feita pelo Pe. Francisco e um pequeno grupo de acólitos as 06h30min no bairro Miguel Teles de Mendonça, conhecido popularmente pelo nome de Bairro da Torre na entrada do município de Itabaiana. Nesse dia a missa foi realizada as 07h10min e foi à única missa tridentina<sup>26</sup> que restou no município de Itabaiana após a benção de Dom Lessa para realização da missa na capital.

A missa nesse dia teve que se adequar ao público sendo assim, não seguiu as rubricas sendo alternado durante partes da missa tridentina e da chamada missa

---

<sup>26</sup> Após a transferência do padre Francisco para Laranjeiras essa missa também deixou de ser celebrada sendo assim, hoje apenas em Aracaju existe a celebração da missa tridentina.

nova como uma forma de contemplar os dois grupos. Por se tratar de um dia festivo e do grande número de fieis o padre permitiu que se “misturasse” os ritos. Na verdade os cânticos não eram gregorianos e sim cânticos populares, porém, de contrição, sem instrumentos ou bater de palmas. Muitos dos fieis não conheciam as rubricas da missa tridentina e se viam perdidos muitas vezes sobre respostas e posições. Os trajes dos participantes também não seguiam fielmente os habitualmente usados na missa tridentina.

Em sua homilia ele tenta trabalhar o tema da festa com a presença de grupos tão distintos dentro da celebração. Ele fala do mistério da presença de Cristo que nem sempre é compreendido mais o mistério de fé foi à salvação de muitos. Cita São Tomás de Aquino e fala um pouco sobre a missa tridentina e seu significado. No final da celebração o padre cantou um canto gregoriano de graças acompanhado dos demais fieis. Houve a presença de três pessoas do grupo de Aracaju.

Passado algum tempo sem a possibilidade de acompanhar a missa em Aracaju no dia 03 de julho volto acompanhar a celebração. Assim como fiz com Pe. Francisco cheguei mais cedo nesse dia e assistir a primeira celebração do domingo de Pe. Genario seguindo o missal de Paulo VI. A princípio observa-se à arrumação do altar e a disposição dos lugares onde fica o padre e acólitos. A arquitetura dessa Igreja chama atenção. Ela se encontra numa esquina e seu formato interior lembra um anfiteatro grego-romano onde o altar se encontra embaixo e os bancos como que em uma escada para que todos tenham uma boa visão. A cátedra do celebrante assim como dos acólitos encontra-se na lateral e não no meio ficando apenas o altar com seis velas e o crucifixo no centro com o Santíssimo ao fundo. Essa arrumação é conhecida com arranjo beneditino. Essa era a arrumação do altar comumente retomada por Bento XVI para trazer dignidade e tirar o olhar antropocêntrico da celebração.

Os cânticos também eram populares e inspiravam reflexão e contrição do fiel eles são escolhidos pelo próprio padre. Apenas o celebrante e os acólitos permanecem no altar ministros e leitores estão sentados na assembleia e não possuem nada que o destaque. O padre só se aproxima do altar na Oração Eucarística, ou seja, no principal momento da celebração momento do Corpo e Sangue de Cristo. Por fim, percebe-se que padres que celebram a missa tridentina são padres que seguem a linha de pensamento de Bento XVI e buscam trazer uma

maior dignidade para a missa nova transformando ela numa continuidade do rito antigo. Todos também tem uma formação mais aprofundada liturgicamente.

Na celebração seguinte da missa tridentina percebe-se um estado de apatia. Do grupo, poucas pessoas se faziam presentes e a assembleia era formada em sua maioria de curiosos ou pessoas que passavam pela frente. Mesmo assim a celebração contava com 30 participantes ainda com uma predominância masculina<sup>27</sup>. Inicialmente imaginei que fosse o dia em específico de minha presença mais após essa data fui a mais duas celebrações em todas senti o mesmo clima. Muitas pessoas do grupo após a missa inicial do dia 15 de maio não apareceram mais e o centro, tentativa de reunir um grupo de leigos mais consolidado na fé e dogmas da Igreja pelo menos tive impressão que também não teve mais adeptos e que suas postagens cotidianas na rede social começaram a trazer vídeos ou textos que defendiam a tradição em seus mais diferentes setores sociais. Em especial família, matrimônio e a própria celebração eucarística.

Em 2018 o grupo toma um novo formato e novos membros surgiram dando uma renovada. A partir do dia dezessete de abril o grupo aluga um espaço no Bairro Salgado Filho onde ministra palestras/aulas todas as terças a noite sobre temas da doutrina Católica ou sobre temas que ferem essa doutrina e os dogmas da igreja. Também escreveram uma carta ao Bispo D. João onde faziam uma “súplica filial para que ele confirmar os fiéis na fé e corrigir fraternalmente os demais bispos no encontro da CNBB” (IJF, 2018). Outra ação que gerou bastante discussão foi uma palestra que seria realizada no Colégio Master de Aracaju sobre “Sexualidade e Gênero” no dia 22 de maio para alunos do ensino médio. A mesma sofreu duras críticas por parte dos membros que lançaram na sua página no Facebook uma série de questionamentos a respeito dessa ação. Essa postagem teve 1.184 comentários e 160 compartilhamentos. Nela eles acusavam a escola de doutrinação por não colocar nenhum palestrante que pudesse mostrar o “outro lado” do tema e por mostrar que os pais não foram comunicados pelo teor da palestra. Durante esse ano também se utilizando das redes sociais realizaram: 50 colunas do patrono, 27

---

<sup>27</sup> Esse dado não foi encontrado em nenhuma fala oficial, mas, deduzir a partir das conversas informais dos grupos das redes sociais mencionadas que se deve a “falta de sentimentalismo e busca de sobriedade” tão mencionada como principal atrativo a missa nesse rito e que se assemelha ao perfil de masculinidade na visão deles. Todavia, como afirmei ninguém disse isso diretamente e de forma oficial sendo apenas uma constatação de frases soltas que eram expostas.



biografias dos santos, 10 sermões, nove artigos próprios, 24 artigos para o ano litúrgico e meditações, oito documentos da Igreja, 25 aulas presenciais e inauguram sua sede no dia 19 de janeiro de 2019 no Bairro Grageru na cidade de Aracaju, com uma aula sobre “Liberalismo vs. Catolicismo primeiras contradições”. Eles ainda lançaram um livro: “História Sagrada – História do povo de Deus” na verdade é reedição de um livro católico que era utilizado nas escolas até início do século segundo os mesmos. O grupo também todas as sextas reza o terço ou a Via-sacra (no tempo da quaresma) no Mirante das 13 de julho.

**Figura 1** - Igreja no Povoado Rio das Pedras



Fonte: Acervo pessoal. (2016).

**Figura 2** - Foto do grupo original.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Mesmo sem dispor de um documento escrito formalizando por todos existe a aprovação dos membros dessa fotografia para que ela seja inserida nesse trabalho.



Fonte: Acervo Leonardo Brum (2015)

### 3.8. CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS

Foram sujeitos dessa pesquisa um grupo de 30 leigos<sup>29</sup> que frequentam a missa aqui em Sergipe, em Salvador e em através do grupo do *Whatsapp* de católicos tradicionais<sup>30</sup> tendo uma predominância masculina explicada pelos adeptos por o homem ser mais racional e encontrar no rito tridentino esse fator e as mulheres serem mais ligadas à emoção. A faixa etária varia dos 20 aos 35 anos, a grande maioria é casada ou estão em relacionamentos sérios.

Todos ou estão cursando nível superior ou já são formados atuando nas mais distintas áreas. A coleta de dados foi feita através de entrevistas e questionários semiestruturados de sete a oito questões discursivas que podiam ramificar e se estender por outras que variariam a depender do entrevistado. Muitas ocorreram após as missas ou em locais agendados previamente. Os questionários foram enviados das mais diferentes formas desde redes sociais (*Facebook*, *Whatsapp*, *Messenger*) até e-mails.

<sup>29</sup> Escolhidos de forma aleatória apenas por serem as pessoas que estavam mais dispostas a participar e que se propuseram a responder o questionamento.

<sup>30</sup> Grupo que segue a doutrina católica em especial a celebração litúrgica antes do Concílio Vaticano II e que possuem bastante conhecimento dos documentos dessa época em sua grande maioria.

A seleção dos sujeitos para participar da pesquisa foi através de proximidades entre os grupos, abordagens espontâneas, alguns conhecimentos prévios e por “lideranças” dentro da comunidade. Essas questões serviram de norte para compreender melhor a dinâmica dessa identidade a um rito não vivido e de certo modo desconhecido, ganhar confiança dos mesmos para que melhor pudessem expor suas ideias e melhor compreensão da experiência da tradição como adepta.

Os benefícios do método escolhido podem ser mais bem traduzidos a partir de Gil que expõe como vantagens

A possibilidade de atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado por diferentes meios, implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige treinamento dos pesquisadores, garante o anonimato das respostas, permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente, Não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado. (GIL, 2002, p. 90)

Para os tradicionalistas a Missa Nova é válida, porém não é lícita. Eles baseiam essa afirmação a partir das ambiguidades e erros que são encontrados na Missa de Paulo VI. Alegam também não ser uma “nostalgia pelo passado” muito menos um “imobilismo litúrgico”. Em sua defesa afirmam que o rito tridentino é a missa de e mais de dois mil anos da Igreja, instituída na língua oficial e instrumento de santificação dos maiores santos. Devendo assim ser admirada por não representar uma mudança humana, mas uma “estabilidade divina”. Ainda afirmam ser esse rito sinal de unidade, pois, é rezada da mesma forma em todos os cantos.

Os pontos mais comentados são: não expressar o dogma da fé católica claramente, conter erros condenados por um Concílio Infalível, conter o grave erro de voltar à forma de mesa o altar Católico, não obedecer de maneira clara às normas da Missa Católica deixada por São Pio V, a participação de mulheres no altar condenadas por Bento XIV, a profanação eucarística com a comunhão na mão e os falsos ministros da Eucaristia e as orações que fazem o fiel pensarem e rezar como protestantes. Nesse ultimo ponto eles fazem clara menção ao fato desse *Novo Ordus* ter sido elaborado com a ajuda de seis pastores protestantes.

**Figura 3** – Foto oficial dos pastores com o Papa à época



**Fonte:** <https://medium.com/@mateusmatosdiniz/missas-e-missas-7231fc07a639>.  
Acessado em: 22 jul. 2018

Além disso, outro contexto apresentado por esses grupos são as ambiguidades e contradições contidas nos textos do Concílio.

No campo das ambiguidades citam a Constituição Dogmática *Dei Verbum* que deveria tratar da inexistência de contradições das Sagradas Escrituras, porém, para os fieis expõe um texto dubio e pouco claro. Sendo assim, esse documento traz uma “heresia”, pois, tudo o que se encontra nas Sagradas Escrituras são matéria de fé expressas pela Igreja.

Já as contradições podem ser vistas na Constituição *Guadium et Spes* no seu art. 79 que admite a “legítima defesa” o que vai em encontro a doutrina tradicional da Igreja, porém no art. 82 da mesma existe uma “condenação absoluta da guerra”. Esse artigo por não fazer distinção de tipos de guerras se contradiz segundo os adeptos.

Inicialmente para eles o Vaticano II foi promulgado como “meramente” pastoral, ou seja, os papas do Vaticano II rejeitaram a assistência divina, então não há contradição da parte de Deus e de Sua Igreja, mas sim de seus representantes que se recusaram em dar continuidade com o projeto divino.

Paulo VI, discurso de encerramento: “ (...) dado o caráter pastoral do Concílio, evitou este PROCLAMAR EM FORMA EXTRAORDINÁRIA DOGMAS DOTADOS DA NOTA DE INFALIBILIDADE. Todavia, conferiu a seus ensinamentos a autoridade do supremo Magistério ordinário” (PAULO VI, Discurso no encerramento do Concílio, 12 - I 1966 *Apud* Compêndio do Vaticano II, Editora Vozes, Petrópolis, 1969, p. 31).

Nesse sentido, para eles, a doutrina não muda, ela é imutável, não evolui, Papa Pio IX e Papa São Pio X condenaram essa heresia chamada “evolução do dogma”, dado que a doutrina não evolui, ela deve ser aceita tal como foi promulgada segundo a interpretação da Santa Igreja, nesse caso, o que mudou foram os representantes da S. Igreja, que aprovaram erros inovadores contrários a Doutrina imutável.

Para eles também o Concílio Vaticano II (1962-1965), ensinou e promulgaram erros contrários a Fé Católica, manobrado por modernistas com o aval do papa, erros tais como a liberdade religiosa, aprovada pelo Vaticano II no documento *Dignitatis Huamnae*, já havia sido condenado infalivelmente pelo Papa Gregório XVI na *Mirari Vos*; pelo Papa Pio IX na *Quanta Cura*; Pelo Papa Leão XIII na *Immortale Dei*.

Outro ponto que os preocupa foi o fato de ser aprovado também o falso ECUMENISMO que visa não à conversão dos não-católicos, mas uma convivência fraterna por sobre a terra com esses, no documento *Nostra Aetate, Gaudium et Spes*. Esse falso ecumenismo foi condenado e eles apresentam os documentos aprovados pelo Papa Gregório XVI na *Mirari Vos*, e mais precisamente pelo Papa Pio XI na *Mortalium Animos* como argumento sobre o tema.

Foi aprovada também a COLEGIALIDADE, onde para eles rebaixa o governo da Igreja que pertence ao Summo Pontífice equiparando o colégio dos bispos ao Papado, no documento *Lumen Gentium*. Ainda sobre a doutrina do Sumo Pontífice, referente a seu governo por sobre a Igreja, foi definida infalivelmente no Concílio Vaticano I, séc. XIX, Papa Pio IX. Existem diversos outros erros para eles, sendo esses os principais, deixando claro para eles a não-catolicidade desse concílio.

Segundo esses adeptos Paulo VI disse em 1972, portanto, após o Vaticano II (1962-65) que o fumo de satanás havia entrado no templo de Deus por alguma brecha, nunca encontrei o local para confirmar essa fala e eles também nunca me

enviaram a fonte. Sendo claramente esse concílio a brecha, aberta por Joao XXIII e Paulo VI, comprovada segundo eles pela boca do Papa que próprio promoveu esse concílio a natureza anti-católica desse.

Segundo o grupo mais radical formado pelos jovens do *Whatsapp* a ótica dos que aceitam o concílio e querem manter uma posição conservadora como é a do Padre Paulo Ricardo, se contradiz. Em um tempo condena infalivelmente erros através se Sua Igreja, e em outro tempo aprova esses erros outrora condenados. E finalizam dizendo que, o Vaticano II não foi infalível, não teve o selo divino, foi meramente uma reunião humana. Muito do que eles pensam está disposto no quadro que se segue.

**Figura 4** – Quadro comparativo apresentado pela FSSPX

<b>A Missa Tradicional</b>	<b>A Missa Nova</b>
2.000 anos de uso venerável – <i>provada e verdadeira</i>	“Fabricada” em 1969; – <i>experimental</i>
Claramente um sacrifício – <i>um altar, um sacerdote</i>	Claramente uma refeição – <i>uma mesa</i>
Centrada em Deus – <i>estruturada para a reverência</i>	Centrada no homem – <i>Estrutura vaga, um convite ao abuso</i>
Inteiramente Católica – <i>Una, Santa, Católica, Apostólica</i>	Meio Protestante – <i>Carece de todas as 4 marcas</i>
Codificada no Concílio de Trento – <i>por um Papa Santo (Papa São Pio V)</i>	Artificialmente arranjada – <i>com a aprovação de seis ministros protestantes</i>
Fecunda! – <i>multidões de santos, mártires, vocações religiosas</i>	Infecunda! – <i>seminários vazios, declínio na assistência à Missa, deserções em massa</i>
“... Com este nosso decreto, a valer NA PERPETUIDADE, determinamos e ordenamos que NUNCA será nada acrescentado, omitido ou alterado neste Missal...” – Papa São Pio V, QUO PRIMUM – 19 de Julho de 1570	– “Com a Nova Liturgia, as comunidades não católicas poderão celebrar a Ceia do Senhor com as mesmas preces da Igreja Católica”. – Max Thurian, Ministro protestante de Taizé – “... Na Missa renovada não há nada que possa transtornar o Protestante Evangélico”. – M. G. Siegvall, Professor protestante de Teologia Dogmática, Estrasburgo
A MISSA TRADICIONAL: Nunca revogada pela Santa Madre Igreja!	A MISSA NOVA: Uma experiência que falhou.

**Fonte** : Site FSSPX. Disponível em: <https://www.fsspx.com.br/as-62-razoes-para-nao-assistir-a-missa-nova/>. Acessado em: 10 ago. 2018.



### 3.9. A HERMENÊUTICA DA CONTINUIDADE DE BENTO XVI

A hermenêutica vem de *hermeneutiké (téchne)* que, na língua grega, significa a arte da interpretação. Sendo assim, a hermenêutica da continuidade instituída pelo atual Papa emérito Bento XVI tentou trazer a Igreja para união em uma visão simplista separada entre tradicionalistas e modernistas. Esse processo tenta mostrar que a liturgia e em especial o missal de Paulo VI não é um rompimento com Trento, mas uma continuidade e tenta um retorno de símbolos litúrgicos esquecidos e a restauração e unificação desses grupos.

Desde seu período como prefeito da Congregação para Doutrina da Fé<sup>31</sup> Bento XVI buscou uma reaproximação com o grupo de Dom Lefebvre. E segundo Dias (2010), sempre se teve conhecimento da afeição do papa emérito sobre o rito antigo e a preocupação do mesmo sobre os abusos que ultrapassam as rubricas do missal.

[42] [...] em liturgia, não podemos dizer que tanto vale um cântico como outro; a propósito, é necessário evitar a improvisação genérica ou a introdução de gêneros musicais que não respeitem o sentido da liturgia. Enquanto elemento litúrgico, o canto deve integrar-se na forma própria da celebração; conseqüentemente, tudo — no texto, na melodia, na execução — deve corresponder ao sentido do mistério celebrado, às várias partes do rito e aos diferentes tempos litúrgicos. Enfim, embora tendo em conta as distintas orientações e as diferentes e amplamente louváveis tradições, desejo — como foi pedido pelos padres sinodais — que se valorize adequadamente o canto gregoriano, como canto próprio da liturgia romana. (SC. n. 41).  
[62] [...] A fim de exprimir melhor a unidade e a universalidade da Igreja, quero recomendar o que foi sugerido pelo Sínodo dos Bispos, em sintonia com as diretrizes do Concílio Vaticano II: excetuando as leituras, a homilia e a oração dos fiéis, é bom que tais celebrações sejam em língua latina... (SC. n. 62).

Segundo Dias (2010), Bento XVI sempre pontuou a inculturação que sofria o atual Rito Romano e apontava a Teloria da Libertação<sup>32</sup> como um dos fatores. Nesse

<sup>31</sup> É a congregação mais antiga da Cúria Romana conhecida por ter sido a Congregação do Santo Ofício no passado responsável pelas inquisições. Bento XVI durante o tempo que foi prefeito da congregação foi muitas vezes colocado pelos chamados modernistas como um retrogrado e fazer jus ao cargo que ocupava e pela simbologia histórica que a congregação traz.

<sup>32</sup> É uma corrente teológica da América Latina, pós Concílio Vaticano II, que parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres usando as ciências sociais. Um dos padres entrevistados é dessa corrente e assim como o padre tradicionalista de Itabaiana que foi colocado num local de difícil serviço esse padre foi isolado a uma

ponto podemos citar através do Padre Paulo Ricardo o processo do marxismo cultural que se institui na Igreja.

Para o Padre o Marxismo Cultural é conhecido por muitos como a Teoria da Libertação dentro da Igreja. Dentro dessa reflexão teológica houve uma revolução cultural dentro da igreja, que mudou seu pensar, o sacerdócio e a nossa vida e cultura. Para ele todo pensamento da sociedade e da igreja já está tão enraizado que não sentimos mais seus efeitos.

Muitos desses pontos levantados por Bento XVI podem ser vistos em seu livro *O sal da terra*

Só isso não seria a solução. A meu ver, devia-se deixar seguir o rito antigo com muito mais generosidade àqueles que o desejam. [...] Do que precisamos é de nova educação litúrgica, especialmente também os padres. É preciso que volte a ser claro que a ciência da liturgia não existe para produzir constantemente novos modelos, como é próprio da indústria automobilística. [...] Infelizmente, entre nós, a tolerância da liturgia antiga é praticamente inexistente. Desse modo, está-se certamente no caminho errado (RATZINGER, 1996, p.141)

Algumas ações sobre o assunto já haviam sido feitas no fim do Pontificado de João Paulo II pelo documento *Redemptionis Sacramentum* que trata dos abusos da missa de Paulo VI. Inicialmente o documento menciona os pontos positivos da reforma litúrgica que trouxe a visão do texto, um crescimento interior com maior consciência e participação eucarística além de uma ampliação na mesma.

Porém, nessa mesma carta o Papa diz das muitas sombras que permeiam o Rito Litúrgico e em especial a missa. Das boas intenções ecumênicas que desvirtuam e transformam o Corpo e Sangue de Cristo em um banquete até ao fato da necessidade de sacerdócio ministerial para uma maior sucessão apostólica.

No documento percebemos um manual do que necessita ser seguido para que não ocorram novos erros e abusos dando assim uma impressão de descontinuidade que é justamente o que não existe na visão do papa emérito.

A direção última da ação litúrgica, nunca totalmente expressa nas formas exteriores, é a mesma para o sacerdote e para o povo: voltados para o Senhor". Para o católico praticante normal, dois parecem ser os resultados mais evidentes da reforma litúrgica do

---

capela de um bairro periférico do município. O mesmo é conhecido por seus pensamentos controversos e atuava como professor de sociologia na rede estadual.



Concílio Vaticano II: o desaparecimento da língua latina e o altar orientado para o povo. Quem ler os textos conciliares poderá constatar, com espanto, que nem uma nem outra coisa se encontram neles desta forma. Claro, seria preciso dar espaço à língua vulgar, segundo as intenções do Concílio (cf. *Sacrosanctum Concilium* 36, 2) - sobretudo no âmbito da liturgia da Palavra - mas, no texto conciliar, a norma geral imediatamente precedente reza: “O uso da língua latina, salvo quando se tratar de um direito particular, seja conservado nos ritos latinos” (*Sacrosanctum Concilium* 36, 1). Sobre a orientação do altar para o povo, não há sequer uma palavra no texto conciliar. Ela é mencionada em instruções pós-conciliares. A mais importante delas é a *Institutio generalis Missalis Romani*, a Introdução Geral ao novo Missal Romano, de 1969, onde, no número 262, se lê: “O altar maior deve ser construído separado da parede, de modo a que se possa facilmente andar ao seu redor e celebrar, nele, olhando na direção do povo [*versus populum*]”. A introdução à nova edição do Missal Romano, de 2002, retomou esse texto à letra, mas, no final, acrescentou o seguinte: “Isso é desejável sempre que possível”. Esse acréscimo foi lido por muitos como um enrijecimento do texto de 1969, no sentido de que agora haveria uma obrigação geral de construir - “sempre que possível” - os altares voltados para o povo. Essa interpretação, porém, já havia sido repelida pela Congregação para o Culto Divino, que tem competência sobre a questão, em 25 de setembro de 2000, quando explicou que a palavra “*expedit*” [é desejável] não exprime uma obrigação, mas uma recomendação. A orientação física deveria – assim diz a Congregação - ser distinta da espiritual. Quando o sacerdote celebra *versus populum*, sua orientação espiritual deveria ser sempre *versus Deum per Iesum Christum* [para Deus, por meio de Jesus Cristo]. Sendo que ritos, sinais, símbolos e palavras nunca podem esgotar a realidade última do mistério da salvação, devem-se evitar posições unilaterais e absolutizantes a respeito dessa questão. (RATZINGER, 2004)

Dentro desse discurso Dias (2010) afirma sobre as preferências do papa emérito como se volta para o altar em vez da assembleia o uso das vestes litúrgicas pré-conciliares a mudança no altar tendo o crucifixo no centro. Em vários momentos para o então a época Cardeal Ratzinger o que houve foi uma má interpretação dos textos conciliares, pois não há nenhuma menção dessas mudanças em textos conciliares. Outro ponto tocado é a maneira correta de se entender o significado das palavras muitas são recomendações litúrgicas não obrigações.

Já como Papa mais uma vez condenou aqueles que pensam o Concílio como ruptura. Para ele tudo depende de “uma justa interpretação (...) ou como diríamos hoje de sua correta hermenêutica, da justa chave de leitura e aplicação.” (DIAS, 2010, p.66). Porém ele também fala da “hermenêutica da reforma”. Sobre o assunto ele fala da divisão que tenta se fazer da Igreja pré-conciliar e a Igreja pós-conciliar.

Três anos após sua entrada como papa ele publica o *Motu Proprio Sumorum Pontificum*.

Segundo Dias (2010) ao falar de forma clara seu posicionamento sobre o concílio ele deixa claro três problemas:

Há uma crise na Igreja após o Vaticano II, ela se deve a uma interpretação errônea do Concílio e esta problemática está ligada diretamente à ação litúrgica da Igreja, na qual se expressa de forma externa o que professa internamente. Nesse âmbito é salutar realçar o tom conciliador do Pontífice, fato não tão claro no Ratzinger-cardenal, que não negava a possível existência de uma ruptura como o Ratzinger-Papa. (DIAS, 2010, p. 66)

Sendo assim, vê que Bento XVI tenta propor “uma reforma da reforma” ou como Dias (2010) menciona uma restauração da mentalidade litúrgico-católica visto que algumas traduções são traições à tradição. Essa retomada gradual do capital simbólico pré-concílio tenta dar legitimidade de ambas as partes.

Outros pontos de retomada são a comunhão na boca e de joelhos como no rito tridentino, o maior numero de genuflexões e o retorno do *Salve Regina* ou do *Regina Caeli* cânticos que trazem contrição ao fiel e remete mais ao Sagrado. Desse período também é revogação da excomunhão de Dom Lefebvre, Dom Castro Mayer e dos quatro bispos sagrados naquele período.

Porém, para um determinado grupo de tradicionais Bento XVI é modernista e também fez inúmeras heresias sendo errônea a forma de traduzi-lo como tradicionalista, pois segundo o grupo ele negou o dogma da redenção e lançou um livro cheio de heresias intitulado *Introdução ao Cristianismo* de 1968. Para outra parte do grupo tradicional Bento XVI contribuiu para o fortalecimento do movimento de retorno ao passado e trouxe mais dignidade para as celebrações litúrgicas tendo assim seu valor.

#### 4 QUESTÕES ALÉM DO RELIGIOSO- PERFIL SOCIAL DOS LEIGOS

Para compreensão dos aspectos sociais que levam jovens a retomada desses símbolos é preciso entender o que é tradição e como essa, sendo a força motriz busca não só da retomada de símbolos religiosos, mas de costumes e valores que não se encontram, no centro da sociedade. No catolicismo da Tradição existem dois aspectos para a materialização desse conceito: um mais geral, como contraposição à modernidade e outro, mas específico onde o mesmo seria uma fonte de revelação divina oral, paralela à Escritura. Nessa linha temos Tradição como

Tradição é um termo muito usado, tanto pelo cientista social quanto pelo homem político, seja ele conservador ou radical. O termo é usado, especialmente, em um sentido 'a-histórico' e denota algum tipo de herança coletiva que supostamente foi transmitida de forma pouca modificada. (Peirano *apud* Tambiah, 1972, p. 55).

Nesse conceito o contraponto está na palavra modificada remetendo ao sentido amplo do Catolicismo tradicional. Nesse aspecto seria impensável pretender que a Santa Ceia considerada a primeira missa seja, em suas características exteriores, igual à missa Tridentina, apenas no fundamental.

Outro ponto que intensificou o crescimento desses adeptos foi o anúncio em 07 de julho de 2007 pelo Papa Bento XVI o *Motu Proprio Summorum Pontificum*, que em latim significa “dos Sumos Pontífices”, dando liberdade a todos os padres do mundo, independente de autorização de seus superiores hierárquicos, para celebrarem a Missa na forma ritual tridentina.

Essa celebração tenta restaurar no rito católico, o Cânon Romano que tem sua origem no tempo de São Gregório Magno (590-604). Para tanto, o latim, dita pelos tradicionais com língua universal da fé, voltaria como fator de preservação contra elementos estranhos e possíveis abusos do rito que segundo PIO V, no seu *Quo primum tempore* a alteração do cânon traria sansões, refletidas e repetidas sempre pelos adeptos. Antes do Cânon, o sacerdote oferecia a Deus pão e vinho, depois, segundo a fé católica, rezava o Canôn, *Versus Deum*, oferecendo a Deus *in persona Christi* o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Cristo, confirmando assim, a fé na Transubstanciação (CIC, 1951).

Mas o que realmente nos impressiona são as mudanças em aspectos sociais dos adeptos e suas funções dentro e fora da Igreja. As mulheres são as mais

envolvidas e vistas como o principal elemento para retomada de valores e costumes da sociedade, pois, cabe às mesmas o papel de mãe, esposa e base para o lar. Esses aspectos a primeiro momento podem ser sentido na postura como as mulheres se apresentam na missa. O uso do véu, roupas modestas seguindo regras de etiqueta determinada pela Igreja e totalmente ausentes das funções ligadas ao altar nos dão uma impressão de opressão e submissão que só com o aprofundamento do tema pode nos dar outra visão.

A busca por respostas a essa retomada se fundamentou na leitura de documentos históricos, sites religiosos, redes sociais e pesquisa social. Nesse ponto o trabalho de campo proporciona uma melhor descoberta e fundamentação teórica do objeto de pesquisa e a mediação dos agentes da análise e a produção de informações dos mesmos. Nesse sentido Deslandes, (1994) destaca dois pressupostos desse método de análise.

O primeiro diz respeito à ideia de que não há consenso e nem ponto de chegada ao processo de produção do conhecimento. Já o segundo se refere ao fato de que a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta. O primeiro nível de interpretação que deve ser feito é a conjuntura socioeconômica e política do qual faz parte o grupo social a ser estudada, a história desse grupo. (DESLANDES, 1994, p. 77)

Assim sendo é preciso dar significado as construções e medidas das estruturas sociais. Esses indivíduos possuem identidade e é identificado por classes sociais, faixa etária, costumes e se configuram especificamente dentro de um contexto social. Nesse sentido estamos falando de uma identidade dita como legitimada por pertencer a uma instituição dominante e que busca ser o centro da sociedade reconstruindo suas territorialidades. (GIL FILHO; Gil, 2001, p. 49).

#### 4.1. MODERNIDADE, RELIGIÃO E REDES SOCIAIS

Modernidade é algo que não endentemos e que se encontra fora do nosso controle afirma (Giddens, 1991). Para o autor as consequências da modernidade estão se tornando mais radicais e universais que antes.

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilham de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que

não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (GIDDENSS, 1991, p.14)

Lógico que há continuidade entre o tradicional e o moderno, porém, as mudanças ocorridas nos últimos anos foram muitas dramáticas. Segundo o autor três mudanças podem ser identificadas para separar as instituições modernas das tradicionais. A primeira é o ritmo da mudança, a segunda é o alvo da mudança e a terceira é a natureza intrínseca das instituições modernas.

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro sendo estes por sua vez estruturados por praticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma significativa. (GIDDENS, 1991, p. 44).

Porém, é preciso entender o que significa tradição e quais suas consequências dentro das sociedades ditas tradicionais. Para Giddens (1997) ela é a cola que une as ordens sociais pré-modernas. Ela pode ser interpretada e se manter ativa através de rituais que lhe conferem integridade. Esses rituais trazem praticidade para a tradição sendo preservada pelos “guardiões” que possuem as normas e morais proporcionando um caráter de vinculação a tradição. Sendo assim, para Giddens, as sociedades ditas tradicionais são as que tem na tradição um papel dominante.

Por isso, a tradição pode ser entendida como um meio de identidade pessoal ou coletiva onde o processo constante de recapitulação e reinterpretação é observado com conexões sociais mais amplas. E até a mais avançada das civilizações pré-modernas mantem vivas firmemente suas tradições. Giddens (1997), ainda afirma que as grandes tradições foram acima de tudo associadas à racionalização da religião.

A discussão sobre as relações entre religião e modernidade remete aos temas da secularização e do desencantamento do mundo. Isso se deve ao fato de um crescente pluralismo que passa tanto pela manutenção da tradição como pela incorporação de novas práticas. Como também pela legitimação e plausibilidade que se mostram enfraquecidos no campo religioso dentro da sociedade.

Segundo Peixoto (2012), o mundo atual não garante a aceitação simples da tradição e o questionamento de seus pressupostos. As instituições “guardiãs da sociedade” estão tendo que se adaptar a valores estranhos aos seus originais para que não percam demandas de mercado, assim também como religiosos leigos e a sociedade em geral.

Segundo Eliade (1965),

“Qualquer que seja o grau de dessacralização a que tenha chegado o Mundo, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir o comportamento religioso. Ver-se-á que a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do Mundo”. (ELIADE, 1965, p, 79)

Sendo assim, é um juízo apressado dizer que a secularização eliminou o sagrado ou dispensou a religiosidade. Assim, estaria acontecendo na modernidade o que também é observada em outras culturas, a impossibilidade de eliminação do sagrado.

Falar em secularização é atacar o problema da institucionalização. Esta envolve a legitimação – processo de justificar a atividade institucional, a infraestrutura social que dá credibilidade a um sistema. De fato, temos aí um critério decisivo para verificar a medida de secularização nas diferentes áreas da vida social.

A secularização, *ad intra* catolicismo, levou a Igreja Católica pós-conciliar a apresentar sua mensagem mais em termos éticos (paz, justiça, direitos) que em termos estritamente teológicos ou transcendentalizados. A lista de concessões à modernidade, à democracia e ao *zeitgeist* é longa. A Igreja teria abandonado uma teologia e compreensão de mundo e de si supostamente coesa, do passado, para adaptar-se à lógica plural moderna. E isso é tão mais evidente quanto o esclarece um “papável” das décadas de 1970 e 1980, o eminente cardeal Lorscheider, ao afirmar que a visão medieval do cristianismo e a antiga teologia escolástica são inadequadas ao mundo moderno, e assim se justifica a pluralidade teológica e a

autonomia das Igrejas locais (LORCHEIDER, 1996). Ou seja, o mundo moderno ditando quem deve ser a Igreja, como ela deve pensar e agir.

O autor encara a secularização como um fenômeno global e suas motivações e raízes também são globais. É o resultado das mudanças culturais, tecnológicas e socioeconômicas da sociedade e apresentam como suas características a objetivação da natureza, o aumento da racionalidade na organização do pensamento humano e a privatização e crescente perda de legitimação do sistema religioso tradicional.

Ainda na genealogia do conceito, Andrade (1997) afirma que secularização tornou-se um termo tanto difuso quanto indeterminado e em alguns pontos controverso. Para ele, o termo é por vezes interpretado como descristianização (ruptura e profanação modernas dos princípios da Christianitas), ora como dessacralização.

Para enfrentar essa discussão, Mariano (2013) traz as ideias de José Casanova, que buscou sintetizar a teoria da secularização em três proposições diferentes e complementares:

1. Secularização como diferenciação de esferas seculares das instituições e normas religiosas.
2. Secularização como declínio das crenças e práticas religiosas.
3. Secularização como marginalização da religião para a esfera privada (MARIANO, 2013, p. 235).

Por sua vez, autores como Bobineau e Tank-Storper (2011), destacam quatro relações entre Estados democráticos e religiões.

O primeiro, que se encarna no modelo francês, é o de uma “laicidade ideológica”, em que o projeto laico se enuncia como um projeto abrangente e como um programa alternativo às religiões. O segundo, representado pelo modelo estadunidense, pode ser qualificado de “laicidade estatal”, que favorece prioritariamente a liberdade religiosa e o pluralismo religioso. O terceiro, que propomos chamar de “laicidade em parceria”, baseia-se em relações de cooperação entre as esferas do político e do religioso tal como se pode observar na Alemanha. Por fim, o último modelo de laicidade, que pode ser qualificado de “laicidade jurídica”, será apreendido a partir do exemplo menos conhecido, o status quo israelense. (BOBINEAU; TANK-STORPER 2011, p. 52).

O primeiro modelo tem sua origem na Revolução Francesa e a proclamação da liberdade de consciência e culto iniciadas a partir das leis de 20 de setembro de 1792. Com isso, a religião perde a dominação sobre o Estado, as instituições, a

nação e o indivíduo passam a ter igualdade de direitos quando se trata de diferentes convicções não religiosas.

No segundo modelo, os Estados Unidos possuem em sua constituição a laicidade sendo assim eles são regidos também por essa separação entre Igreja e Estado, porém não são separados dos valores morais e religiosos da vida política. Essa questão causa algum estranhamento nos países europeus, em especial a França, e pode ser exemplificada através do juramento dos presidentes sobre a Bíblia.

No terceiro modelo, a parceria existente perpassa o plano constitucional onde as sociedades religiosas são reconhecidas como “corporações de direito público”. O plano institucional onde as religiões interferem de diferentes maneiras, como auxílio social e humanitário a grupos específicos e no plano escolar onde é permitido o ensino da matéria religiosa sem um real controle do Estado.

E, finalmente, o quarto modelo, visto como um dos mais complexos. Nele a liberdade de religião e consciência está inscrita na Declaração de Independência israelense, tornando todas as religiões iguais perante a lei. Porém, não implica na indiferença das questões religiosas pelo Estado que estabelece o calendário de feriados a partir do Torá. Esse modelo existe em meio a uma série de negociações onde as exigências do direito moderno e das tradições se conciliam.

O que podemos afirmar, a partir de Bobineau e Tank-Storper (2011), é que observamos as seguintes consequências: a primeira, e mais latente, é a perda de poder das instituições religiosas que não podem mais impor suas regras na sociedade; a segunda é a pluralização da oferta religiosa onde num jogo de marketing surge um competitivo mercado religioso; a terceira é a privatização e individualização das crenças, pois, agora, o indivíduo é livre para escolher o que lhe significa de inúmeras religiões e estabelecer sua própria interpretação pessoal; e, por ultimo, a mundanização, ou seja, o que é sobrenatural ou espiritual não importa, mas sim as questões deste mundo.

Segundo Mariano (2013), a mais popular e influente teoria sobre secularização foi a de Peter Berger, publicada em “O dossel sagrado”. Nessa obra, Berger (1985) define secularização como o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos.

Ainda segundo esse estudo, o fenômeno da secularização afeta de maneira diferente as sociedades modernas. Sendo mais forte em homens, em pessoas de



meia idade, que moram nas cidades, ligadas à modernização da produção industrial e que sejam protestantes ou judeus, aponta Berger (1985).

Nesse ponto, ao falar do protestantismo, Berger afirma que o mesmo despiu a religião dos três mais poderosos e concomitantes elementos do sagrado: o mistério, o milagre e a magia. Sendo considerado esse fator um dos mais relevantes no fenômeno de “desencantamento do mundo”. Afirma, ainda, que esse processo tem suas origens no Antigo Testamento e se encontra em elementos anteriores da tradição bíblica. Seriam eles: transcendentalização, historicização e a racionalização da ética.

Ao falar em transcendentalização de Deus, Berger (1985) diz que o mesmo abriu um espaço para a história, como arena das ações divinas e humanas. Ou seja, ações de um Deus que está inteiramente fora do mundo propondo uma considerável individuação na concepção do homem. Sobre a racionalização, lembra da ética sacerdotal vista em Deuteronômio onde havia a exclusão de elementos mágicos, além também de desenvolver a lei religiosa como disciplina fundamental da vida cotidiana. A historicização se refere nesse caso está implícito ao dispor em um lado os grandes atos de Deus e do outro os homens individualizados.

Para Berger, existiu também outro ponto, mesmo que involuntário da Igreja que ajudou no processo de secularização: a sua formação social. Para ele, a Igreja Cristã constitui uma especialização institucional da religião, em contraposição a todas as outras instituições da sociedade.

Com isso, e a partir das considerações acima, Mariano afirma sobre a obra de Berger que

(...) o pluralismo religioso debilitou a religião, ao dissolvê-la como dever e herança tradicional e tornar a pertença religiosa uma questão de livre escolha individual, ao multiplicar as estruturas de plausibilidade religiosas concorrentes e ao promover a relativização, a privatização e a subjetivação do conteúdo dos discursos religiosos, tornando-os objeto de ceticismo e indiferença. (MARIANO, 2013, p. 236)

Sobre o mesmo debate, Pierucci comenta as mudanças de concepção do próprio Berger. Segundo o sociólogo brasileiro o autor

(...) reviu, recentemente, sua posição tradicional, considerando-a “essencialmente equivocada”. Para o autor, se a modernização levou a um declínio da religião, ela também instigou a existência de movimentos antissecularizantes e não conseguiu instaurar um

equivalente da secularização institucional religiosa nas consciências individuais. No mínimo, diz Berger (2001, p. 10), a relação entre religião e modernidade é “bastante complicada”. O mundo secularizado tem criado estratégias concomitantes de adaptação e rejeição à modernidade, para as comunidades religiosas. As sociedades heterogêneas produzidas pela modernização e a abertura de infinitas possibilidades de comunicação intercultural estimulam o pluralismo e desfavorecem o estabelecimento de monopólios religiosos. Paradoxalmente, isso gera possibilidades de criação de subculturas religiosas variadas, que podem se posicionar até mesmo contra valores modernos. Para o autor, se vivêssemos num mundo secularizado, de fato, as instituições religiosas sobreviveriam, na medida em que se adaptassem à secularização, o que, para o autor, é desmentido pela observação empírica. (PIERUCCI, 2001, p. 11)

Essa reviravolta na teoria de Berger se deve, em parte, a outra teoria, a da Economia Religiosa, da década de 80, liderada por Rodney Stark. Segundo essa teoria pensava-se que o pluralismo e a concorrência religiosa tendiam a ampliar os níveis de compromisso e de participação religiosa da população. Até porque essa diversificação só tende a oferecer bens e serviços diversos e distintos atendendo melhor as necessidades e preferências de cada um. Todavia, a participação aumentou o compromisso não, esses novos fiéis buscam para si o que de melhor encontram nas variedades de crenças.

Segundo Zepeda (2010) o projeto de modernismo entra em crise a partir do ultimo terço do século XX e com isso em vez da religião desaparecer como se havia dito pelas muitas teorias da secularização ela cresce e aparecem novos movimentos religiosos. Para o autor, secularização e modernidade possuem estreitas ligações e a trajetória do seu fim perpassa por três fatos

1) o paulatino deslocamento da religião-institucional do centro para a margem da incipiente sociedade moderna européia, 2) a perda do monopólio de visão de mundo da religião e seu rebaixamento para a mentalidade científica e liberal, 3) o paulatino, mas constante declínio da relevância social dos signos, símbolos e das instituições religiosas. (ZEPEDA, 2010, p. 130).

Com isso, o autor mostra os inúmeros processos de alterações que a religião sofre na modernidade, mas sua existência mesmo que de forma oculta ou diluída pode ser encontrada na cultura, na sociedade, na política, e até na economia. E a modernidade reafirma isso ao trazer elementos como o individualismo, o racionalismo e a pluralidade (ZEPEDA, 2010).

Para Zepeda (2010) o ressurgimento religioso longe de ser um novo controle institucional e regressão a tradição religiosa deve ser entendido como proliferação de novas crenças. Onde as preferências individuais são o que as determinam e não um sistema doutrinal já estabelecido. Esse fator interfere nas adesões a sistemas são existentes promovendo a flexibilização da fé e a competição entre elas.

Outros elementos desse reavivamento são a revalorização do plano simbólico e o sentido dado à vida. Assim a religião passa a lutar por elementos comuns a todos como a defesa as liberdades e se torna uma fonte de dialogo entre os povos. Sendo assim, as antigas crenças se ressignificam ocasionando um grande pluralismo religioso. (ZEPEDA, 2010).

Pierucci (1997) aborda a questão sobre o persistente declínio da religião, que tem como contraste o também persistente autoengano do "retorno do sagrado" e, de uma possível, "revanche de Deus". Ele demonstra ceticismo diante dessas conclusões quando diz que o processo de secularização se verifica e não há crise de paradigma nessa área do conhecimento.

Segundo Pierucci (1997), foi contentando-se com o pouco que sobrou para a religião na moderna civilização ocidental, a saber, a esfera privada, que, segundo ele, começou a tomar forma entre os cientistas sociais da religião essa atitude mental de valorização simpatizante do "retorno do sagrado", fenômeno assim nomeado por alguns já na segunda metade dos anos 70.

Sendo assim, Pierucci (1997) diz que liberdade religiosa implica um grau mínimo de pluralização religiosa e pluralismo religioso não é apenas resultado, mas fator de secularização crescente.

Sua tese finaliza constatando um reavivamento religioso percebido através do aumento da importância religiosa na vida das pessoas. Ele cita a formação de novos grupos, igrejas e a mobilização de varias práticas religiosas na vida das pessoas. Porém é importante afirmar que isso não significa o fim do processo de secularização para o autor.

A partir do cenário descrito e analisado pelos autores a perda da influencia religiosa tradicional faz surgir esforços adaptativos institucionais por parte das religiões e de seus agentes, o que é, em si, uma postura moderna, uma resposta reflexiva a situações complexas, que pode seguir em varias direções.

Podemos observar atualmente que uma tradição religiosa, no mundo moderno, mantém-se como um conjunto de recursos adaptáveis e flexíveis, que

obrigada a existir num mundo cosmopolita no qual a diversidade cultural e dos estilos de vida é notável.

Pode-se também observar que isso altera as relações das instituições “guardiãs das tradições”, entre si e com o restante da sociedade, obrigando-as a lidar com valores estranhos às suas perspectivas originais. As religiões ficam, assim, sujeitas a processos mais reflexivos e, mesmo no caso de proclamarem oposição à modernidade, o faz ao mesmo tempo em que utilizam os recursos materiais e simbólicos disponíveis, próprios dessa época.

Se aceitarmos as teorias sobre a secularização, parecem consistentes as repercussões desse processo no universo religioso, inclusive no âmbito ritualístico. No caso da igreja católica, nossa hipótese é de que houve uma racionalização na liturgia como uma forma de “facilitar a participação frutosa dos fiéis”, como afirma Beckhauser (2013). Nesse sentido, a liturgia visa adequar-se a esse novo movimento para que sua assimilação seja o mais fácil possível pela comunidade.

É possível notar que as reformas apresentadas no Concílio Vaticano II, em especial na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, propunham a simplificação dos símbolos litúrgicos e revalorização da Palavra. Porém, na liturgia, em especial a católica a linguagem simbólica deveria prevalecer sendo ela o elo de comunhão com o mistério. Tillich (2001) dizia que é a linguagem simbólica que nos permitia entrar em contato com o inacessível, pois a linguagem simbólica é universal.

É nesse ponto também que surgem aqueles que em nome da fé são chamados de fundamentalistas. Esse termo é usado quando alguém é visto como fanático na vivência de sua fé ou interpreta um texto sagrado de maneira literal. Para Oro (2013), o termo vem sendo usado para as mais diversas religiões e culturas e para o autor se refere à pessoa que em nome da fé atua na política e na sociedade de forma extremista ou radical.

Muitos católicos não atuantes da missa tridentina consideram o grupo pesquisado como fundamentalista, pois baseado no argumento de Oro (2013) a modernidade colocou a religião no espaço privado, social e familiar e o grupo desse trabalho tenda trazer-la de volta encorajados em verdades sagradas e lutando por comportamentos sociais que fundamentem a própria sociedade.

Oro (2013), também enumera as características desse grupo, esses elementos também muitas vezes são vistos pelas pessoas que não compartilham das premissas do grupo e se sentem “perseguidos” pelos mesmos.

Calcificação de verdades do passado; originar-se em contexto de profundas transformações sociais, tem como estrutura na relação líder-fieis, uma gestão autoritária do aspecto sagrado e religioso; produzir um reforço das identidades, uma reintegração da vida a partir da fé e orientação ética numa linha individualista e moralista; e caracterizar-se pelo antagonismo ao diferente, o que leva a demonização do outro. (Oro, 2013, p. 71)

Porém, Oro (2013) finaliza sua tese afirmando que para a ciência a produção religiosa chamada de fundamentalista tem uma função social. Essa função diz respeito às necessidades que os indivíduos tem de terem atendidas suas necessidades sociais, familiares e políticas. Para o autor e baseado em Max Weber as práticas religiosas exercem funções de compensação para as pessoas e legitimação na sociedade.

Nesse ponto podemos salientar que não é porque uma pessoa faz parte de uma mesma religião que a outra que elas terão visões da fé de maneira igual. Pelo contrario cada corrente religiosa se apropriará da fé e a interpretará com sua própria expressão religiosa seja com palavras, símbolos ou relação com o sagrado. Essa afirmação vem em encontro com o que prega o Bourdieu ao falar do monopólio de uma Igreja dentro da sociedade. Para ele as aparências de unidade dissimulam a diversidade de pregações e experiências religiosas, semelhante ao que estamos trabalhando e os diferentes grupos dentro da Igreja Católica.

Outro ponto que requer atenção é o uso de tecnologias modernas para criar esse elo entre os adeptos.

Todos os envolvidos na pesquisa sofreram “sua conversão<sup>33</sup>” numa média dos últimos sete/oito anos e todos tiveram a internet como aliada nesse processo. Sobre esse fenômeno é importante observar a conversão dentro da própria religião a qual já participavam, mas de uma forma mais participativa e com esse retorno as origens.

Esse retorno busca por respostas as questões que afligem a contemporaneidade e faz o homem recorrer ao capital simbólico como resposta a seus dilemas. As redes sociais, responsáveis pela divulgação e ou especulação de vários assuntos. Essa situação gera um esgotamento social aliada a esses sujeitos por um maior aprofundamento e essencialismo dos dogmas que pregam.

---

<sup>33</sup> Palavra bastante repetida por todos os entrevistados e pelos fiéis dos grupos das redes sociais.

A fé no imponderável, no milagre e, portanto, um retorno ao místico, ao reencantamento religioso através da magia, parece ser o recurso plausível utilizado pelo homem na busca de uma resposta e justificativas frente às vicissitudes do mundo moderno. Os homens buscam no sobrenatural respostas para os seus problemas e, não raro, obtêm sucesso. E esse ‘conversar’ com as forças divinas parece preencher o vazio provocado por realidades opressoras eivadas de individualismo e solidão. (ALVES, 2002, p.22)

Os participantes desses grupos criam compromissos, vínculos e reforçam seus elos, praticas e valores fundamentados na tradição, pois, não se sentem sozinho em sua caminhada religiosa e são estimulados entre si. Numa perspectiva social, esses indivíduos possuem trajetórias semelhantes ou problemas parecidos, sendo esses fatores de união. Todavia, muitas dessas manifestações públicas são feitas de forma coletiva em grupos ou paginas destinadas a esse fim onde individualmente eles se manifestam.

Uma das principais discussões é o fato da perda de legitimidade dentro das estruturas sociais que redefinirão o papel da religião. Essa busca por aparato político, econômico e social é responsável por discussões de temas “tabus” que os levam muitas vezes a se pronunciarem “contra a maré.”.

Percebe-se que esse renascimento da tradição em tese se deve a diversidade religiosa presente em nossa sociedade. Essa liberdade dentro do espiritual abre espaço para novas designações religiosas todos os dias, entre essas estruturas estão à volta as origens católicas. Essa tolerância e pluralismo religioso são visto por todos os envolvidos como a principal crise porque passa a “Igreja de Cristo”. Porém, é essa tolerância religiosa que dar abertura a esse retorno das praticas tradicionais nos dias de hoje, caso contrario o movimento teria suas ações proibidas pela religião oficial.

Segundo Stell (2001), aspectos da tradição são reinventados no moderno, e aspectos da modernidade são incorporados pela tradição. Esse fato pode ser analisado, por exemplo, em relação a emoção e como ela se estabelece na religiosidade moderna através do engajamento total do individuo que alicerçado em textos, símbolos e vivencias expressam suas formas de crer.

Porém, para o grupo da Tradição do whatsapp essa citação é impossível perde o sentido da tradição. Eles exemplificam o fato da água e do óleo não se misturarem e quando isso é tentado vira uma “bagunça” litúrgica que se encontra no

*Novus Ordo*. Para eles evoluir não significa deixar o passado de lado, mesmo não podendo retornar no tempo, seus frutos podem ser vivenciados e conservados.

Todavia, compreendo que essas incorporações contemporâneas são inerentes aos indivíduos ainda mais, se tratando de religião que se difunde através de várias mídias sociais. Os grupos sociais incorporam práticas as suas vivências de acordo com o momento histórico que eles estão vivendo por isso, o grupo está misturando a tradição aos aspectos tecnológicos para difundir, pois são meios de comunicação.

Ou seja, tem o poder de transmitir uma mensagem e toda mensagem tem uma ideologia os vejo atuando dessa forma, porem isso não acaba com a tradição, até porque a tradição está junto da identidade do grupo independente do meio de difusão que esteja sendo usada essa identidade vai existir, mesmo com as fronteiras do eu e do outro.

Por fim, o resultado do eu é o reconhecimento do individuo no outro, mesmo que seja uma escolha pessoal e individual tem consequências no coletivo e nas variadas vertentes espirituais e materiais. Essa construção de identidades no âmbito virtual também possui caráter simbólico. Eu tenho que me publicitar, projetar minha imagem e ideais na que medida em que busco representação. Essas mídias sócias mostram o estabelecimento desses laços de afetividade mesmo que de forma abstrata.

#### 4.2. MULHER: FAMÍLIA, MORAL, GÊNERO E MODÉSTIA.

Outro ponto que me chamou a atenção e que abre debate para inúmeras vertentes é o posicionamento da mulher dentro desse universo da tradição e a retoma de papéis “originais” ditos pelos adeptos perdidos como uma forma de acabar e destruir a família tirando a mulher de sua dignidade e dando uma masculinização do feminino.

O primeiro ponto e que muito é tocado dentro dos grupos pesquisados é a questão da modéstia. A modéstia é uma virtude que tem relação com a dignidade da mulher e não se restringe pelo menos como julgam os adeptos a um simples pudor. Nesse ponto Pe. Paulo Ricardo diferencia as virtudes espirituais das quatro virtudes humanas: prudência, justiça, fortaleza e temperança. É justamente dentro dessa virtude que a modéstia se encontra.

Segundo o padre temperança é temperar, saber usar energias boas, bonitas dadas por Deus de forma moderada. Não é só o jeito de vestir a mesma pode ser dividida em cinco tipos: 1º humildade; 2º estudiosidade (estudar por conhecimento não por curiosidade); 3º corporal (atitude do corpo); 4º eutrapelia (moderam os jogos, as atividades lúdicas); 5º modéstia nos adereços.

Para o padre existe um moralismo fixado na questão sexual, como se o vestir-se bem das mulheres fosse colocar uma burca e não é esse o caso segundo o sacerdote. Ele enumera também que existem vícios por trás da modéstia: vaidade, sensualidade, preocupação excessiva e zelo e alguns vícios por defeito como: negligência, deslealdade e simples por vaidade.

O padre diz que em sua súplica teológica São Tomas, enumera o vestir leviano mais exageradamente sensual como um pecado venial, para o padre é isso que ocorre nos dias atuais visto que a realidade nossa do vestir denota essa tendência. Para o padre também as vestimentas femininas “tem sido um cavalo de batalha” para destruir a família, e para a unificação do vestir de homens e mulheres.

Num contexto histórico essa unificação surge quando da primeira guerra mundial mulheres vão para o mercado de trabalho já que, os homens encontram-se na guerra. Foi nesse período que se convencionou o uso da calça comprida, a partir disso o padre diz que houve uma masculinização das vestes femininas. Hoje as mulheres se vestem como homens e vão para o mercado de trabalho viver um sonho que é mais masculino que feminino afirma Pe. Paulo Ricardo. Esse pensamento também é propagado pelos defensores da tradição e em especial pelas mulheres participantes dele.

Porém, ouvindo três sacerdotes na opinião deles a calça comprida não é pecado, porém existe calças que salientam exageradamente o corpo da mulher levando a luxúria e isso é pecado por isso se recomenda o uso de saias e vestidos com caimento do joelho para baixo, evitar decotes exagerados e cubram-se os ombros. As mulheres pesquisadas salientam muito que não usam mais calças jeans e que na falta de roupas adequadas comprem em lojas de produtos evangélicos ou aprendem a costurar, retomando assim um hábito feminino.



**Figura 5: Modéstia Feminina**



**Fonte:** whatsapp grupo Católicos Tradicionais. 2016.

Outro ponto dentro da modéstia no vestir da mulher, está o uso do véu nas celebrações litúrgicas. Esse piedoso ato como se referem os adeptos da tradição mostra uma inversão de valores que se criou depois do Concílio Vaticano II onde seu desuso foi interpretado como proibição por muitos. O véu tem como objetivo esconder a mulher para que o Senhor seja o centro, não é necessária permissão do padre para seu uso e foi um símbolo resgatado pelas mulheres que frequentam as missas tridentinas. Como regra convencionou preto ou cinza para mulheres e branco para mulheres solteiras. Esse ato vem sendo resgatado também em grupos não tradicionais como na renovação carismática católica, onde moças podem ser vistas de cabeças cobertas.

Posso dizer que a primeira impressão que passa é de uma convenção machista onde a mulher é colocada de forma submissa. Porém como explica o Pe. Paulo Ricardo tudo que é sagrado na Igreja é coberto com um véu assim também é a mulher. Para fundamentar seu uso eles se utilizam da passagem bíblica de coríntios

Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta falta ao respeito ao seu senhor. E toda mulher que ora ou profetiza, não tendo coberta a cabeça, falta ao respeito ao seu senhor, porque é como se estivesse rapada. Se uma mulher não se cobre com um véu, então corte o cabelo. Ora, se é vergonhoso para a mulher ter os cabelos cortados ou a cabeça rapada, então que se cubra com um

véu. Quanto ao homem, não deve cobrir sua cabeça, porque é imagem e esplendor de Deus; a mulher é o reflexo do homem. Com efeito, o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem; nem foi o homem criado para a mulher, mas sim a mulher para o homem. Por isso a mulher deve trazer o sinal da submissão sobre sua cabeça, por causa dos anjos. Com tudo isso, aos olhos do Senhor, nem o homem existe sem a mulher, nem a mulher sem o homem. Pois a mulher foi tirada do homem, porém o homem nasce da mulher, e ambos vêm de Deus. Julgai vós mesmos: é decente que uma mulher reze a Deus sem estar coberta com véu? (I Cor 11, 4-13)

Recentemente na cidade de Itabaiana o pároco que celebrava a missa tridentina antes dessa passar para a capital já habituava as mulheres que frequentavam suas missas a restituírem o piedoso uso do véu como eles dizem. Esse conselho do sacerdote trouxe certa repercussão dentro da cidade visto que muitos veem a retomada de seu uso como medieval machista e sem necessidade nos nossos dias.

Inicialmente ao ser solicitado que fizesse uso do véu me senti pressionada a uma prática que não era da minha realidade fazendo uso apenas pelo fato da solicitação. Esse fato me fez aproximar de uma moça do grupo que confeccionou o meu véu visto que apenas pela internet teria acesso a compra-lo. Essa aproximação inicialmente ajudou em mais um questionário respondido posteriormente me fez ser mais aceita dentro do grupo, pois foi como eu finalmente tivesse me iniciado na tradição. O seu uso e o estudo do seu significado e simbolismo me fez gostar de usa-lo e leva-lo além da missa tridentina. Infelizmente por ser muitas vezes a única a usa nas celebrações a qual tive que ir deixo de me esconder que era seu objetivo e fico no centro onde olhares de curiosidade, espanto e admiração me cercam.

**Figura 6:** Posição de meninas e meninos na missa



**Fonte:** *whatsapp* Católicos Tradicionais. (2016).

Outro ponto, bastante discutido dentro dos grupos é o lugar da mulher dentro da Igreja. Muitas moças diziam que nós mulheres estamos sendo levadas a crer que devemos ocupar todos os espaços masculinos inclusive no sacerdócio. Muitas afirmam também que estando no altar no lugar do homem estamos tirando uma futura vocação que poderia aflorar. Também é questionado o fato da permissão pós Concílio de mulheres como coroinhas e acolitas e a existência em grande maioria de mulheres como ministras extraordinárias da eucaristia. Essa clericalização de leigos é errada e tenta tirar do ministro ordinário que é o pároco algo que só ele pode fazer por ter as mãos consagradas.

Sobre a presença feminina no altar, recentemente o Papa Francisco após a Jornada Mundial da Juventude afirmou que estaria instituindo uma comissão para a formação de mulheres ao diaconato. O diaconato é o ultimo estagio antes de o homem virar sacerdote ele é o responsável por assistir ao sacerdote podendo fazer batizados, as leituras se assim for nomeado pelo padre e distribuir a comunhão. Após o Concilio Vaticano II foi instituído também o diaconato permanente. Nesse caso o homem normalmente um leigo já casado e com filhos após uma longa preparação torna-se esse assistente do padre e pode de forma mais intima participar da Igreja. O diácono não pode celebrar a missa principalmente o momento eucarístico, nem confessar, nem administrar a unção dos enfermos.

As mulheres na Igreja nunca em nenhum momento da história exerceram funções sacerdotais, isso inclui o ler a palavra na S. Missa, fato mudado após o Concílio Vaticano II. Eles se baseiam na regra deixada por São Paulo para fundamentar essa doutrina

Como em todas as igrejas dos santos, as mulheres estejam caladas nas assembleias: não lhes é permitido falar, mas devem estar submissas, como também ordena a lei – (I Coríntios 14,34)

Eles se lembram de um cargo a muito esquecido dentro da Igreja que eram as diaconisas, porém, salientam que em nenhum momento as mesmas exerciam funções sacerdotais, pois a isso era destinado o Sacramento da Ordem específico dos homens. Eles citam como funções realizadas por essas mulheres.

Quanto às atribuições das diaconisas, definiam-se geralmente pelo exercício da caridade junto às mulheres da comunidade paroquial ou diocesana; assim:

- a) as diaconisas tratavam de pobres e doentes do sexo feminino; visitavam os cárceres e domicílios indigentes;
- b) instruíam e preparavam as mulheres para o Batismo; na administração deste sacramento, o ministro costumava fazer a primeira unção sobre a testa da catecúmena, cabendo às diaconisas a tarefa de ungir o resto do corpo; eram também as diaconisas que ajudavam as mulheres a descer na piscina batismal; as mesmas levavam de novo à presença do bispo as neófitas revestidas da veste batismal, a fim de serem crismadas;
- c) as diaconisas transmitiam às mulheres as ordens do respectivo bispo, e em geral se empenhavam pela conservação da boa ordem no culto e fora do culto;
- d) tinham outro papel importante sempre que fosse preciso tratar o corpo feminino, o que se podia dar ou em algum exame médico ou em vista do sepultamento. Em tudo as diaconisas estavam sujeitas aos diáconos, a quem deviam respeito e obediência. Ficavam-lhes estritamente vedadas a pregação da Palavra de Deus, a administração do Batismo em circunstâncias ordinárias, assim como o serviço do altar.- (DOM ESTÊVÃO BETTENCOURT, OSB. PERGUNTE e RESPONDEREMOS 027– março 1960, Diaconisas, quem eram? DOGMÁTICASUSPEITA (RJ).)

As mulheres são a maioria dentro da igreja pós conciliar muito mais que números podem observar tal fato indo a uma celebração dominical. A quantidade esmagadora dessa presença tem instituído nos últimos anos o desejo de muitas de participar mais ativamente da igreja. Em uma passagem bíblica a mulher é referenciada como o corpo do seu marido assim como a igreja é o corpo de Cristo.

Sendo assim os dois teriam papeis distintos dentro dessa instituição. A abertura pós-conciliar também possibilitou que mulheres tornam-se ministras e meninas acolitas ou coroinhas como é designado em alguns lugares.

Esse erro como afirma os tradicionais desvirtua a mulher e tem como base princípios feministas que querem destruir a Igreja. Não é preciso na concepção deles haver a disputa de quem é o mais importante, cada um tem seu papel e cita como exemplo o fato do homem não poder engravidar e nem por isso ser mesmo importante por isso. Dentro do grupo houve inúmeras discussões a respeito, pois uma das participantes era acolita em sua diocese e a fazer postagens de cursos de formação que tinha ou de sua atuação no altar eram duramente confrontados pelos demais membros com postagens incisivas sobre o assunto e de forma mais dura pediam sua saída do grupo por ter pensamentos modernistas e compactuar com os erros do concílio. A menina nunca respondeu a essas críticas dizendo apenas que estava com o que o padre dela ensinava. Que ela precisou passar por uma seleção e que precisa ser exemplo para as outras meninas da diocese. Não ver sua participação como uma afronta ou competição com os homens sobre o sacerdócio.

Ao criar essa comissão de estudo sobre as Diaconisas, o primeiro do novo milênio a igreja estuda a inclusão de mulheres de forma mais participativa nas cerimônias litúrgicas entre elas o batismo e o matrimônio. De acordo com o site da rádio vaticana a comissão será composta de leigos e religiosos, sendo seis mulheres, e o grupo terá como presidente monsenhor Luis Francisco Ladaria Ferrer, que atualmente é secretário da Congregação para a Doutrina da Fé.

Entre os nomes apresentados na matéria estão o da professora da Universidade *La Sapienza*, de Roma, Francesca Cocchini, e a professora de Teologia na Universidade de Viena e membro da Comissão Teológica Internacional, Marianne Schlosser, além de religiosos e professores de universidades da França, Nova York e Madri. Mostrando a heterogeneidade do grupo e das diferentes áreas de atuação que fazem o que a princípio mostra um enriquecimento de visão do assunto.

Ainda de acordo com a matéria, o grupo terá como missão estudar o que eram os diaconatos femininos na igreja primitiva, que são mencionados em algumas passagens bíblicas. Pois eles são citados em passagens bíblicas mais para o Vaticano seu real papel não fica claro, pois informações sobre o assunto desaparecem. Na verdade pelo que entendi é a tentativa de mais um resgate do

antigo dentro da Igreja tentando casar por assim dizer costumes a muitos deixados com a atual fase da Igreja. Houve também uma distorção de sites seculares que de forma tendenciosa a meu ver tentar mostra como se o Papa dissesse que agora iria ter mulher padre. Esses sites são os mais usados pelos adeptos da tradição o que de certo modo contradiz também suas ideias, pois esses sites possuem ideias contrárias a sua linha de pensamento.

Sites tradicionais e mídias sociais com o mesmo teor do mundo todo lotaram de informações de concílios antigos sobre essa participação da mulher e do papel da diaconisa como uma forma de mostra o grave erro que a Igreja fazia a entrar nessa esfera. A função de acólito desde os primórdios da S. Igreja era somente exercida por clérigos. Só após alguns séculos a Igreja admitiu garotos para exercer essa função. Essa função sendo própria do sacerdote, jamais poderia ser exercida por uma mulher. E a Igreja sempre deixou isso bem claro

S. Epifânio quem no séc. V escrevia: «Se as mulheres, no Novo Testamento, fossem chamadas a exercer o sacerdócio ou a cumprir algum outro ministério canônico, a Maria, antes que a qualquer outra, teria sido confiada a função sacerdotal. Deus, porém, dispôs diversamente, não lhe comunicando nem mesmo o poder ordinário de batizar. Quanto à categoria das diaconisas, se ela existe na Igreja, não existe para exercer o sacerdócio nem algum ministério deste gênero. As diaconisas são destinadas a salvaguardar a decência que se impõe no que diz respeito ao sexo feminino ". (HAER. LXXIX 3).

Concílio de Laodicéia (363-364): "Mulheres não devem ir ao altar" (Can.44)

Papa Gelásio I (492-496) "No entanto nós temos ouvido com impaciência que o desrespeito pelas coisas sagradas chegou a tal nível que até mulheres são toleradas na administração dos altares sagrados e que um sexo que não é qualificado trata de todas as matérias que foram confiadas unicamente ao serviço do homem". - Carta aos Bispos de Lucania, J. D. Mansi, *Sacrorum consiliorum nova et amplissima collectio* (Paris, 1901ff. ), vol. 8.44, cap. 26

Papa Bento XIV (1740-1758) citando Gelásio I (492-496) e Inocêncio IV (1243-1254): "O Papa Gelásio na sua nona carta aos bispos de Lucania condenou a maligna prática que foi introduzida de mulheres a servir o sacerdote na celebração da missa. Uma vez que este abuso se alastrou aos gregos, Inocêncio IV o proibiu estritamente em sua carta ao bispo de Tusculum: 'As mulheres que não se atrevam a servir no altar; este ministério deve-lhes ser totalmente rejeitado.' Nós também já antes proibimos esta prática com as mesmas palavras em nossa tantas vezes repetida Constituição *Etsi Pastoralis*, sect. 6, no. 21".- Encíclica *Allatae Sunt*, 26 de Julho de 1755

Essa imagem que se segue o Papa Francisco está numa reunião com 900 mulheres onde fez o anúncio dessa comissão. Acredito que possa ser algo que demorará a dar frutos e que mesmo chocando a parcela tradicional da Igreja, também não agradará a parcela mais liberal visto que não se refere a mulheres serem padres e sim oficializar o papel delas como auxiliares dos mesmos. Essa atuação vê mais como legitimidade ao fato das meninas acólitas ou coroinhas que já existem dentro da Igreja. É preciso dizer também que com isso o real sentido de pertença de homens e mulheres dentro da instituição ficaria mais claro. Em muitas paróquias as mulheres mesmo em grande número, são meras espectadoras da celebração não sendo o ensinamento deixado nas escrituras por Cristo.

Outro ponto ainda envolvendo a mulher e sua condição dentro da sociedade é a atuação e transformação de papéis femininos na modernidade. Nesse ponto o fator que mais elucidavam suas falas são as consequências que o movimento feminista trouxe de “bom” para o sonho feminino de emancipação. É sabido de todos que nós, mulheres hoje longe de vivermos apenas para o lar, somos muitas vezes a mantenedora do mesmo e nos desdobramos em três quatro jornadas nos sobrecarregando na função de mãe, esposa, dona de casa, estudante, profissional.

Segundo os tradicionalistas o que Deus e a Igreja tem para suas adeptas é algo mais perfeito, pois as dignifica e divide a tarefa com o marido deixando para as mulheres as funções que lhe são inerentes e que foram as mesmas que desempenhou a sua discípula mais fiel Nossa Senhora: mãe, esposa, dona do lar. Que a mulher tem que tê-la como exemplo tem que buscar nela se espelhar, que os grandes problemas que vivemos hoje nas famílias veem em decorrência dessa inversão de valores embutindo na mulher um desejo de competição com o homem e uma busca exacerbada por destaque na sociedade. Como já mencionei anteriormente muitas das adeptas estão concluindo ou já concluíram o ensino superior e estão hoje fora do mercado de trabalho por terem virado mães e assumirem o papel de educação dos filhos não negligenciando principalmente nesses primeiros anos de sua vida. Elas também se referem como “as capitães do altar de Cristo”: a família e que essa bela missão é algo que se não realizado estarão ferindo os desígnios de Deus para elas.

Para eles e mesmo sob o ponto de vista econômico, é preferível que a mulher fique no lar. Tudo quanto poderia ganhar com o seu trabalho, fica aquém do que se perde numa casa desordenada. Uma autêntica política social cristã deve ter

como exigência fundamental que o trabalhador receba um salário suficiente para permitir que a mulher fique em casa para se ocupar e cuidar dos filhos e do lar.

A vocação da mulher não abrange a sustentação da família, a política ou a ciência. [...] Bem disse Széchenyi: 'Ao homem pertencem a espada e a pena; à mulher, o lar e o berço'. Em tempos e circunstâncias normais, o caminho da mulher é o matrimônio e para ele tende, como que instintivamente, embora ocupe uma cátedra ou trabalhe numa fábrica. " CARDEAL JÓZSEF MINDSZENTY. "A mãe". Coleção Éfeso, Edit. Aster (2ª edição), Lisboa, 1956, pp., 14-15

"A Santa Madre Igreja, solícita, diz às mães terrenas: Ó mãe cristã! Deus te abençoou com um filho e converteu em alegria a tua dor. Agora podes, junto com o teu filho, implorar e louvar o santo nome de Deus. Dá graças a Deus e alegra-te com ele, mas não esqueças que a alegria só será plena se o teu filho crescer para a glória de Deus. Grava profundamente no teu coração estas palavras da Escritura: 'Se tiveres filhos, educa-os, orienta-os, corrige-os desde a infância'. Preocupa-te com o bem espiritual e corporal dos filhos. Ensina-os a pronunciar com os seus lábios inocentes de criança o nome de Jesus. Infunde nos filhos, no mais íntimo do seu coração, o princípio de toda sabedoria: o santo temor de Deus. Com advertências e indicações e, se for preciso, castigando-os, procura que os teus filhos se afastem dos caminhos do mal. Desde o princípio devem aprender a amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, e ao próximo como a si mesmos. Pede a Deus que os ampare com a sua graça para que não cresçam só em idade e estatura, mas na verdadeira sabedoria e no amor de Deus. O filho deve ser a tua alegria, o teu consolo e o teu apoio e assim o pedimos por Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem se deve todo o louvor e glória por toda a eternidade. (MINDSZENTY, 1956, p. 137-138.

No site flores da modéstia um dos principais guias femininos nos temas acima tratados eles expõem que a mulher precisa ser feminina, modesta e elegante. O site também eludi que a mulher pode sim trabalhar principalmente nos dias de hoje, não para pensar em luxo e coisas levianas e nem que se ausente o dia todo do lar der preferencia por um turno no caso o mesmo em que seus filhos encontram-se nas atividades escolares.

O site diz que essa busca de melhores escolares, melhores roupas, melhores brinquedos é uma busca vazia e que se num lar tem Deus e amor que todos esses elementos tornam-se supérfluos. E que menosprezar o que é próprio da mulher como os trabalhos domésticos e a maternidade colocando essas funções como monótonas e sem valor é próprio de um sistema que quer destruir a família.



As mulheres católicas são aconselhadas que aprendessem o que lhe seria natural como cozinhar, costurar e que a maternidade e o matrimônio longe de ser uma escolha é algo que tem que tender seu coração, pois foi para esses fins que Deus as criou.

Quando compreendemos com todo o nosso coração que cada filho que nos chega não é o mero resultado da cópula, um produto biológico da mistura de pai e mãe, mas uma criatura trazida à vida exclusivamente por vontade divina, e da qual o aspecto físico é apenas a pequena parcela visível a que temos acesso, paramos de nos preocupar com dinheiro, com parto, com casa, com enxoval, com roupas, com o que quer que seja e abraçamos a vontade de Deus cheios de amor, gratidão e confiança. Sim, não basta que haja material genético, biológico, humano para que a vida se faça: o essencial, isto é, a vida propriamente dita, não vem de nós, mas de Deus. Quando compreendemos isso, percebemos que Ele, e não eu sou o maior interessado e o maior responsável pelo surgimento da nova pessoa que se anuncia, de modo que, se Ele a quer, se Ele a deseja, se Ele a ama com um amor imensurável e enviou o Seu Filho para salvá-la, quem somos nós para nos inquietarmos e nos amedrontarmos diante do que quer que seja? Deus cria, Deus governa, Deus ama. Nós apenas cooperamos, ou não, com o processo. (A. parte da entrevista, 2016)

Esse mal como os adeptos da tradição dizem não é bem assim entendido no mundo secular. Longe de toda a esfera espiritual e religiosa podemos compreender essas mudanças nas funções e atividades exercidas pelo indivíduo em sociedade, como um fator social e evolutivo da sociedade. Segundo correntes sociológicas essas funções e esses padrões comportamentais variam conforme diversos fatores, e não é apenas o econômico ou religioso que os interferem e sim o cultural.

É nítido hoje o fato de a mulher estudar mais, a diminuição do trabalho braçal e aumento do trabalho intelectual que dar a mulher maiores condições de inserção nesse mercado, o casamento em idades avançadas e a diminuição do número de filhos. Porém o que tudo isso trouxe foi à transformação de uma obrigação e papel inerente da mulher para uma autonomia e maior controle de seu futuro.

Era perceptível em imagens do grupo que o modelo americano de família tendo a mulher nos afazeres domésticos é algo que precisa ser revivido, porém a sociedade secular mostra cada vez mais que a mulher é um ser que busca apenas uma igualdade de tratamento e liberdade de expressão de seus desejos e ideias antes sufocados em um padrão engessado. As mulheres não querem ser melhores

que os homens querem apenas ter os mesmos direitos que os homens e saírem do papel secundário para o mesmo destaque que os homens têm na sociedade.

Nesse ponto também a maternidade e a quantidade de filhos é debatido, pois para os tradicionalistas não devemos usar de métodos nem naturais para limitar o numero de filhos e sim entregar na mão de Deus para que ele nos envie quantos assim for seu desejo. Eles criticam também a sociedade que de forma pejorativa e por controle de natalidade instituído de forma pagã brinca com os casais que tem mais de três, quatro e cinco filhos. Esses casais se sentem marginalizados até por sua Santidade o Papa que em uma de suas ultimas declarações os chamam de “cristãos coelhos”. Os adeptos viram nisso um claro erro do Vigário de Cristo que institui o numero de três filhos como algo bom para constituição de uma família.

O Método de Ovulação Billings ou MOB é utilizado pelas mulheres do grupo sergipano e baiano, porém, não é bem visto pelas mulheres do grupo da rede social. Para os primeiros é algo que a Igreja e principalmente Deus deixou como fonte de controle caso o casal não possua mais condições reais não apenas econômicas de gerar mais filhos. Já as mulheres do grupo nacional os veem com uma ideia do marxismo cultural que adentrou a Igreja para junto das ideias modernista embuti nas mulheres um numero exato de filhos e uma falsa ideia de qualidade de vida alicerçada em padrões econômicos, educacionais e sociais.

Tanto no grupo de Salvador quando no grupo sergipano o numero de filhos realmente é pequenas sendo apenas duas participantes mães em cada local e o numero de filhos é no máximo quatro em um casal e uma media de dois nos demais. Existe também um caso onde mesmo já estando casados a três anos o casal não possui filho pelo que eu entendi por questões de emprego e estudo adianto esse fator para um momento mais adequado porem através do uso do MOB e sem descartar o fato de quererem muitos filhos. No grupo nacional a media de filhos sobe para quatro e a quantidade de mulheres que são mães também passa para dez e todas se orgulham de defenderem os valores cristãos e dentro de casa e levarem seus filhos para o caminho verdadeiro de Cristo.

No mundo secular é cada vez maior o numero de mulheres que não se veem dentro do padrão de esposa e mãe. As mesmas recebem criticas tanto por parte diversas partes, pois ainda está enraizada na cultura ocidental a mulher tendo o sonho de constituir uma família. Mulheres hoje não desprezam como é colocado a família e filhos mais cada vez mais tentam primeiro consolidar seu papel acadêmico

e profissional para depois pensar nesses papéis. As mulheres que não buscam a maternidade longe de não entenderem a importância desse papel na vida de uma mulher apenas não se sentem aptas para desempenhar essa função.

A maternidade não pode para elas ser apenas o ato de colocar alguém no mundo, ela enxergam essa atividade como algo que requer, mesmo numa participação ativa do home, renúncia e desprendimento. Em muitos casos o fato de duplas ou triplas jornadas vivenciadas por essas mulheres por suas mães fazem a mesma tenta pensando numa qualidade de vida renunciar ou em muitos casos adiantar esse feito. Somos o reflexo das primeiras mulheres que saíram da condição de apenas do lar e que não tem mais o homem como provedor para a mulher que se provem e provem os seus.

Essas mulheres em muitos casos também falam da sobrecarga que recebem, pois o homem acaba ficando inerte na educação dos filhos. Sendo assim, muitas também não esperam mais do homem para construção de suas famílias, mas usam de outros meios para esse fim. Essas mulheres também não acreditam que a feminilidade está apenas no fato de serem esposas ou mães e usam da liberdade adquirida para expressarem seus desejos e vontades.

Uma das críticas a esse ponto vindo da tradição é o fato de muitas terem sido criadas por terceiros e considerarem isso o fator primordial para muitas condutas erradas que tiveram antes de sua conversão. A negligência da maternidade e da educação doméstica visto a ausência de um dos dois, ou dos dois elementos cernes dessa estrutura afetou seu desenvolvimento por isso numa tentativa de não cometer o mesmo “erro” elas veem que a Igreja estava certa a falar do fato da mulher como capitã dessa nau.

Nessa inversão de papéis adentramos a mais um assunto que não cabe apenas em específico à mulher mais perpassa por educação, liberdade sexual e identidade. As questões de gênero tem sido um dos mais debatidos e conflitantes dessa uma esfera de temas aqui elencados eles foram um dos pontos que fizeram o grupo de Sergipe se unir e busca mudanças. A igreja e em especial a bancada presente dentro da câmara e senado tem criados situações de verdadeiro combate em relação ao assunto. Gênero compreendido segundo uma reafirmação do sexo biológico do indivíduo e não algo fluido que perpassa essa esfera.

O gênero é construído como o grande inimigo contra o qual devem unir-se, não apenas católicas, mas todas aquelas que defendem valores “humanistas”, especialmente a família entendida unicamente em sua realização heterossexual. A igreja pretende assim, atingir uma audiência ampla, que ultrapassa o universo de seus e suas fiéis apenas. Negando cientificidade às teorias de gênero, apresentadas sempre como unívocas – “a teoria de gênero” – e falsamente libertadoras, estas revertem o curso normal da natureza, negando que os seres humanos dividem-se em dois sexos. Carnac vê ainda nesse investimento da igreja contra o gênero, a reafirmação de sua posição anti-moderna. Ela recusa a pretensão à autonomia individual, negadora da necessária submissão às leis da natureza, de origem divina. Nega legitimidade à validação das normas reguladoras da sexualidade pela deliberação coletiva, própria dos processos democráticos. Para o autor, na controvérsia em torno do gênero, “o discurso da Igreja aparece mais intransigente que nunca” (NUNES, 2015, p. 1240).

Em 2010 o então Ministro da Educação Fernando Haddad encaminhou a Câmara de Deputados o Plano Nacional de Educação que apenas dois anos mais tarde foi aprovado e encaminhado para o senado onde em 2015 foi sancionada pela Presidenta Dilma. Esse plano tem como objetivo definir diretrizes e metas para a educação até 2020.

Porém, o que causou maior polemica é a parte que se refere à ideologia de gênero. Nesse ponto é preciso analisar a parte do documento que menciona o tema e como ficou após algumas emendas. Essa mudança vem como uma forma de se tentar trazer esse debate para sala de aula de uma forma mais institucionalizada.

O texto do relator, deputado Angelo Vanhoni (PT-SC) propunha estimular “a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”. No correr das votações no Congresso, o texto acabou alterado e a redação final aprovada refere genericamente: “a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. NUNES, 2015, p. 1241

A proposta inicialmente tratava de temas como igualdade, orientação sexual e sexualidade e a ideologia de gênero propriamente dita. Porém, as expressões acima transcritas são entendidas pelo grupo contrário em sua maioria formado por religiosos que vem no texto uma deturpação dos conceitos de homens e mulheres e põe em risco o modelo de família alicerçado em um homem, mulher e filhos.

Dentro dos muitos contestadores do assunto um texto ganhou destaque dentro dos grupos pesquisados. Dom Orani, cardeal do Rio de Janeiro usa de seu poder hierárquico dentro da Igreja católica e faz dura críticas ao assunto. Suas palavras tratam o assunto como uma doutrinação que está se instaurando dentro de nossas escolas.

É a leitura ideológica do 'gênero' uma verdadeira ditadura que quer anular a diversidade, homologar tudo até tratar a identidade do homem e da mulher como puras abstrações. É de perguntar-se com amargura se se quer fazer da escola 'campos de reeducação', de 'doutrinação'. Mas os pais ainda têm o direito de educar os próprios filhos, ou foram desautorizados de fazê-lo? Pediu-se a eles não apenas consentimento, mas antes a permissão explícita? Os filhos não são materiais de experimentação nas mãos de ninguém, nem mesmo de técnicos ou de ditos especialistas. Os pais não se deixem intimidar, têm o direito de reagir com determinação e clareza: não há autoridade que tenha esse direito (ADISTA ONLINE, 05 de abril 2014, s/p.).

Sendo assim, pode se compreender as palavras do cardeal como a fala oficial da Igreja e seu entendimento sobre o assunto como sendo uma desconstrução sociocultural que inverte as naturezas biológicas e confundi os papéis sociais distintos. Ele também se apoia na doutrina e na moral cristã.

Gênero seria uma forma de “apagar as diferenças naturais entre homem e mulher”. Em consequência, a destruição da família pela defesa da “liberdade de construção sexual”, da “autoconstrução livre da própria sexualidade” aparece como um segundo elemento presente na argumentação do texto. Em lugar do “matrimônio monogâmico e estável com bases religiosas”, haveria diversos “tipos de casamento”. NUNES, 2015, p. 1248

Essa fala e conceito de gênero são contraria principalmente as ideias da Teoria *Queer*, que fundamenta que não deveríamos nomear deste cedo menino ou menina e sim deixa que o indivíduo através de uma construção social de identidade mostre para que tendência tenda a ir. Para as pessoas que defendem essa via o gênero assim como a sexualidade é algo fluido e na verdade isso é algo que se estrutura dentro do meio e da cultural que se vive. A Igreja vê nisso um grave erro, pois vê isso como uma imposição algo que forçaria como já foi dito algo naturalmente estabelecido biologicamente.

Porém, os mesmos que defendem essa teoria dizem que estão longe de atacar a moral e doutrina religiosa, apenas estão apresentando uma reflexão que perpassa pela sociedade. Que tirar das escolas essa reflexão é você tirar direitos de

peessoas que não entendem seu papel dentro da sociedade, é fazer de um assunto amplo algo demoníaco.

Por fim, a questão retoma a figura feminina que segundo os tradicionalistas ao se tornar responsável pelo controle da natalidade tira essa ordem natural fazendo uma inversão de papéis. É preciso lembrar que foi esse o motivo que levou a origem do grupo sergipano. O mesmo luta duramente contra essas teorias e seus adeptos são encaminhados a estudos que comprovem o que vem ao encontro da Igreja.

#### 4.3. A EDUCAÇÃO EM DEBATE

Conhecido mundialmente como *homeschooling*, o ensino domiciliar é uma modalidade educacional onde os próprios pais ou responsáveis legais assumem a educação de seus filhos no âmbito doméstico. Tal tema gera um grande debate visto à falta de normatização desse tipo de ensino e do senso comum de que “lugar de criança é na escola”.

Historicamente, a educação não era delegada ao Estado, sendo as próprias famílias as responsáveis por tornar seus filhos letrados. A obrigatoriedade da educação e a ampliação da mesma para todos na contemporaneidade fazem o *homeschooling* ser mal interpretado e o tema ser deturpado para a grande população.

Para os que defendem a escola institucionalizada também está longe das expectativas, além de apresentar baixos índices em exames internacionais. Outro fator para muitos cristãos é a inserção de doutrinas como o relativismo e o marxismo na cabeça das crianças, desvirtuando as mesmas do ensino religioso e das coisas de Deus.

Nesse ponto, a pesquisa apresenta uma pouco dessa vertente do catolicismo que vem ganhando força e adeptos e que é um dos pilares para a retomada desse assunto, principalmente dentro do Legislativo e Judiciário. Em linhas gerais, essa corrente defende que a missão dos pais é de levar os filhos para as coisas do céu, sendo essas as principais riquezas que podem ser deixadas pelos pais aos seus pupilos. Sendo que a negligência nesse assunto afeta a salvação de todos.

No Brasil, a constituição de 1988, não permite nem proíbe o ensino domiciliar. No artigo 205, dispõe que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. Mais adiante, no artigo 206, defende que o ensino seja ministrado com base

nos seguintes princípios: liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber. Sendo assim, a livre interpretação dar a entender que o *homeschooling* não ofende nenhum dos artigos e que, na verdade, se utiliza deles para existir e se tornar legal.

Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu artigo 6º, afirma que “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos quatro anos de idade”. Esse dever é também previsto no Estatuto da Criança do Adolescente (ECA) em seu art. 55 “Os pais ou responsáveis tem obrigação de matricular seus filhos na rede regular de ensino”. Por essas leis, o *homeschooling* vai contra o que está institucionalizado e fere a lei, porém, o mesmo pode ser entendido como uma forma de proteção a crianças e adolescentes em situação de risco e para que os mesmos possam ter os seus direitos básicos assegurados.

Já o Código Penal brasileiro prevê sanção, em seu artigo 246, para quem: “Deixar, sem justa causa, de prover à instrução primária de filho em idade escolar”. Nesse caso, também a lei pode vir a ser interpretada e até mesmo questionada, pois, todos os pais que adotam esse método possuem altos níveis educacionais e não privam seu filho do conhecimento; apenas o repassam de uma maneira diferente. Além do conhecimento que pode muito bem ser medido pelos filhos dos mesmos em provas tradicionais ou através de outros meios avaliativos.

No Legislativo, a educação domiciliar já vem a um bom tempo buscando uma aceitação. Pimentel (2016), nos mostra que, em 1994, o Projeto de Lei nº 4657/94 já pretendia regulamentar o ensino domiciliar do antigo 1º grau. Já em fevereiro de 2012, o deputado Lincoln Portela (PRB/MG) apresentou na Câmara de Deputados uma nova proposta para a regulamentação dessa modalidade. Em todos os casos acima citados, houve audiências que tinham como objetivo saber a opinião popular sobre o assunto e ouvir de especialistas quais os pontos positivos e negativos para um verídico. No entanto, ainda não se chegou a uma solução.

Durante as pesquisas, e em conversas informais com pais *homeschooleres*, conseguir descobrir casos favoráveis de sua situação perante a justiça. Tivemos três decisões recentes a favor da educação domiciliar

- no interior de São Paulo, o juiz reconheceu a primazia do direito dos pais em relação a educação dos filhos, e que o *Homeschooling* não contraria nenhuma lei constitucional ou infraconstitucional;
  - o Tribunal do RS emitiu duas decisões favoráveis: uma determinando o sobrestamento total da ação até o julgamento do recurso pelo STF, com repercussão geral;
  - e outra, deferindo efeito suspensivo, afastando a decisão liminar do juiz de primeiro grau, a qual havia determinado a imediata matrícula do menor.
- Disponível em:  
<https://www.facebook.com/allandossantosbr/videos/924892730969966/?permPage=1>. 2016. Acesso em: 26 fev. 2019.

O perfil das famílias interessadas em educação domiciliar seria de pais dispostos a investir tempo e recursos na formação intelectual de seus filhos, desejando mais ativamente participar desse processo. O *homeschooling* é um estilo de vida.

Longe de ser algo solto, um dos principais pilares dessa modalidade é o planejamento, a organização e a disciplina. Os pais precisam estar de acordo e a mãe, normalmente, abdica de sua carreira profissional e opta por se dedicar ao lar e à família com a ajuda e apoio do pai. Um planejamento precisa ser seguido e tudo precisa ficar registrado como uma forma de memória e avaliação do crescimento do aluno, assim como é feito nas escolas tradicionais.

As aulas são de segunda à sexta, 5 horas diárias, distribuídas ao longo do dia, são três horas na parte da manhã normalmente, e uma ou duas na parte da tarde (mas claro bem flexível conforme a rotina familiar). E temos uma hora para leitura da noite em família, que faz parte da rotina de segunda a segunda. A leitura é uma dos principais diferenciais das crianças dessa modalidade. Em média, na escola, uma criança lê de dois a três livros – isso em escolas particulares., no *homeschooling*, esse número pode chegar a 20 ou 30 livros.

Sendo assim, um ano letivo de uma família *homeschooling* é normalmente de: 5 horas diárias; 25 horas semanais; 100 horas mensais; Aproximadamente 100 horas para atividades extras, com um total do ano letivo em 1.200 horas. Entre as disciplinas, além da grade tradicional, aulas de catecismo, latim e música ganham destaque, além de atividades como xadrez, visitas a parques e museus e jardinagem.

Outro ponto, tocado foi o fato de que, dessa forma, os pais estão cientes do que é passado a seus filhos e não há invenções ou distorções de fatos., Ensinarão



o que se encontra nos livros e pronto; não dariam margens a outros temas. Sobre essa afirmação, há a relevância de um engajamento do conteúdo e do ensino sobre o fato de ver a educação de forma arcaica como um simples “decoreba”, o que foi mal interpretado pelos adeptos que acreditam ser essa desculpa de embutir ideias desnecessárias nos conteúdos escolares. Isso não quer dizer que a criança não tenha o direito de questionar, apenas não teria acesso a algo que foge do julgamento correto de seus pais. Para eles, as crianças precisam de uma educação cristã acima de tudo, e nada mais.

Sendo assim, podemos constatar que o ensino domiciliar ainda tem um grande caminho jurídico a ser percorrido, porém, porém, seus defensores se munem de brechas legais para a sua efetivação.

#### 4.4. POLITICA E RELIGIÃO

Por fim outro tema que foi bastante debatido dentro dos grupos é a questão política em especial o combate deles contra o PT e o comunismo e a retomada a monarquia. Para entender melhor esse debate e não querendo aqui fazer um debate extenso sobre o mesmo elucidarei apenas o que percebi dentro desses meses e a partir de falas dos mesmos.

Segundo os tradicionais a Igreja Católica é universal sendo assim não está vinculada a nenhuma ideologia partidária. Para eles a Igreja não se confunde de modo algum com a comunidade política e admite que os cidadãos tenham opiniões legítimas mais que as mesmas não discordem do ensinamento religioso.

Para eles há partidos que abusam da pluralidade de opinião para defender absurdos contra a vida e a família como o aborto e o casamento homossexual. Para isso eles citam o cânon 2246 do catecismo católico que diz

Pois faz parte da missão da Igreja “emitir juízo moral também sobre as realidades que dizem respeito à ordem política, quando o exijam os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, 663.)

Sendo assim, no III Congresso do PT ocorrido em 2007 foi defendida uma resolução para que o Brasil fosse um país de homens e mulheres livres e iguais dando às mulheres a legitimidade do aborto e a regulamentando o atendimento

desses casos no serviço público. Essa afirmação é entendida por eles como um claro atentando a tudo o que a Igreja prega. Segundo ele mesmo com as ações sociais realizadas ao longo do seu governo o partido fere princípios básicos do cristianismo. Eles usam também a metáfora do litro de água com uma gota de veneno quem se arriscaria a tomar?

Por fim, para meu espanto e surpresa uma grande maioria dos que participaram do projeto se mostram favoráveis ao retorno da monarquia e usam até a bandeira do Brasil monárquico e mudam fotos do perfil de redes sociais com o intuito de difundir essa ideia. Para eles na monarquia teria uma diminuição do uso de dinheiro público utilizado em campanhas e o monarca não estaria vinculado a convenções partidárias e sim ao povo. Eles também dizem que a monarquia no Brasil poderia ser parlamentarista e falam do conduto do monarca. Para eles, os reis príncipes e princesas que existem atualmente ferem também com a moral e bons costumes. É preciso ter essa cautela do que defende o rei e se o mesmo não é envolvido com coisas contrárias como a maçonaria como era o caso de D. Pedro II.

Por fim, percebi que muito mais que apenas retorno de uma tradição religiosa os grupos pesquisados passeiam por costumes e diversas esferas buscando não apenas a volta de uma religião ao centro da sociedade mais de toda uma estrutura hoje em alguns casos marginalizada.

## 5 CONCLUSÃO

Mesmo sendo de família católica senti dificuldades em realizar esse projeto. O pluralismo de ritos existentes no catolicismo não me era familiar. Nos primeiros contatos foi preciso ampliar o olhar e evitar o julgamento prévio. Sai do óbvio e buscar algo mais concreto sobre a origem da questão me fez perceber o quanto complexa é a Igreja Católica.

A Igreja Católica mostra sua resistência às tribulações se adaptando as diferenças que venham a agradar seus adeptos. O retorno às origens é algo que não apenas no sagrado, mas no profano tem se tornado uma via. Como diz o velho ditado você não sabe para onde vai sem conhecer de onde veio.

Algumas coisas fazem perceber que longe de ser uma imposição à tradição é uma escolha de quem conhece a fundo a religião a qual por desconhecimento está sendo combatida como inimiga. Esse desconhecimento doutrinário pode ser sentido quando tentei entrevistar jovens que não conheciam o rito. O engano, a troca e o desconhecimento faz pensar como ainda por enraizamento histórico a religião, que não é mais oficial, se perpetua e se mantém viva.

Conhecer também as rubricas leva você a buscar alguma dignidade na celebração e faz perceber os quão parecidos estamos dos nossos irmãos neopentecostais. Também pude perceber que de cada rito migram pessoas que pessoas que viveram em religiões parecidas. Nesse caso cito a jovem anglicana que encontrou na tradição o seu retorno ao catolicismo, enquanto que três indivíduos da Igreja Universal viram na Renovação Carismática sua porta de entrada para a Igreja Universal.

Sobre o rito posso resumir em dez pontos as principais diferenças: não existe acólitas, no rito Tradicional que usa a liturgia anterior ao Concílio Vaticano II, ainda seguindo as rubricas anteriores ao último Concílio não temos leigos leitor sendo o padre o único a fazer as leituras. Sobre esse fato podemos contextualizar que antes da supressão pelo Papa Paulo VI em 1972, as ordens menores incluíam a função de “leitor”, outro elemento são os ministros extraordinários da Comunhão aqui como foi apresentado os tradicionalistas se referem ao fato de apenas o sacerdote com suas mãos consagradas poderá distribuir a eucaristia, que o elemento excepcional hoje é comum em todas as paróquias em especial a participação de mulheres. Ainda sobre a eucaristia no Rito Tradicional apenas na boca e de joelhos é permitido sua

distribuição, demonstrando assim segundo os tradicionalistas grande reverência pela presença Real de Nosso Senhor na Eucaristia. O ponto mais chamativo o padre o rito da missa é celebrada com o padre e os fieis virados *ad orientem* (para Oriente), pois, o rito está sendo uma rememoração do Santo Sacrifício de Deus. Sobre a música que se ouve podemos dizer que os Cantos Gregorianos têm um ar sublime e de reverência a celebração, pelo menos essa é a sensação de quase todo mundo que os escuta. A quantidade de genuflexão; a pessoa que assiste a missa Tridentina com certeza percebe que o número de vezes onde os fiéis se ajoelham é bem maior. Também não há lugar para acréscimos, pois, no rito Antigo as normas são precisas e até “rígidas” segundo os adeptos para que haja obediência e fidelidade. Não há a paz de Cristo, famoso aperto de mão entre os fiéis que vão as celebrações da missa nova. Esse tipo de cumprimento fica para o final da celebração e por fim, mas, não menos importante a língua litúrgica do Rito Romano o Latim é ouvido em todas as celebrações que seguem esses cânones. O latim é utilizado desde o século III em celebrações litúrgicas da Igreja Católica.

Já sobre os adeptos a pesquisa me mostrou um novo leque de denominações pouco ou não conhecidas que justamente lidam com o viés plural que a Igreja Católica é. Nesse ponto apresento como os fieis do catolicismo não podem ser divididos em apenas duas e que as quatro que se seguem também não delimitam o quanto complexo é. As mesmas me foram apresentadas por um dos entrevistados do grupo da tradição e traduzem melhor como enxergar essas relações pessoais:

O modernista: aquele que vê no concílio uma ruptura com o passado tradicional, como se uma nova igreja tivesse surgido a partir daí e é essa igreja nova que seria a melhor. É a posição, por exemplo, de Leonardo Boff e um pouco de um padre entrevistado.

O conservador: concorda que o concílio deve ser seguido, mas não vê uma ruptura com o passado. O concílio teria feito reformas pontuais e não construído uma nova igreja e deve ser visto em continuidade com a tradição nesse caso a Hermenêutica da continuidade. Tenta agregar o antigo com o novo, e pelo pouco tempo do Concílio afirma que ele ainda não está completamente incorporado. Essa é a posição, por exemplo, de Bento XVI, Pe. Paulo Ricardo, dos padres que rezam a missa tridentina em Sergipe e da maioria dos membros do grupo sergipano.

O tradicionalista: ele enxerga que o concílio promoveu uma ruptura com a tradição, mas prefere ficar com a tradição e se opor ao concílio em muitos casos de forma exagerada enxergando em tudo pós conciliar um pecado e algo que precisa ser eliminado. É o caso da FSSPX, da MONTFORT e da maioria do grupo de Salvador e do *whatsapp*.

O sedevacantista: ele acredita que existe uma Igreja Católica que ele segue e uma Igreja Conciliar que é a que se encontra, são extremistas em suas posições e julgam a todos como hereges. Normalmente homens que usam das doutrinas da fraternidade de Lefebvre e seguem a risca os ensinamentos deixados, não aceitam nem dialogo com nada nem ninguém que mencione o Concilio Vaticano II. Então, ele chega a conclusão de que o concílio foi completamente inválido e que, pelo menos desde Paulo VI não existe um verdadeiro Papa na Igreja, mas apenas hereges usurpadores. A Sé de Roma está vacante. Essa posição é ainda mais rara que a dos tradicionalistas. Porém mesmo sem nunca confessarem dois jovens no grupo da rede social em muito se assemelham a esse pensamento. As pessoas que seguem essa linha normalmente são excomungadas pela Igreja.

Outro ponto é a visão pelos Papas de cada grupo. Em geral Bento XVI é visto além de grande teólogo e participante fruto do Concilio alguém que tentou restituir a igreja trazendo a mesma dignidade e restituindo muito do que havia se perdido. Sua Hermenêutica da Continuidade e seu Motu Próprio deram frutos e mesmo sem dados estatísticos trouxe para a igreja uma parcela de jovens que se sentiam órfãos.

O Papa Francisco é visto com desconfiança e receio em muitos dos casos. Ele é o primeiro papa que não participou diretamente do concilio tendo colhido seus frutos, principalmente na parte pastoral durante o tempo na capital argentina. Ele traz uma linguagem e um jeito próprio para a Igreja. Em partes suas falas usadas de forma solta pela imprensa passam impressões erradas. Os tradicionalistas buscam uma postura mais rígida dele principalmente em audiências públicas e sobre temas polêmicos. O respeito pelo Vigário de Cristo é algo complexo dentro do grupo.

Já o Concilio vive seu jubileu e como todos tentam elencar os erros cometidos por uma ou outra má interpretação não podem ser levadas como regra para o que propagam e está sendo proposto. Ele ainda não foi todo colocado em prática e por isso seus frutos ainda demoraram a ser vistos. As ressignificações vividas nos mais diferentes aspectos da sociedade fizeram esse concilio ter conotações diferentes para a Igreja, que deste sua era primitiva codificava seus ritos não os mudava.

O presente trabalho poderia aprofundar mais uma serie de assuntos sociais ligados a fatores que levam ao crescimento e fortalecimento dos grupos porem preferir me delimitar-nos que casavam nos três grupos que vivenciei. As perguntas trazidas nos gráficos foram apenas o inicio que resultou nos diálogos das questões sociais discutidas no capítulo III. A muito ainda a ser compreendido sobre essas razões e ainda não foi respondida por esse trabalho inicial.

## REFERÊNCIAS

ALBERICO, Giuseppe. **Breve História do Concílio Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2006.

ADISTA. L'invito del card. Bagnasco: Genitori, Ribellatevi ala "Dittatura di Genere" instillata a scuola. **Adista Online**, Roma, n. 13, 05 abr. 2014. Disponível em: <http://www.adistaonline.it/index.php?op=articolo&id=53768> Acesso em 28 fev. 2019.

ALBERICO, Giuseppe. MELLONI, A. Edizione critica e comentata della Gaudet Mater Ecclesia, in Fede, Tradizione e Profezia; ALBERIGO, G. e MELLONI, A. **Verso il Concílio Vaticano II (1960-1962)**. Passaggi e problemi della preparazione conciliare. Genova, 1993.

ALDAZABAL, José. **Gestos y símbolos**. Dossiers CPL. 1989.

AQUINO, Felipe. **História da Igreja: Concílio Vaticano I**. Cléofas, 2019. Disponível em: <https://cleofas.com.br/historia-da-igreja-concilio-vaticano-i/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

BECKHÄUSER, Alberto. **Sacrosanctum Concilium: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2012.

BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 concílios da Igreja: de Nicéia ao Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2010.

BELLO, Jonathas. **A ortodoxa eclesiologia do Vaticano II e outras questões**. Apostolado Veritatis Splendor, 2006.

BEOZZO, José Oscar. Concílio Vaticano II: Continuidade e Singularidades. **Revista Contemplação**, 2015 (11), Ed. Especial, p.55-74. Disponível em: [file:///C:/Windows/system32/config/systemprofile/Downloads/76-78-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Windows/system32/config/systemprofile/Downloads/76-78-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 28 fev. 2019.

BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. **Liturgia no Vaticano II**. Novos tempos da celebração cristã. São Paulo: Paulus, 2014.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo**. São Paulo, ASTE, 2004.

BRANDOLINI, L. **Ministeri e servizi nella chiesa di oggi**. 2ª e. ampl. Edizioni Liturgiche, Roma, 1992.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília: MEC/SEF. 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília: MEC/SEF. 2012.

**Catecismo Maior de São Pio X**. Permanência. 2009.

**Catecismo Romano**: nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Petrópolis: Vozes, 1951.

CHUPUNGCO, Anscar. **Liturgias do futuro**: processos e métodos de inculturação. São Paulo: Paulus, 1992.

COELHO, Jairo de Sousa. **Liturgia e compromisso cristão à luz e a partir da *Sacrosanctum Concilium*** - Belo Horizonte, 2017.

**Concílio Ecumênico de Trento (1545-1563)** Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilio/trento/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

COSTA, C. J. MARTINS, F. J. S. **Análise histórica, religiosa e educacional sobre o catecismo do Santo Concílio de Trento**.

COSTA, Grasielle Aires da. **O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner**: análises e comparações. ASPAS.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

DIAS, Juliano Alves. **Sacrificium Laudis**: a hermenêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo tradicional (1969-2009). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109154/ISBN9788579831249.pdf?sequence=2>. Acesso em: 28 fev.2019.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Tradução de Manuela Torres. Edições 70. 1965.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2006.



GY, Pierre-Marie. Notas históricas sobre a Constituição Litúrgica. In: BARAÚNA, Guilherme. **A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio**: estudos e comentários em torno da Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1964.

KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais, católicas e ortodoxas, tradições vivas**. São Paulo: Ave Maria edições, 1997.

KLOPPENBURG, B. **Concílio Vaticano II**. Vol. I: Documentário pré-conciliar. Petrópolis: Vozes, 1962; vol. II, 1963; vol. III, 1964; vol. IV, 1965; vol. V, 1966.

KOUBETCH, Basilio Padre. **Uma só Igreja Católica com muitos ritos**. 2015. Disponível em: <https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/3.5.1-Igreja-e-Rito.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

KOUBETCH, Pe. Basilio. **Uma só igreja católica com muitos ritos**. 2015. Disponível em: <https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/3.5.1-Igreja-e-Rito.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

LEFEBVRE, Marcel Dom. **Declaração de Dom Lefebvre**. 1974. Disponível em: <https://monsenhorlefebvre.wordpress.com/2010/12/28/declaracao-de-dom-lefebvre-%E2%80%93-1974/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

LIBÂNIO, João Batista. **Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento**. Cadernos de Teologia Pública. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/016cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MARSILI, S. Teologia da celebração da eucaristia. In: AA.VV. A. **A eucaristia, teologia e história da celebração**. São Paulo: Paulinas, 1992.

MINDSZENTY, CARDEAL JÓZSEF. **A mãe**. Coleção Éfeso, Edit. Aster (2ª edição), Lisboa, 1956.

MONTFORT Associação Cultural. **A Religião do Concílio Vaticano II - Parte II**. Disponível em: [http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/religiao\\_vaticano\\_ii\\_parte\\_2/](http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/religiao_vaticano_ii_parte_2/). Acesso em: 28 fev.2019.

NEUNHEUSER, Burkhard. **História da Liturgia através das épocas culturais**. São Paulo: Loyola, 2007.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero: uma questão incômoda para as religiões. In: SOUZA, Sandra Duarte de; SANTOS, Naira Pinheiro dos (Orgs.) **Estudos Feministas e Religião**: Tendências e Debates. Curitiba: Ed. Prisma. 2015.

**PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L.** Dicionário do **Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas / Paulus, **2015**, (Coleção Dicionários).

PAULO VI, Papa. **Carta Encíclica MYSTERIUM FIDEI**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_03091965\\_mysterium.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_03091965_mysterium.html). Acesso em: 28 fev. 2019.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Coleção Passo a Passo. Zahar.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

PEIXOTO, M. C. Leite. Religião, secularização e modernidade. **Mediação**, Belo Horizontes, vol.14, n.15, 2012.

PIERUCCI, Antonio Flavio. **Reencatamento e Dessecularização**: A Propósito do Auto-Engano em Sociologia da Religião. Novos Estudos Cebrap, 49: 99-119.

PORTELLA, Rodrigo. Só o passado salva: reflexões sobre identidades católicas alicerçadas em elementos pré-conciliares. **Rev. Pistis Prax.**, Teol. Pastor., Curitiba, v. 6, n. 3, p. 1035-1056, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/8153/7913>. Acesso em: 28 fev. 2019.

RATZINGER, Joseph. **O sal da terra**. 1996.

**Revista Brasileira da História das Religiões**. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010.

Disponível em:

[https://www.academia.edu/23176838/ENTRE\\_RUPTURAS\\_E\\_PERMAN%C3%80NCIAS\\_O\\_CONC%C3%80LIO\\_DE\\_TRENTO\\_SOB\\_AN%C3%80LISE](https://www.academia.edu/23176838/ENTRE_RUPTURAS_E_PERMAN%C3%80NCIAS_O_CONC%C3%80LIO_DE_TRENTO_SOB_AN%C3%80LISE). Acesso em: 28 fev. 2019.

RIBEIRO, Henrique da Silva; PETERS, Carlos Eduardo Marotta. **Entre rupturas e permanências**: o Concílio de Trento sob análise. Disponível em:

[https://www.academia.edu/23176838/ENTRE\\_RUPTURAS\\_E\\_PERMAN%C3%80NCIAS\\_O\\_CONC%C3%80LIO\\_DE\\_TRENTO\\_SOB\\_AN%C3%80LISE](https://www.academia.edu/23176838/ENTRE_RUPTURAS_E_PERMAN%C3%80NCIAS_O_CONC%C3%80LIO_DE_TRENTO_SOB_AN%C3%80LISE). Acesso em: 28 fev. 2019.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Tradução de Walter O. Schlupp. Sinodal, 2001.

TRINDADE, Manuel de Almeida. **O concílio Vaticano II e a constituição sobre a Sagrada Liturgia**. BPL 73, 1994.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual** Estrutura e Anti Estrutura. São Paulo: Vozes, 1974.

VENARD, Marc in ALBERIGO, Giuseppe (org.) **História dos Concílios Ecumênicos**. Paulus. 4ª ed, 1995.

ZEPEDA, José de Jesús Legoretta. **Secularização ou ressacralização?** O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. Tradução de Paula Carpenter. RBCS Vol. 25 n° 73 jun. 2010.